

Universidade Federal do Rio de Janeiro

O reconhecimento do patrimônio cultural da UNIRIO, RJ: uma
contribuição do projeto paisagístico do *Campus Pasteur* 436

Flávia Contin Ramos

2020



PROARQ

O reconhecimento do patrimônio cultural da UNIRIO, RJ: uma contribuição do projeto paisagístico do *Campus Pasteur 436*

Flávia Contin Ramos

Dissertação de mestrado Profissional em Projeto e Patrimônio apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Projeto e Patrimônio.

Orientadora: Andrea Queiroz Rego

Rio de Janeiro

Novembro 2020

O reconhecimento do patrimônio cultural da UNIRIO, RJ: uma contribuição do projeto paisagístico do *Campus Pasteur 436*

Flávia Contin Ramos

Orientação: **Andrea Queiroz Rego**

Dissertação de Mestrado Profissional em Projeto e Patrimônio submetida ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Projeto e Patrimônio.

Aprovada por:

Presidente, Prof.^a Dra. Andrea Queiroz Rego

Prof.^a Dra. Vera Regina Tângari

Prof.^a Dra. Maria Ângela Dias

Prof.^a Dra. Ivete Mello Calil Farah

Rio de Janeiro

Novembro 2020

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

CR143 r Contin Ramos, Flávia
O reconhecimento do patrimônio cultural da
UNIRIO, RJ: uma contribuição do projeto paisagístico
do Campus Pasteur 436 / Flávia Contin Ramos. --
Rio de Janeiro, 2020.
155 f.

Orientador: Andrea Queiroz Rego .
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e
Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura,
2020.

1. projeto paisagístico. 2. sistema de espaços
livres. 3. campus universitário. 4. patrimonio
cultural universitário. I. Queiroz Rego , Andrea,
orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

RESUMO

O RECONHECIMENTO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DA UNIRIO, RJ: UMA CONTRIBUIÇÃO DO PROJETO PAISAGÍSTICO DO CAMPUS PASTEUR 436

Flávia Contin Ramos

Orientador: Andrea Queiroz Rego

Resumo da Dissertação de Mestrado Profissional em Projeto e Patrimônio submetida ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Projeto e Patrimônio.

Este trabalho trata do tema dos espaços livres, em específico dos *campi* universitários, com um estudo de caso do *Campus Pasteur 436*, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e tem como objetivo geral o projeto de espaços livres como elemento estruturador e agregador capaz de contribuir para a formação da ideia de *campus* universitário, por meio da identificação de seus valores materiais e imateriais. A metodologia empregada para a pesquisa envolveu métodos variados como pesquisa historiográfica com o levantamento e análise de documentos iconográficos, cartográficos, cartoriais e bibliográficos; pesquisa de campo qualitativa com o levantamento morfológico e análise dos principais elementos estruturadores do *campus*; pesquisa de campo qualitativa etnográfica sobre a dinâmica funcional do sistema de espaços livres do *campus* e a análise sistematizada de projetos paisagísticos de *campi* universitários e construção de diferentes cenários projetuais. A aplicação desta metodologia permitiu reconhecer o contexto histórico que levou a conformação do *Campus Pasteur 436* e analisá-lo nas suas dimensões morfológicas e de suas apropriações para assim identificar as suas principais fraquezas e potencialidades. A partir do reconhecimento do patrimônio cultural universitário do *campus* em questão e associadamente com as análises dos projetos paisagísticos de outros *campi* universitários, foram definidas duas estratégias para o projeto paisagístico: unidade e diversidade, sendo a primeira relacionada à materialidade para a construção de uma identidade para o *campus* e a segunda referente às distintas ambiências inerentes ao *campus* para o desenvolvimento de um sentido de pertencimento. Desta forma foi elaborado, em linhas gerais, o projeto paisagístico do *campus* com uma rota única, interligando todos os edifícios e a criação de três centralidades – as três áreas de evento, reconhecendo a diversidade das atividades que ali ocorrem.

Palavras-chave: Projeto paisagístico. Sistema de espaços livres. *Campus* universitário. Patrimônio cultural universitário.

Rio de Janeiro

Novembro 2020

ABSTRACT

THE RECOGNITION OF UNIRIO'S CULTURAL HERITAGE, RJ: A CONTRIBUTION OF THE LANDSCAPE PROJECT OF CAMPUS PASTEUR 436

Flávia Contin Ramos

Orientador: Andrea Queiroz Rego

Abstract da Dissertação de Mestrado Profissional em Projeto e Patrimônio submetida ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Projeto e Patrimônio.

This work deals with the theme of free spaces, specifically on university campuses, with a case study of Campus Pasteur 436, from the Federal University of the State of Rio de Janeiro (UNIRIO) and has as its general objective the design of free spaces as a structuring element and aggregator capable of contributing to the formation of the university campus idea, through the identification of its material and immaterial values. The methodology used for the research involved varied methods such as historiographical research with the survey and analysis of iconographic, cartographic, notary and bibliographic documents; qualitative field research with morphological survey and analysis of the main structural elements of the campus; qualitative ethnographic field research on the functional dynamics of the campus free space system and the systematic analysis of landscape designs for university campuses and the construction of different design scenarios. The application of this methodology made it possible to recognize the historical context that led to the formation of Campus Pasteur 436 and to analyze it in its morphological dimensions and its appropriations in order to identify its main weaknesses and potentialities. Based on the recognition of the university cultural heritage of the campus in question and associated with the analysis of the landscape projects of other university campuses, two strategies for the landscape project were defined: unity and diversity, the first being related to materiality for the construction of an identity to the campus and the second to the different ambiances inherent in the campus for the development of a sense of belonging. In this way, the landscape design of the campus with a single route was elaborated, interconnecting all the buildings and the creation of three centralities - the three event areas, recognizing the diversity of the activities that take place there.

Keywords: *Landscape project. Open space system. University campus. University cultural heritage.*

Rio de Janeiro

Novembro 2020

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Professora Andrea Queiroz Rego por toda sua disponibilidade e dedicação a este trabalho, por me mostrar os melhores caminhos e sobretudo por acreditar e confiar no potencial deste projeto e pesquisa.

À banca de avaliação, Professora Vera Tângari, Professora Maria Ângela Dias e Professora Ivete Farah por todas as observações e sugestões que contribuíram para a evolução deste trabalho.

Aos professores e colegas de classe do Mestrado Profissional em Projeto e Patrimônio por todas as trocas e experiências vividas nestes dois anos de curso e às funcionários do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura (PROARQ) por todo suporte técnico nos bastidores.

A todos os colegas da Coordenação de Engenharia da UNIRIO que foram solícitos a todo momento com as minhas dúvidas e questões, em especial os arquitetos Alix Gabriel e Vitor Halfen por todo suporte e trocas de ideia e ao chefe do setor Engenheiro Luiz Carlos, um dos servidores mais antigos da instituição, que com muito entusiasmo dedicou-se a resgatar e compartilhar conosco suas memórias sobre a criação da UNIRIO e do *campus* Pasteur 436.

À minha família, por sempre terem apoiado as minhas decisões e incentivado a minha dedicação aos estudos. Em especial ao meu pai, Jorge Misquita, pela revisão ortográfica e gramatical de partes deste texto, relembrando seus tempos de professor de língua portuguesa, à minha mãe Lúcia Helena pelas palavras de conforto e incentivo no momento certo e à minha irmã Marina, pelos momentos de descontração necessários e por compartilhar de seus conhecimentos acadêmicos da área do patrimônio, embora por outra perspectiva – da História.

Aos amigos de toda vida, em especial Cláudia Vaz e Carolina Barcellos, que sempre estiveram à disposição para as mais diversas dúvidas, com seus ombros amigos nos momentos mais difíceis e pelas risadas nos momentos mais leves.

Ao meu companheiro de vida, meu esposo Alberto Junior, pelo seu apoio incondicional, companheirismo e por toda sua paciência nas minhas ausências pelas tantas horas dedicadas a este trabalho. Certamente ter você do meu lado tornou esta jornada mais leve.

SUMÁRIO

<u>CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO</u>	<u>16</u>
<u>CAPÍTULO 2: A UNIRIO E O CAMPUS 436</u>	<u>21</u>
2.1 AS ORIGENS DOS <i>CAMPI</i> UNIVERSITÁRIOS	21
2.2 O ENSINO SUPERIOR NO BRASIL	25
2.3 A CRIAÇÃO DA UNIRIO	28
2.4 O <i>CAMPUS PASTEUR 436</i>	33
2.5 SÍNTESE CRONOLÓGICA DA CONSTRUÇÃO DO <i>CAMPUS PASTEUR 436</i>	51
<u>CAPÍTULO 3: O SISTEMA DE ESPAÇOS LIVRES DO CAMPUS PASTEUR 436.....</u>	<u>60</u>
3.1 A IMPORTÂNCIA DO SISTEMA DE ESPAÇOS LIVRES NOS <i>CAMPI</i> UNIVERSITÁRIOS	60
3.2 A ESTRUTURAÇÃO MORFOLÓGICA DO <i>CAMPUS PASTEUR 436</i> E SUA LEGIBILIDADE.....	69
3.3 AS IDENTIDADES E APROPRIAÇÕES DO SISTEMA DE ESPAÇO LIVRES DO <i>CAMPUS PASTEUR 436</i>	84
3.4 SÍNTESE ANALÍTICA DO SISTEMA DE ESPAÇOS LIVRES DO <i>CAMPUS PASTEUR 436</i>	92
<u>CAPÍTULO 4: O PROJETO PAISAGÍSTICO E O RECONHECIMENTO PATRIMONIAL</u>	<u>100</u>
4.1 A IDEIA DE <i>CAMPUS</i> E O PATRIMÔNIO CULTURAL UNIVERSITÁRIO	100
4.2 ESTRATÉGIAS PROJETUAIS PARA O PROJETO DE ESPAÇOS LIVRES DO <i>CAMPUS PASTEUR 436</i>	106
4.3 O PROJETO	117
4.4 FASEAMENTO E CONSULTA À COMUNIDADE	138
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	<u>139</u>
<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</u>	<u>141</u>
APÊNDICE 1: QUADRO METODOLÓGICO SÍNTESE	144
APÊNDICE 2: VISADAS 1908	145
APÊNDICE 3: VISADAS 1918	146
APÊNDICE 4: VISADAS 1930	147
APÊNDICE 5: VISADAS 1950	148

APÊNDICE 6: VISADAS 1973	149
APÊNDICE 7: QUADRO ANALÍTICO DOS ESPAÇOS LIVRES DO <i>CAMPUS 436</i>	150
APÊNDICE 8: PLANTA DE SITUAÇÃO	151
APÊNDICE 9: PLANO DE MASSAS	152
APÊNDICE 10: PLANTA DE PISO	153
APÊNDICE 11: PLANTA DE ARBORIZAÇÃO	154
APÊNDICE 12: TABELA DE ARBORIZAÇÃO	155
APÊNDICE 13: TABELA DE FLORAÇÃO	156

LISTA DE FIGURAS

<i>Figura 1 – Universidade de Virgínia – Vista do campus.</i>	24
<i>Figura 2 – Unidades educacionais e administrativas da UNIRIO</i>	32
<i>Figura 3 – Campi PASTEUR 296 e Campi PASTEUR 436 ambos no Bairro da Urca</i>	33
<i>Figura 4 – Planta com a localização dos blocos funcionais do Campus Pasteur 436</i>	34
<i>Figura 5 – Perspectiva do Campus Pasteur 436</i>	35
<i>Figura 6 – Hospício Nacional de Alienados (1890)</i>	37
<i>Figura 7 – Planta de localização do projeto para a Universidade do Brasil, 1880</i>	38
<i>Figura 8 – Planta geral da exposição de 1980</i>	39
<i>Figura 9 – Vista geral da exposição de 1908</i>	39
<i>Figura 10 – Pavilhão dos Estados em 1908, atualmente sede da CPRM</i>	40
<i>Figura 11 – Pavilhão de Minas Gerais em 1908 e atualmente como Escola Municipal Minas Gerais</i>	40
<i>Figura 12 – Pavilhão das máquinas em 1908, atualmente bloco do CLA, UNIRIO</i>	40
<i>Figura 13 – Faculdade Nacional de Medicina</i>	41
<i>Figura 14 – Cidade Universitária proposta por Alfred Agache</i>	42
<i>Figura 15 – Faculdade Nacional de Odontologia</i>	43
<i>Figura 16 – Escola Nacional de Química - ENQ</i>	44
<i>Figura 17 – Série mostrando a demolição do edifício da Faculdade Nacional de Medicina</i>	45
<i>Figura 18 – Cronologia do remembramento para a formação do Campus Pasteur 436</i>	46
<i>Figura 19 – Foto da planta do plano diretor de 1985</i>	47
<i>Figura 20 – Edifício Padre Anchieta, UNIRIO</i>	48
<i>Figura 21 – Edifício do CCH, UNIRIO</i>	49
<i>Figura 22 – Edifício do CCET/BIO, UNIRIO</i>	50
<i>Figura 23 – Edifício do Restaurante Escola, UNIRIO</i>	50
<i>Figura 24 – Edifício da futura sede do CCH, UNIRIO</i>	51
<i>Figura 25 – Linha do tempo dos edifícios do campus</i>	52
<i>Figura 26– Imagens de 1908 mostrando as edificações da Exposição do Centenário da Abertura dos Portos</i>	53
<i>Figura 27 – Imagens de 1930 o aterro do Bairro da Urca e as edificações remanescentes da Exposição do Centenário da Abertura dos Portos</i>	54

<i>Figura 28 – Edificações que permanecem de 1908</i>	55
<i>Figura 29 – Edificações que permanecem de 1908 e 1918</i>	55
<i>Figura 30 – Edificações que permanecem de 1908, 1918 e 1930</i>	56
<i>Figura 31 – Edificações que permanecem de 1908, 1918, 1930 e 1950</i>	56
<i>Figura 32 – Edificações que permanecem de 1908, 1918, 1930, 1950 e 1980</i>	57
<i>Figura 33 – Acréscimo do Edifício Padre Anchieta (1991)</i>	57
<i>Figura 34 – Acréscimo do Edifício do CCH (1994)</i>	58
<i>Figura 35 – Acréscimo do Edifício do CCET/IBIO (2000)</i>	58
<i>Figura 36 – Acréscimo do Edifício Restaurante Escola (2012)</i>	58
<i>Figura 37 – Acréscimo do Edifício do Novo CCH (2020)</i>	59
<i>Figura 38 – Mapa de figura e fundo que mostra a escala monumental das edificações do Campus em relação as edificações residenciais do entorno e a relevante presença dos espaços livres na articulação dos edificad</i>	63
<i>Figura 39 – Categorias dos espaços livres do Campus Pasteur 436</i>	63
<i>Figura 40 – Campus da Mackenzie com escala e estruturação compatível com o tecido/trama urbana do entorno</i>	65
<i>Figura 41 – Campus da Universidade Federal de Minas Gerais em Belo Horizonte, com frágil conexão com a trama/tecido urbano do entorno, por meio, apenas, dos principais corredores viários</i>	66
<i>Figura 42 – Campus radioconcêntrico da UNICAMP, SP, apartado da trama/tecido urbano, em forma e escala.</i>	67
<i>Figura 43 – Campus da UnB, Brasília, cuja escala dialoga com a cidade modernista, mais a malha, sem rigor das quadras, rompe com o tecido urbano do Plano de Lúcio Costa.</i>	68
<i>Figura 44 – Campus Pasteur 436, em diálogo com as edificações institucionais de escala monumental, mas apartado do tecido e vida urbana do Bairro da Urca</i>	69
<i>Figura 45 – Campus Pasteur 436 analisado com base nos cinco elementos estruturantes elencados por Kevin Lynch</i>	71
<i>Figura 46 – Divisão administrativa dos bairros da Cidade do Rio de Janeiro, tendo a esquerda uma ampliação mostrando os limites do Bairro da Urca (022) com o Bairro de Botafogo (020) e o Bairro do Leme (023), todos integrando a Área de Planejamento 1 da Cidade (tons de vermelho)</i>	73
<i>Figura 47 – Mapa síntese mostrando os principais espaços livres e o uso prioritário das edificações no Bairro da Urca</i>	74
<i>Figura 48 – Mapa síntese mostrando a hierarquia dos espaços livres do entorno do campus</i>	75

<i>Figura 49 – os espaços livres do campus</i>	76
<i>Figura 50 – Praça Guilherme de Figueiredo e seu entorno edificado</i>	77
<i>Figura 51 – Espaço Mário de Andrade e seu entorno edificado</i>	78
<i>Figura 52 – Pátio do CLA e seu entorno edificado</i>	80
<i>Figura 53 – O entorno edificado do Acesso de Serviço</i>	81
<i>Figura 54 – O entorno edificado do Acesso de Serviço</i>	82
<i>Figura 55 – O entorno edificado do Estacionamento do Novo CCH</i>	83
<i>Figura 56 – Visão geral dos diferentes ambientes da Praça Guilherme de Figueiredo</i>	87
<i>Figura 57 – Visão geral dos diferentes ambientes do Espaço Mário de Andrade</i>	88
<i>Figura 58 – Visão geral do ambiente do Pátio do CLA</i>	89
<i>Figura 59 – Visão geral do ambiente do Acesso de Serviço</i>	90
<i>Figura 60 – Visão geral da Praça do CCH</i>	91
<i>Figura 61 – Visão geral do ambiente do Estacionamento do CCH</i>	92
<i>Figura 62 – Via de acesso ao portão principal do campus</i>	93
<i>Figura 63 – Portão principal</i>	94
<i>Figura 64 – Portão de serviço</i>	94
<i>Figura 65 – Cartografia dos principais acessos e fluxos no Campus</i>	95
<i>Figura 66 – Cartografia das principais permanências no Campus</i>	97
<i>Figura 67 – O Campus da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, tombado pelo valor histórico do conjunto arquitetônico</i>	102
<i>Figura 68 – O Campus da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, tombado pelo valor histórico do conjunto arquitetônico</i>	103
<i>Figura 69 – O Campus da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, tombado pelo valor histórico do conjunto arquitetônico</i>	104
<i>Figura 70 – O Campus da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, tombado pelo valor histórico do conjunto arquitetônico</i>	105
<i>Figura 71 – Conjunto de imagens do Projeto do Mercado e Praça Zdunski, Mado Arquitetura</i>	110
<i>Figura 72 – Conjunto de imagens do Projeto Red Ribbon, Turenscape Arquitetura</i>	112
<i>Figura 73 – Conjunto de imagens do Projeto do Campus Clifton, Re-form Landscape Architecture</i>	114
<i>Figura 74 – Conjunto de imagens do Projeto do Campus da UNIBRA IBGM</i>	115

<i>Figura 75 – Conjunto de imagens do Projeto do Therry Courtyard, Saint Ignacio Riverview College</i>	116
<i>Figura 76 – Unidade</i>	117
<i>Figura 77 – Diversidade</i>	118
<i>Figura 78 – Esquema conceitual – Unidade x Diversidade</i>	119
<i>Figura 79 – setorização do campus</i>	120
<i>Figura 80 – Rotas e acessos</i>	121
<i>Figura 81 – Portões de acesso</i>	124
<i>Figura 82 – mobiliário proposto para entrada da biblioteca e via de acesso</i>	125
<i>Figura 83 – Perspectiva geral da entrada do Campus</i>	126
<i>Figura 84 – Perspectiva geral da entrada do Campus</i>	126
<i>Figura 85 – Espaço Mário de Andrade – Planta geral</i>	128
<i>Figura 86 – Flamboyants próximo à fachada</i>	129
<i>Figura 87 – Praça CLA - Vista</i>	129
<i>Figura 88 – Praça CLA - Vista</i>	130
<i>Figura 89 – Praça CLA - Vista</i>	130
<i>Figura 90 – Praça CLA - Vista</i>	130
<i>Figura 91 – Praça CLA – Planta geral</i>	131
<i>Figura 92 – Praça de Boas-Vindas– Planta geral</i>	132
<i>Figura 93 – Praça do CCH – Planta geral</i>	134
<i>Figura 94 – Vista da entrada da Pasteur</i>	136
<i>Figura 95 – Acesso Novo CCH</i>	136
<i>Figura 96 – Fachada Pasteur – Vista Geral</i>	137
<i>Figura 97 – Estacionamento – Planta Geral</i>	137

LISTA DE ABREVIATÓES

CE: Coordenação de Engenharia

EMC: Escola de Medicina e Cirurgia

FEFIEG: Federação das Escolas Isolada do Estado da Guanabara

FEFIERJ: Federação das Escolas Isolada do Estado do Rio de Janeiro

GT: Grupo de Trabalho

ICOMOS: Conselho Internacional dos Monumentos e Sítios

IPHAN: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MEC: Ministério da Educação

PROARQ: Programa de Pós-Graduação em Arquitetura

UFBA: Universidade da Bahia

UFRGS: Universidade do Rio Grande do Sul

UFRJ: Universidade Federal do Rio de Janeiro

UNE: União Nacional de Estudantes

UNESCO: Organização das Nações Unidas para a Educação e a Cultura

UNIBRA: Centro Universitário Brasileiro

UNIRIO: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

URJ: Universidade do Rio de Janeiro

USP: Universidade de São Paulo

CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO

(...) universidades são comunidades com bastante locais específicos e se caracterizam por uma grande complexidade. Esta condição se traduz no seu porte; na permeabilidade com a cidade em que está inserida; na diversidade de áreas de conhecimento e dinâmicas pedagógicas em constantes mudanças; na integração das atividades instrumentais e simbólicas; na articulação entre seus espaços; na permanência temporal do patrimônio edificado versus as impactantes manutenções prediais; na sobreposição de temporalidades descaracterizadas ou desconhecidas; na dificuldade de gestão – seja na administração de recursos e de pessoas – ou nas contradições entre a economia e as soluções requeridas; na construção de relações em uma escala que contribui para a dispersão na paisagem. A temática é permeada por polaridades e contradições: beleza e ordem, natureza e edificação, tradições e transformações, a invasão do automóvel e a urbanidade, a revolução digital e a reconciliação com a paisagem. (Mahler, 2015, p.21)

Esta dissertação se volta aos estudos culturais do paisagismo e dos *campi* universitários, abordando tanto o desenvolvimento histórico quanto a organização do espaço exterior do *Campus Pasteur 436*, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Tem como objeto de estudo os espaços livres dos *campi* universitários e, em especial, adota como estudo de caso o *Campus Pasteur 436*, situado à Avenida Pasteur, 436, no Bairro da Urca, na cidade do Rio de Janeiro.

Desde 2017 integro o corpo técnico da UNIRIO, como servidora concursada com o cargo de arquiteta e urbanista lotada na Coordenação de Engenharia (CE) e a percepção de que a comunidade acadêmica da instituição (docentes, discentes e funcionários) pouco utiliza o termo *campus* universitário para se referir aos endereços e espaços da universidade foi o questionamento que despertou para o desenvolvimento deste trabalho.

Somam-se a esse fato as minhas visitas técnicas ao *campus* e até mesmo visitas anteriores ao meu enquadramento funcional na universidade, onde tive a sensação de falta de unidade e de sentido de lugar e uma percepção das deficiências espaciais do *campus*, que de forma intuitiva atribuí à falta de um projeto que congregasse os espaços livres do *campus* e que desta maneira estimulasse o ambiente universitário.

A partir da pesquisa sobre a história da instituição e com o arcabouço adquirido nas disciplinas do Mestrado Profissional em Projeto e Patrimônio, me senti instigada a compreender qual é o patrimônio da UNIRIO e como ele é (ou não) reconhecido pela sua própria comunidade.

Associando esses questionamentos iniciais, foi adotada a premissa de que um projeto paisagístico para os espaços livres do *campus* poderia ser um potencial catalisador capaz de integrar os diferentes ambientes do *campus*, contribuindo para a construção da identidade do *Campus Pasteur 436* e para o reconhecimento do patrimônio material e imaterial da UNIRIO.

Sendo assim, o objetivo geral desta dissertação é **desenvolver um projeto paisagístico para o sistema de espaços livres do *Campus Pasteur 436* fortalecendo a ideia de *campus* universitário por meio da melhoria da estruturação espacial que permite identificar e valorizar os seus bens materiais e imateriais.**

Metodologicamente, esta dissertação desenvolve um estudo de caso à luz de pesquisas historiográficas e qualitativas e para auxiliar na sua construção foram definidos quatro objetivos específicos com diferentes métodos adotados e produtos produzidos para cada um deles como descritos a seguir:

Objetivo 1: documentar, cronologicamente, a formação do *Campus Pasteur 436*.

MÉTODOS: pesquisa historiográfica que envolve o levantamento e análise de documentos iconográficos, cartográficos, cartoriais (sobre a propriedade e aquisição dos terrenos que compõem o *Campus Pasteur 436*) e bibliográficos tanto do *campus* quanto do seu entorno urbano imediato.

PRODUTO: Documentação descritiva e contextualizada dos diferentes períodos de ocupação do *Campus Pasteur 436*, de modo textual e gráfico através de imagens, plantas e modelos tridimensionais.

Objetivo 2: inventariar e analisar as diferentes espacialidades do sistema de espaços livres do *Campus Pasteur 436*.

MÉTODOS: pesquisa de campo qualitativa que envolve o levantamento morfológico e análise dos principais elementos estruturadores do *Campus Pasteur 436*, com o uso de fotos, textos descritivos, e representação gráfica (plantas e cortes).

PRODUTO: Documentação descritiva e gráfica compreendendo a topografia, os elementos arquitetônicos, a vegetação e o mobiliário, contemplando, também, o estado de conservação desses elementos.

Objetivo 3: estudar as diferentes formas de apropriação do sistema de espaços livres do *Campus Pasteur 436*.

MÉTODOS: pesquisa de campo baseada na observação e notação sistematizada da pesquisadora, sobre a dinâmica funcional do sistema de espaços livres do *Campus Pasteur 436*, com o uso de fotos, textos descritivos, e representação gráfica (plantas e cortes).

PRODUTO: Documentação descritiva e gráfica compreendendo os fluxos, as permanências e a caracterização dos diferentes atores e formas de compartilhamento dos espaços, nos diferentes dias da semana e horários.

Objetivo 4: propor um projeto paisagístico para o sistema de espaços livres do *Campus Pasteur 436*.

MÉTODOS: análise sistematizada de projetos paisagísticos de *campi* universitários e construção de diferentes cenários projetuais.

PRODUTO: projeto paisagístico constituído por (1) programa e zoneamento; (2) plano de massa e cortes/perspectivas; (3) plano de plantio; (4) plano de cotas; (5) detalhes dos ambientes; (6) mobiliário.

Os referenciais teóricos que embasam esta dissertação são tratados ao longo dos três capítulos principais: “A UNIRIO e o *Campus Pasteur 436*”, “O sistema de espaços livres do *Campus Pasteur 436*” e “O valor patrimonial do projeto paisagístico do *Campus Pasteur 436*”.

O segundo capítulo da dissertação - **A UNIRIO e o *Campus Pasteur 436*** – versa, inicialmente, sobre o surgimento das primeiras universidades, em termos arquitetônicos e paisagísticos, depois, busca compreender o contexto que levou à criação da UNIRIO, à criação do *campus Pasteur 436* e de seu entorno imediato no Bairro da Urca, que está diretamente ligado à ideia da construção da primeira Universidade no Brasil.

Para o levantamento histórico que embasa este capítulo buscou-se uma bibliografia que relaciona arquitetura e educação, como os textos de Gelson de Almeida Pinto, arquiteto; de Ester Buffa, historiadora da educação; de Luis Antônio Cunha, professor titular de Educação Brasileira na UFRJ, além de diversos artigos relacionados à história do Ensino Superior no Brasil.

Complementarmente, para dar uma ordem cronológica à construção dos edifícios do *Campus Pasteur 436*, o levantamento histórico baseou-se, também, em artigos e livros específicos sobre o Bairro da Urca e a Exposição Nacional de 1908; sobre dados da UFRJ e as sedes dos cursos na Avenida Pasteur, como o de Medicina, Odontologia e Química; em documentos da UNIRIO, em especial da Coordenação de Engenharia, incluídos neste rol, projetos arquitetônicos dos edifícios e relatórios e em diversos decretos e leis relacionados a criação dos cursos e universidades.

O terceiro capítulo - **O sistema de espaços livres do *Campus Pasteur 436*** – discorre sobre os espaços livres dos *campi* universitários e o seu lugar no sistema de espaços livres da cidade. Aborda também o conceito de legibilidade e identidade e sua importância na estruturação morfológica do *campus*.

Este capítulo traz uma análise que envolve duas dimensões: a morfológica e a das apropriações. O estudo morfológico envolve o levantamento físico dos espaços livres do *Campus*

Pasteur 436, como eles se estruturam entre si, e os seus limites edificados (forma e função) e outras barreiras, os acessos, as visadas, a vegetação, o mobiliário, os pisos e a topografia. O estudo das apropriações desses espaços envolve um levantamento etnográfico do *campus*, por meio de observação da pesquisadora em diferentes horários e dias da semana, com foco nos fluxos e permanências dos diferentes atores que povoam esses espaços. A análise conjunta e relacionada desses dois levantamentos de campo permite a definição das principais potencialidades e fraquezas desses espaços livres que auxiliam na definição das diretrizes projetuais.

O embasamento teórico que sustenta este capítulo está relacionado na sua primeira parte, principalmente, ao conceito de sistema de espaços livres de Macedo e Queiroga, do grupo de pesquisa em Quadro do Paisagismo no Brasil – Sistema de Espaços livres (QUAPÁ-SEL) e uma análise morfológica de territórios universitários, da tese de doutorado da autora Mahler, pesquisadora do programa de pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (FAU-UNB).

A sua segunda parte tem por base os estudos etnográficos adotados em espaços livres como os textos “de perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana” de José Magnani, professor titular no laboratório do núcleo de antropologia urbana da USP, “Olhares possíveis para o pesquisador em arquitetura” de Cristiane Duarte, professora titular do PROARQ e “O Tempo das Tribos” do sociólogo francês Michel Maffesoli.

O quarto capítulo - **O valor patrimonial do projeto paisagístico para o *Campus Pasteur 436*** – aborda a ideia de patrimônio cultural universitário, tema pouco discutido no grande tema do patrimônio cultural, em busca de parâmetros que contribuam para a definição de estratégias projetuais para o projeto paisagístico dos espaços livres do *Campus Pasteur 436*.

Para desenvolver estes conceitos, são usadas referências como “A alegoria do patrimônio” de Françoise Choay; as definições de patrimônio da Unesco; as políticas do IPHAN para a preservação do patrimônio cultural; textos mais específicos relacionados ao trabalho do Comitê do Patrimônio Cultural (CPC) da Universidade de São Paulo (USP) e “A Memória Coletiva” de Maurice Halbwachs.

Uma vez reconhecido o contexto histórico e os elementos sócio-políticos que levaram a conformação do *Campus Pasteur 436* (Capítulo 2), compreendido o lugar dos espaços livres deste *campus* no sistema de espaços livres da cidade, sua morfologia e seu valor de uso e apropriação (Capítulo 3) e por fim percebendo as potencialidades desses espaços para o reconhecimento de um patrimônio cultural universitário (Capítulo 4), são determinadas as diretrizes para o projeto de espaços livres que irá contribuir para reforçar uma identidade do *campus*.

São duas as estratégias propostas para este projeto paisagístico que almeja o reconhecimento da importância cultural do *campus*: unidade e diversidade. A primeira trabalha uma nova estruturação

especial do *campus*, por meio da materialidade, visando seu reconhecimento de forma única pelos seus atores sociais enquanto a segunda reconhece as diferentes atividades e manifestações que ali acontecem com a criação de ambiências para envolver esses diferentes atores e gerar o sentido de pertencimento.

A construção das estratégias dicotômicas teve apoio no conceito de *placemaking* estudado pelo grupo americano *Project for Public Spaces* (PPS) e na análise de projetos paisagísticos, como o da Praça Zdzinski, na Polônia, o Parque Red Ribbon, na China e de *campi* universitários como o *Campus Clifton*, da Universidade de *Nottingham Trent*, no Reino Unido, o Centro Universitário Brasileiro (UNIBRA), no Recife e o *Therry Courtyard*, em Sidney na Austrália.

Ao final do capítulo 4 é apresentado o projeto dos espaços livres do *campus*, utilizando a mesma divisão de áreas do capítulo 3 para esmiuçar as diretrizes propostas para cada área. Estas propostas são compostas por especificação de usos das áreas projetadas, especificação de espécies arbóreas a serem implantadas, sugestão dos tipos de piso e mobiliário e propostas de alteração nos caminhos internos e acessos ao *campus* e aos edifícios.

CAPÍTULO 2: A UNIRIO E O CAMPUS 436

No Brasil, a história das universidades esteve relacionada a longos processos burocráticos e entraves políticos, além de dificuldades de ordem financeira. Ressalte-se sua criação tardia e seu cunho profissionalizante, fruto do seu vício de origem – o “malogro pombalino” – e da dependência colonial. Nossa concepção institucional foi modelada às custas de embates de ideias e de sua programação para a mera reprodução de conhecimentos isolados. Seu ambiente físico, geralmente segmentado em edifícios segregados, resultante da junção de unidades acadêmicas isoladas, não se mostrou favorável à sua integração institucional. (Mahler, 2015, p.22)

Este capítulo aborda, na primeira parte, o surgimento das primeiras universidades em termos arquitetônicos, seus desdobramentos no continente americano e suas transformações ao chegar no Brasil. Destaca-se a Reforma Universitária de 1968, como parte do contexto político que levou a criação da UNIRIO.

Depois, é desenvolvido um levantamento histórico que permite compreender como se constituiu o principal *campus* da UNIRIO - o *Campus Pasteur 436*, acompanhando os diferentes contextos urbanos da Cidade do Rio de Janeiro e do Bairro da Urca.

A história do *Campus Pasteur 436* é apresentada em quatro etapas: as edificações monumentais – dos primórdios até a Exposição Nacional de 1908; as edificações da UFRJ – 1918 a 1969; a saída da UFRJ e as primeiras ocupações pela UNIRIO – 1969 a 1989 e as edificações da UNIRIO – 1990 a 2020.

Por fim, é feita uma síntese cronológica sobre o processo de formação e construção do *Campus Pasteur 436*, através de imagens históricas da região, modelos 3d e cartografia especificamente desenvolvida.

2.1 AS ORIGENS DOS CAMPI UNIVERSITÁRIOS

A noção de *campus* universitário enquanto um modo peculiar e original de implantação de uma instituição de ensino no espaço surge no início do século XVIII, nos Estados Unidos, emergindo “a partir do *college* do período colonial como *locus* segregado da cidade, ambiente do qual o afastamento da turbulência cidadina permitiria o desenvolvimento sem peias da ciência e do conhecimento.” (PINTO e BUFFA, 2009, p. 38)

Os *colleges*, segundo Pinto e Buffa (ibid., p.355), eram estabelecimentos permanentes, com regulamentos próprios de disciplina e estudo, geralmente destinados a estudantes pobres, fundados por benfeitores. Eles surgem na Europa no século XV e atingem seu auge de desenvolvimento no século XVII.

Arquiteticamente, os *colleges* tinham um modelo próprio, inspirado nos claustros medievais, com um espaço livre interno, o *quad*, que possuía uma forma retangular que articulava todo o edifício ao seu redor, geralmente de dois andares. Esta espécie de pátio interno permitia também a expansão com a construção de novos edifícios no seu entorno. (Ibid, p.359)

Sobre o *quad*, os autores, ressaltam que, embora ele não possuísse mobiliário como bancos ou outros atrativos, eles cumpriam importante função articuladora no conjunto definindo hierarquias de privacidade, distribuindo o fluxo de estudantes entre os prédios e garantindo a ventilação e iluminação das salas de aula. Esta forma facilitava o acesso e visualização de todo o conjunto.

Com relação ao programa de necessidades, os *colleges* eram compostos, para além das salas de aula por um hall com refeitório e cozinhas, biblioteca, sala de estudos, quartos para os estudantes e capela uma vez que o regime de educação adotado à época, entendia que o cidadão deveria ser formado integralmente, portanto era imprescindível morar na escola. Estes ambientes podiam estar integrados ao conjunto principal ou funcionar em edifícios independentes, porém conectados ao conjunto principal. (Ibid, p.371)

Estes edifícios inauguraram uma nova categoria de prédios urbanos que a princípio eram instalados nos limites da cidade, embora ainda pertencendo a ela. À medida que novos cursos eram criados, eram instalados em prédios urbanos próximos aos já existentes, se mesclando à cidade, que acabava por se tornar o espaço da universidade que “apesar de apartado da cidade,” aparecia na malha urbana de modo contínuo. (Ibid, p.389)

Sobre a relação cidade-universidade na Inglaterra, neste momento de surgimento das universidades, os autores destacam que o território escolar era definido pelos seus edifícios e não pelos sítios. As escolas eram integradas à malha urbana constituindo elementos do seu crescimento, de forma que não houvesse limites físicos que os separassem. Sendo o edifício o próprio limite da universidade, onde a cidade crescia livremente ao seu redor. (Ibid, p.403). Portanto, “O trabalho do arquiteto não se resumia em projetar edifícios isolados, e sim uma comunidade inteira.” (Ibid, p.425)

Este modelo de universidade é importado para a América do Norte, onde adquire características próprias, como por exemplo com relação à sua localização geográfica que rompe com a tradição europeia de mesclar com a cidade e vai para os limites dela ou até mesmo para o campo,

passando a ser uma noção romântica “de uma escola na natureza, separada das forças corruptoras da cidade.” (Ibid, p.439)

Outra característica que se distingue no modelo americano, é a sua implantação em edifícios distintos em um campo verde, em contraste como os edifícios únicos europeus. Desta forma, o *college* americano passa a ser uma espécie de “cidade em miniatura e seu desenho constitui um experimento de urbanismo”. Além do mais, ele passa a ter uma espacialidade distinta e aberta para o mundo. (Ibid, p. 439)

Em 1819, na cidade americana de Virgínia, é proposto um projeto radicalmente distante do modelo europeu que determinou um novo e inédito espaço de ensino: o *campus* universitário. Posteriormente este modelo se estabeleceu, foi replicado por todo território americano e se difundiu pelo mundo, onde é repetido até os dias de hoje.

Na Universidade de Virgínia os edifícios destinados ao ensino eram instalados ao lado de um alojamento para professores e alunos. Cada edifício era independente e com funções definidas, sem superposição de funções. Os autores Pinto e Buffa descrevem o *campus* da seguinte forma:

Um eixo no sentido norte-sul, traçado na planta de uma antiga fazenda, foi a base do projeto do *campus* dessa universidade. No final dessa linha, ao sul, foi definido o local da biblioteca; perpendicularmente a ela, diversos outros eixos estabeleceram o local dos demais edifícios que compoariam o *campus*.

(...) Propunha um território extenso e fechado, longe das cidades e projetado detalhadamente com o objetivo de oferecer formação integral ao estudante. O *campus* deveria ser, como de fato foi, uma pequena cidade: possuir equipamentos, serviços e todas as facilidades possíveis que uma cidade poderia oferecer. O aluno poderia viver e dedicar-se integralmente aos estudos, sem preocupações nem interferências “nocivas” das cidades. O território para o ensino e o aprendizado ampliava-se do prédio para o *campus*, uma grande área projetada, fechada e com regras, costumes e leis próprias. (Ibid, p.466)

Pinto e Buffa (Ibid., p.469) complementam a descrição urbanística do conjunto, conforme Figura 1:

No final de cada um dos eixos perpendiculares implantou-se um edifício. Um de cada lado do eixo, numa composição equilibrada, na qual os prédios ficavam separados por um largo jardim, um lawn, gramado entremeadado por arranjos paisagísticos ao longo dessa extensa avenida verde (de início, o lawn não passava de um descampado deserto, como a imagem mostra). De cada lado do lawn e passando pela frente dos edifícios, ruas levavam até a rotunda implantada majestosamente no final do conjunto. No início, toda circulação se fazia por uma loggia, caminho

abrigo que passava pela frente de todos os prédios; posteriormente foram abertas as ruas que, a princípio, passavam pelos fundos e que, de fato, não eram tão necessárias nessa época. (Ibid, p.469)

Figura 1 – Universidade de Virgínia – Vista do *campus*.



Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c2/University_of_Virginia_Lawn_1826.jpg

Ainda de acordo com Pinto e Buffa (2009), o *campus* americano tornou-se um território de privilegiados, por ser um local que se destinava à formação especializada de futuros dirigentes e sem a interferência nefasta das cidades. Ele ficou marcado por ser um “território independente, calmo, agradável e completamente equipado para atingir os seus objetivos”.

Os autores também ressaltam que pela sua forma de planejamento e implantação, o modelo de *campus* universitário proposto de forma inédita para a Universidade de Virgínia pode ser utilizado para ilustrar também a concepção de cidade universitária, fato que causa certa confusão na utilização dos termos. Esta ambiguidade é desfeita, quando eles ressaltam as diferenças entre os modelos com o seguinte trecho:

Para nós, cidade universitária é uma região delimitada, autônoma, regida pelas regras acadêmicas. Inicialmente situada nos arredores de grandes cidades, com o tempo acabava sendo envolvida por elas. Por sua vez, o *campus* universitário, apesar de também se situar numa área delimitada, depende diretamente da infraestrutura da cidade que o cerca. (Ibid, 2009, p.190)

A respeito do termo *campus* universitários, a autora Mahler (2018, p. 145) afirma que este conceito foi cunhado no contexto norte-americano do século XVII, num momento em que as primeiras

universidades embrionavam a sua ocupação territorial. Estas ocupações tinham em comum “a constituição de um conjunto, cujos componentes são numerosos edifícios, geralmente pavilhões, inseridos em um vasto espaço.”

Ela ressalta também que este “microcosmo urbano” ou “cidade acadêmica” articula as suas edificações simbólicas e acadêmicas, promovendo suas relações com os espaços não construídos predominantemente naturais, o que resulta numa ambiência adequada à imersão e convívio intenso de seus usuários e desta ambiência origina-se o termo *campus*. (Ibid., p.145).

2.2 O ENSINO SUPERIOR NO BRASIL

No Brasil, o ensino superior tem origem por volta da segunda metade do século XVII, com alguns cursos de Artes e de Filosofia, nos colégios jesuítas da Bahia, do Rio de Janeiro, do Maranhão, entre outros. (Cunha, 2007a, p.33). Com a expulsão dos jesuítas do Brasil em 1759, o sistema educacional corrente é desarticulado, sendo criadas aulas de matérias isoladas e em 1776 um novo curso superior criado por frades franciscanos é autorizado a funcionar no Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro, onde permanece até 1805. (Ibid p.52-54)

A partir de 1808, com a vinda da Família Real portuguesa para o Brasil, novos cursos e academias foram criados com o intuito de formar burocratas e especialistas na produção de bens simbólicos, além de formar profissionais liberais. O ensino superior surgido neste período foi estruturado em estabelecimentos isolados, apesar das sucessivas tentativas de reuni-los em universidades. (Ibid, p.63-65), constituído por escolas de ensino superior leigo em Salvador e posteriormente no Rio de Janeiro, com cursos militares, de medicina e cirurgia e outros como matemática, agronomia, química, desenho técnico e economia política. (PINTO e BUFFA, 2009, p. 517)

Em 1915, é publicado o Decreto nº 11.530, que reorganiza o ensino secundário e o ensino superior da República e dispõe a respeito da instituição da universidade. Determina que o Governo Federal reunirá em uma universidade, quando achar oportuno, as Escolas Politécnica e de Medicina do Rio de Janeiro, incorporando ainda uma das Faculdades Livre de Direito, dando-lhes gratuitamente um edifício para funcionar e dispensando-lhes a taxa de fiscalização. (Fávero, 2006, p.21)

A partir dos anos 1920 surgem as primeiras universidades e desta forma a história da universidade brasileira pode ser dividida em duas grandes fases: com a criação das primeiras universidades, nos anos 1920 e 1930, e a segunda fase que se inicia a partir dos anos 1960, num momento de grandes transformações econômicas, políticas, sociais e culturais e de grande expansão do ensino superior. (PINTO e BUFFA, 2016, p. 811)

Em 1920, o Decreto nº 14.343 institui oficialmente a primeira universidade no Brasil: a Universidade do Rio de Janeiro. Ela é fruto da justaposição de três escolas tradicionais, a Faculdade Nacional de Direito, Faculdade Nacional de Medicina e Escola Politécnica, cada qual conservando as suas características sem maior integração entre elas. (Cunha, 2007b, p.269)

A partir dos anos 30 o Governo Federal elabora um novo projeto universitário intitulado Estatuto das Universidades Brasileiras, numa tentativa de estabelecer os padrões de organização do ensino superior no Brasil. Nestes moldes, as universidades seriam compostas por institutos de ensino, encimados por uma administração central. (Ibid., p.262)

A reforma da Universidade do Rio de Janeiro é um dos efeitos imediatos deste novo estatuto. Em 1931 ela passa a ser constituída também pelas Escola de Minas (de Ouro Preto), Faculdade Nacional de Farmácia, Faculdade de Odontologia, Escola Nacional de Belas-Artes e pelo Instituto Nacional de Música. (Ibid., p.269). Outro efeito importante da reforma da Universidade do Rio de Janeiro é a recomendação, pela primeira vez, da transferência de todas as suas unidades componentes para uma cidade universitária. (Ibid., p.271)

Em paralelo a este estatuto, Alfred Agache (1930, p.194), em seu Plano de Remodelação Urbana da Cidade do Rio de Janeiro propõe o que ele define como um centro universitário. Em seu tratado, os estabelecimentos universitários devem representar um conjunto de edifícios consideráveis, que satisfaçam à duas condições essenciais: serem instalados espaçosamente numa orientação salubre e possuir fácil comunicação com o centro da cidade, de modo que seja cômodo e atraente o preparo dos estudos e a formação dos técnicos que irão se formar nesta instituição.

Em 1937 a Universidade do Rio de Janeiro atinge uma grande dimensão, prevendo-se que sua composição seria feita por 15 escolas superiores e 14 institutos, alguns já existentes e outros a serem criados, como por exemplo a Escola Nacional de Química, além da criação também de um Hospital das Clínicas, um Colégio Universitário e a Escola de Enfermagem Ana Néri. É neste momento que a universidade passa a chamar-se Universidade do Brasil. (Cunha, 2007b, p.274)

Embora a aspiração inicial dos primeiros *campi* instalados no Brasil fosse de cidade universitária, ambos os termos acabaram por definir o mesmo tipo de espaço. Seja a cidade universitária ou o *campus* universitário, estes nunca passaram de uma aspiração não realizada. (PINTO e BUFFA, 2009)

(...) uma pequena cidade, apartada daquelas que poderíamos chamar de regulares. Esse núcleo teria a capacidade de oferecer ensino, mas também de abrigar centros de pesquisa, acolher alunos e professores, proporcionar, enfim, todos os serviços próprios de qualquer cidade. Todavia, isso não aconteceu. Os serviços que os *campi* brasileiros oferecem – mesmo um dos maiores, o da USP – são restritos e

deficientes. Os alojamentos para estudantes disponibilizam poucas vagas e não há moradia para os professores. Serviços, como transportes, só funcionam com regularidade nos dias úteis e comércios necessários à subsistência são raros. Cinema, museu e teatro são inexistentes. Os *campi* brasileiros não são autossuficientes. Dependem ainda, e muito, das cidades em que estão localizados, embora muitas vezes voltem-lhes as costas. O termo cidade universitária não passa de uma aspiração que nunca se realizou. (Pinto e Buffa, 2009, p.545)

Pinto e Buffa (Ibid., p.536) destacam que de um modo geral, o ensino superior brasileiro, até a década de 1960, foi marcado pelo surgimento de escolas isoladas. Este quadro só vai ser alterado nos dez anos anteriores do golpe militar de 1964, quando a quantidade de organizações universitárias, passam de 5 universidades em 1954 para 37 em 1964.

É *justamente* este período antecessor a criação da UNIRIO, que foi marcado por um clamor pela modernização das universidades. Os movimentos estudantis, capitaneados pela União Nacional dos Estudantes (UNE), defendiam a democratização da universidade e seu acesso e levaram o governo a estudar medidas que pudessem ser adotadas em resposta a estas manifestações. (Borges, 2008, p.648)

Como parte desta resposta, foi estabelecido um Grupo de Trabalho (GT) que tinha como objetivo apontar as medidas necessárias para a resolução desta crise, visando a eficiência, modernização, flexibilidade administrativa e formação de recursos humanos de alto nível universitário para o desenvolvimento do país. (Ibid. p.648)

Como consequência destes movimentos, em 1968 é promulgada a lei 5.540 que determina os moldes da nova reforma universitária. Entre as principais mudanças que esta lei instituía, temos a substituição do sistema de cátedras pelo sistema departamental, a implantação do sistema de institutos básicos, o estabelecimento do currículo em duas etapas – o básico e o de formação profissionalizante, a instituição do sistema de créditos e da semestralidade, o que permitiu uma maior flexibilidade no currículo e um sistema duplo de organização sendo um vertical, constituído pelos departamentos, unidades e reitorias e um horizontal com a criação dos colegiados de curso que deveriam reunir os docentes dos diferentes departamentos e unidades responsáveis por um currículo. (SAMPAIO, 1991, p. 17)

No mais, a reforma universitária também dava direcionamentos no que diz respeito a racionalização do ensino superior: dever-se-ia racionalizar a organização e a administração das universidades, a expansão do ensino superior e a distribuição das vagas pelos vestibulares. (Cunha, 2007a, p.236)

De acordo com Cunha (Ibid., 236), dentre as várias ideias de racionalização feitas pelo GT que orientou a reforma universitária, uma delas tinha uma relação direta com o processo de expansão do ensino superior: “a associação de escolas isoladas em federações e, principalmente, a mudança da estrutura interna das universidades fariam com que o aumento do número de vagas fosse cada vez menos custoso.” Estas medidas, levariam ainda à expansão das matrículas no ensino superior, com gastos relativamente menores.

Desta forma, o artigo 2º da lei 5.540/68 traz o seguinte texto: “O ensino superior, indissociável da pesquisa, será ministrado em universidades e, excepcionalmente, em estabelecimentos isolados, organizados como instituições de direito público ou privado”. Ainda os parágrafos 7º e 8º dão corpo a esta intenção ao instituir:

Art. 7º - As universidades organizar-se-ão diretamente ou mediante a reunião de estabelecimentos já reconhecidos, sendo, no primeiro caso, sujeitas à autorização e reconhecimento e, no segundo, apenas a reconhecimento.

Art. 8º - Os estabelecimentos isolados de ensino superior deverão, sempre que possível, incorporar-se a universidades ou congregar-se com estabelecimentos isolados da mesma localidade ou de localidades próximas, constituindo, neste último caso, federação de escolas, regidas por uma administração superior e com regimento unificado que lhes permita adotar critérios comuns de organização e funcionamento.
(Lei Federal nº 5.540/1968)

Cunha (Ibid., p.224) observa que embora os estabelecimentos isolados não só fossem a regra, como estavam em expansão, o grupo de trabalho qualificou a universidade como o tipo natural de estrutura para o ensino superior, o que seria, nas palavras do autor, uma “ingenuidade inconcebível” que a mera indução da definição legal seria capaz de alcançar “a substância de universidades e como tais virem a ser constituídas”.

Cabe aqui uma atenção ao fato de que a lei que direcionou a modernização do sistema universitário no Brasil foi formulada durante os primeiros anos do governo militar, tendo sido promulgada apenas 15 dias antes do fatídico Ato Institucional nº 5 que inaugurou o período mais duro da ditadura ao suprimir diversos direitos civis dos cidadãos brasileiros.

2.3 A CRIAÇÃO DA UNIRIO

Em 20 de agosto de 1969, portanto, já sob os efeitos do AI-5 e das diretrizes da reforma universitária de 68, é publicado o Decreto-Lei 773/1969 que institui a Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado da Guanabara (FEFIEG), que anos mais tarde irá mudar de nome até chegar à nomenclatura atual: UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

De acordo com os termos da lei, a FEFIEG tinha como fim a realização e o desenvolvimento da educação superior e da pesquisa, e a divulgação científica, tecnológica, cultural e artística, além de gozar de autonomia didático-científica, administrativa, financeira e disciplinar e deveria se organizar com estrutura e métodos de funcionamento nos termos da legislação em vigor.

As instituições isoladas que participaram da formação da UNIRIO neste momento foram: a Fundação Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro (EMC), a Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, a Escola Central de Nutrição, o Conservatório de Teatro do Serviço Nacional de Teatro, o Instituto Villa-Lobos, o Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional e o Instituto Nacional do Câncer.

Borges (2008, p.651) afirma que a EMC, desde algumas décadas antes se encaminhava, juridicamente, para se reunir com os demais cursos fundadores com a intenção de que esta se tornasse um futuro núcleo de universidades. Neste sentido, o então diretor da EMC, Alberto Soares Meirelles, foi um articulador político perante o governo militar para a criação desta federação e assim ele é nomeado pelo Presidente da República como presidente da FEFIEG quando da sua criação. (Ibid., p.651)

O estatuto da FEFIEG aprovado em outubro de 1969 pelo Decreto-Lei 1.028 de 21 de outubro de 1969 tinha cinco capítulos e 29 artigos e tem os seguintes objetivos propostos, com destaque para o item 5:

1. Desenvolvimento da educação de nível superior e da pesquisa.
2. Divulgação científica, tecnológica, cultural e artística.
3. Criação de cursos básicos comuns a uma área de conhecimento, iniciando dessa forma, a orientação profissional.
4. Ampliação do número de matrículas nos cursos de nível superior, inclusive por maior racionalidade nos processos de seleção dos estudantes.
5. Integração das atividades dos estabelecimentos congregados, mediante a adoção de um regimento unificado, fixando critérios comuns de organização e de funcionamento.
6. Atuação no processo de desenvolvimento do país.
7. Realização das demais atividades que fossem previstas no Regimento Unificado. (Ibid., p.655)

No mais, o estatuto previa que além dos cursos de graduação, deveria haver cursos de pós-graduação e cursos técnicos de nível médio, e o desenvolvimento de atividades médico-sociais nas

suas unidades hospitalares como o Hospital Universitário Gafrée e Guinle e o Instituto Nacional do Câncer. (Ibid., p.656)

A administração da FEFIEG ficaria a cargo da sua presidência além de um Conselho Federativo e um Conselho de Curadores. A escolha do presidente da federação seria feita pelo Presidente da República dentro de uma lista sêxtupla elaborada pelo Conselho Federativo. (Ibid., p.656)

Com a fusão dos estados da Guanabara e do Rio de Janeiro em 1975, a FEFIEG passa a ser denominada Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro (FEFIERJ)

Em 1977 um novo Decreto-Lei, o de nº 79.329, altera a composição da universidade ao incorporar o curso permanente de Arquivo, do Arquivo Nacional do Ministério da Justiça, que passa a ser denominado curso de Arquivologia.

Por fim, em 1979, a lei nº 6.655, transforma a FEFIERJ em Universidade do Rio de Janeiro – UNIRIO. Esta lei determina os objetivos da UNIRIO como: “ministrar o ensino superior de graduação, pós-graduação e extensão, e executar atividades de pesquisa, de divulgação científica, tecnológica, cultural e artística, podendo, também, prestar serviços técnicos e hospitalares à comunidade e a instituições públicas e particulares.” Esta Lei também dispõe sobre o patrimônio, aqui no sentido de espólios e bens materiais comuns, passa a ser composto por:

- I - pelos bens e direitos que atualmente integram o patrimônio da FEFIERJ, os quais ficam automaticamente transferidos, sem reservas ou condições, à UNIRIO;
- II - pelos bens e direitos que lhes forem incorporados em virtude de ato dos poderes públicos ou que a UNIRIO aceitar, oriundos de doações ou legados;
- III - pelos bens e direitos que a UNIRIO vier a adquirir;
- IV - pelos saldos de exercícios anteriores.

Outra alteração proposta pela lei em questão, diz respeito a direção da universidade, que passa a ser feita por um Reitor, nomeado pelo presidente da República, na forma da legislação vigente. O artigo 10º determina que os cargos de Presidente e Vice-Presidente de Ensino da FEFIERJ ficam transformados em cargos de Reitor e de Vice-Reitor.

Uma observação interessante a ser feita a cerca desta lei, diz respeito ao Presidente da República que a assina: o General João Figueiredo. Ele vinha a ser irmão do escritor e dramaturgo Guilherme Figueiredo, Presidente da FEFIERJ à época e que passa a ser então Reitor da UNIRIO, cargo por onde permaneceu por quase dez anos, até 1988.

Uma última alteração no nome da UNIRIO, dada pela Lei nº 10.750 de 2003, não altera a sua sigla propriamente, mas sim o nome extenso que passa a ser Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Hoje, as atividades de ensino, pesquisa e extensão da UNIRIO estão divididas por cinco Centros Acadêmicos, conforme determinado pelo seu estatuto em 2001, a saber: Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS); Centro de Ciências Exatas e Tecnologia (CCET); Centro de Ciências Humanas e Sociais (CCH) e o Centro de Letras e Artes (CLA).

Além destes centros, dão suporte às atividades acadêmicas as seguintes Unidades Suplementares: o Hospital Universitário Gafrée e Guinle (HUGG); a Biblioteca Central (BC) e o Arquivo Central (AC).

De acordo com os dados do censo de 2018 da UNIRIO, a Universidade conta com 44 cursos presenciais e 4 do tipo de ensino a distância (EaD). Com relação ao número de alunos da graduação, naquele ano foram 4.189 alunos ingressantes, 23.741 eram alunos cursando e 1.408 se formaram. Já os cursos de pós-graduação, incluindo os mestrados acadêmico, profissional e doutorados são num total de 35, com 700 vagas, além das pós-graduações médicas com as suas diversas especializações e residências e o corpo técnico da universidade é composto por 880 docentes e 1.951 técnicos-administrativos, nos mais diversos níveis de capacitação.

O grupo de edificações da universidade contém edifícios tombados em diferentes esferas pelos seus relevantes valores históricos e arquitetônicos, como o Hospital Universitário Gafrée Guinle (HUGG), o Centro de Ciências Jurídicas e Políticas (CCJP) tombados na esfera municipal e o Bloco V do CLA, que é tombado provisoriamente pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC).

Uma autoavaliação institucional ocorrida em 2019, onde todos os segmentos foram participantes (corpo discente, corpo docente e técnicos-administrativos), avaliou que de maneira geral, os participantes percebem a organização didático-pedagógica do curso de maneira satisfatória, enquanto a infraestrutura – física e administrativa – é percebida de maneira parcialmente satisfatória.

O relatório de avaliação institucional do Ministério da Educação (MEC), de 2018 avaliou bem a universidade, exceto pela sua infraestrutura física, que recebeu grau 1. Dentre os apontamentos citados no relatório, é relatado que “de forma geral, as instalações visitadas não estão adequadas para portadores deficientes (sic) e portadores de necessidades reduzidas (sic) (rampas para acesso aos prédios e banheiros)”. Outras observações gerais são feitas a respeito das condições dos laboratórios, falta de instalações de incêndio, instalações sanitárias precárias e sobre as instalações físicas dos departamentos e gabinetes de professores.

Atualmente, a UNIRIO está presente com suas atividades acadêmicas e administrativas no Centro, Zona Norte e Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro (Figura 2). As unidades de saúde como o Hospital Gafrée e Guinle e a Escola de Medicina e Cirurgia ficam localizadas no Bairro da Tijuca, no Centro ficam o Instituto Biomédico e algumas unidades administrativas, como por exemplo a Coordenação de Engenharia, onde estão lotados os arquitetos da instituição.

Na Zona Sul fica o Centro de Ciências Jurídicas e da Natureza (CCJP) e no bairro da Urca estão estabelecidos dois *campi* universitários, ambos na Avenida Pasteur, nos números 296 e 436 respectivamente (Figura 3). No *Campus* 296, ficam a Reitoria, a Escola de Enfermagem Alfredo Pinto e a Escola de Nutrição, além de algumas Pró-Reitorias.

Figura 2 – Unidades educacionais e administrativas da UNIRIO



Fonte: montagem da autora com imagens do Google Earth, 2019

Figura 3 – *Campi* PASTEUR 296 e *Campi* PASTEUR 436 ambos no Bairro da Urca



Fonte: intervenção da autora sobre imagem do Google Earth, 2019

2.4 O CAMPUS PASTEUR 436

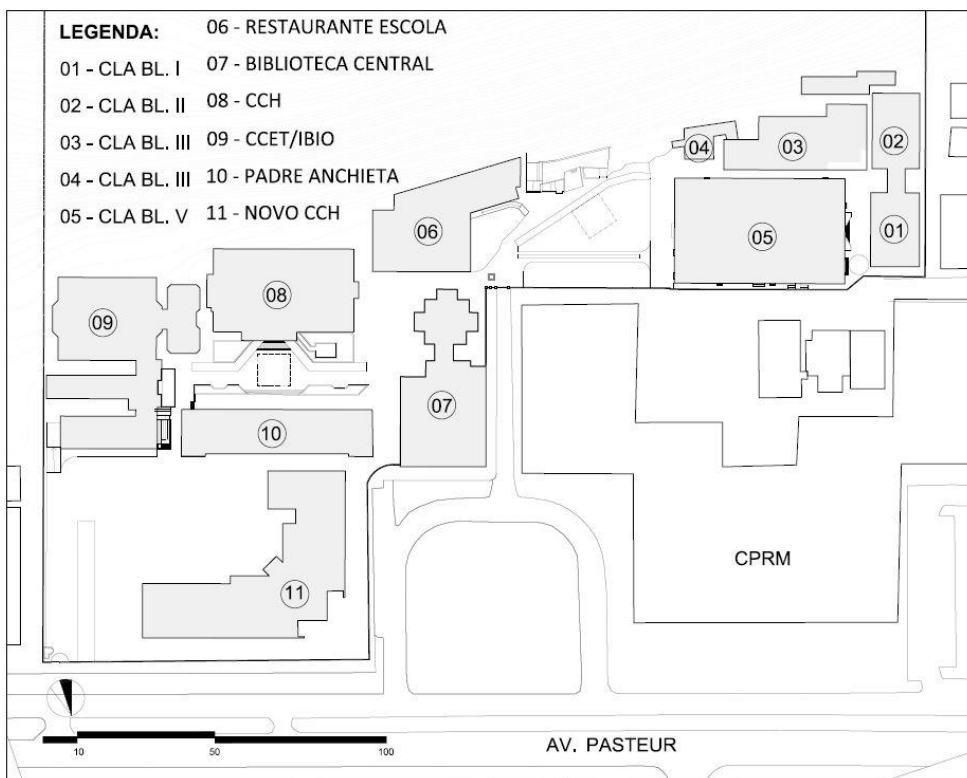
O *Campus* Pasteur 436 concentra a maior quantidade e diversidade de centros acadêmicos de toda a universidade, como o Centro de Letras e Artes (CLA), o Centro de Ciências Humanas (CCH), O Centro de Ciências Exatas e Tecnologia (CCET), o Instituto de Biociências (IBIO) e o Instituto Padre Anchieta que abriga os cursos de pós-graduação relacionados ao CCH. É neste *campus* também onde, estão localizados dois equipamentos importantes para a comunidade acadêmica: o Restaurante Escola (RE) e a Biblioteca Central (BC), conforme pode ser verificado nas figuras 4 e 5.

Figura 4 – Perspectiva do *Campus Pasteur 436*



Fonte: desenvolvido pela autora sobre imagem própria, 2019

Figura 5 – Planta com a localização dos blocos funcionais do *Campus Pasteur 436*



Fonte: desenvolvido pela autora sobre levantamento da CE

Nos cinco blocos do CLA estão concentrados os cursos relacionados a área das artes como os cursos de música do tradicional Instituto Villa Lobos e da consagrada Escola de Teatro da UNIRIO. No total, os cursos de graduação do CLA¹ são treze.

O CCH abriga as Escola de Arquivologia, Escola de Biblioteconomia, Escola de Educação, Escola de História, Escola de Museologia, Escola de Serviço Social, Escola de Turismo, Faculdade de Ciências Sociais e a Faculdade de Filosofia, com os doze cursos de graduação².

O CCET e o IBIO embora sejam centros de estudos de natureza distintas, dividem o mesmo espaço físico. O CCET conta com os cursos de graduação em Engenharia de Produção, Matemática – Bacharelado e Licenciatura e Sistemas de Informação enquanto o IBIO, oferece os cursos de Ciências Ambientais, Ciências Biológicas – Bacharelado e Licenciatura e Ciências da Natureza (Licenciatura).

No total são 34 os cursos de graduação oferecidos no *campus*, sendo 13 deles no horário noturno e 20 no horário diurno - integral, matinal ou vespertino.

É neste *campus* o ponto de partida dos ônibus que fazem o transporte *intercampi*, com saídas diárias e linhas que ligam a UNIRIO até a Baixada Fluminense, Zona Oeste e Zona Norte, em específico para os bairros Tijuca e Méier, além das rotas que interligam os próprios *campi* e unidades.

O *Campus Pasteur 436* tem uma área total de cerca de 50 mil m², sendo a porção da Pedra da Babilônia incidente no terreno uma porção significativa desta área, com quase 30 mil m². Os espaços livres correspondentes a aproximadamente a metade da área restante, ou seja, 10 mil m² e a área de projeção das edificações correspondente aos outros 10mil m².

O *Campus Pasteur 436* foi configurado em diversas etapas e seu terreno é fruto de remembramento de quatro terrenos adquiridos em épocas e situações distintas. Dos onze edifícios presentes no *campus*, cerca de metade deles foi construída pela administração da UNIRIO e o restante foi herdado da UFRJ que ocupou esta área até a sua mudança para a Ilha do Fundão nos anos 1970.

¹ Cursos de graduação do CLA: Bacharelado em Letras Língua Portuguesa; Licenciatura em Letras Língua Portuguesa; Bacharelado em Música (Canto, Composição, MPB e Instrumentos); Licenciatura em Música; Bacharelado em Teatro (Atuação Cênica, Cenografia e Indumentária); Bacharelado em Direção Teatral; Bacharelado em Estética e Teoria do Teatro e Licenciatura em Teatro.

² Cursos de graduação do CCH: Arquivologia, Biblioteconomia – Bacharelado e Licenciatura, Ciências Sociais (Licenciatura), Filosofia – Bacharelado e Licenciatura, História (Licenciatura), Museologia, Pedagogia (Licenciatura), Serviço Social e Turismo – Bacharelado e Licenciatura.

2.4.1 As edificações monumentais – dos primórdios até a Exposição Nacional de 1908

O desenvolvimento do *Campus Pasteur 436* acontece *pari e passu* com a própria história do Bairro da Urca e da Cidade do Rio de Janeiro. A história da Urca se confunde com a história do Rio de Janeiro, uma vez que foi onde Estácio de Sá desembarcou pela primeira vez para fundar a cidade em 1565. Não há um consenso sobre onde tenha sido o ponto exato do desembarque, se na Praia Vermelha ou na Praia da Saudade, porém ambas estão situadas dentro de um raio de cerca de 500m do atual *campus* da UNIRIO. (RIO DE JANEIRO: SECRETÁRIA MUNICIPAL DE CULTURA, 1988, p.11-12)

Nos anos seguintes a chegada de Estácio de Sá, a região foi destinada à defesa militar da cidade, motivo pelo qual foram erguidas diversos fortes e redutos militares. Este quadro só começa a se alterar no final do século XIX quando D. Pedro II intenciona construir no Bairro da Urca a primeira universidade do Brasil. (Ibid., p.13)

Em 1856 são instalados na Praia Vermelha o Batalhão de Engenheiros e a Escola Militar e de Aplicação (Ibid., p.15), instituições voltadas para a educação, embora também fossem diretamente relacionadas a defesa e forças armadas.

Outros edifícios importantes que começam a ser erguidos na Avenida Pasteur no final do século XIX são o Hospício Pedro II, atual Palácio Universitário da UFRJ, em 1852, o Instituto Benjamim Constant, inaugurado em 1896 e o Curatorium, que só é concluído para a Exposição Nacional de 1908. (Ibid., p.16)

O Hospício Pedro II (figura 6) foi construído para receber os internos transferidos da Santa Casa, por aquele local ser na época considerado salubre e apropriado e com “terreno suficiente para as comodidades e larguezas que estabelecimentos de semelhante natureza exigem” (Ibid., p.16). O majestoso edifício em estilo neoclássico foi inaugurado com a presença do Imperador D. Pedro II.

Figura 6 – Hospício Nacional de Alienados (1890)



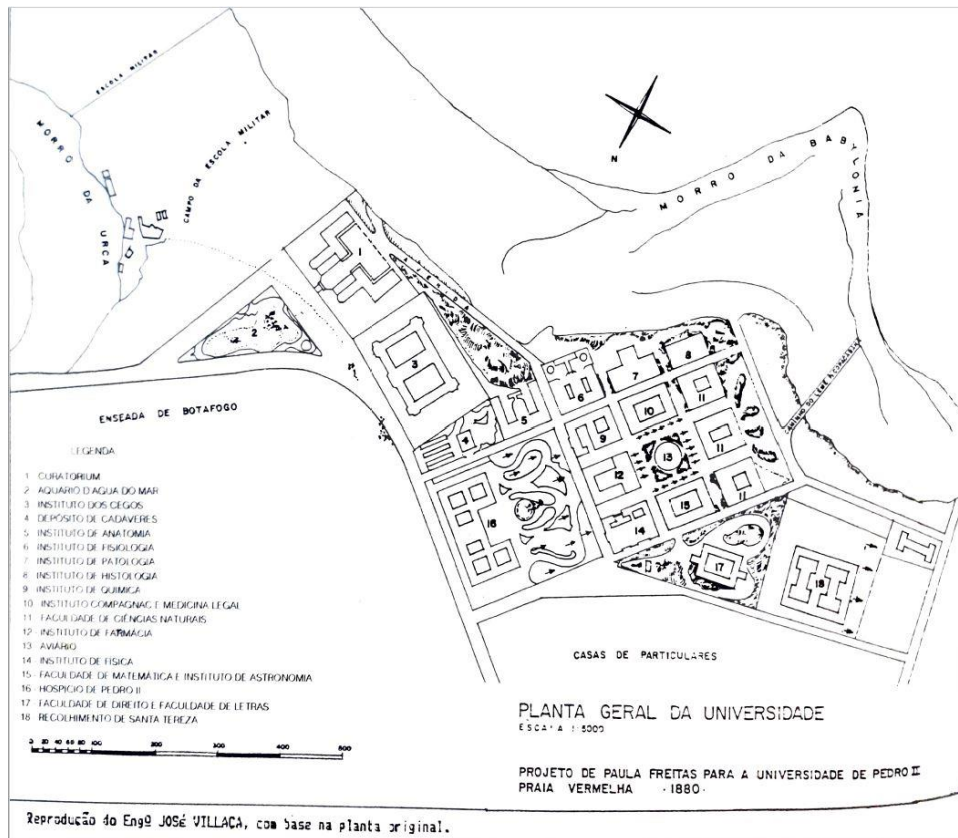
Fonte: acervo do Instituto Moreira Salles³ - IMS

Em 1872, um terreno próximo ao hospício fora oferecido ao Imperial Instituto dos Meninos Cegos para a construção de uma nova sede. Foi projetado um edifício “também neoclássico, com imensas colunas jônicas no pórtico, ornamentação majestosa e frontaria imponente”. (Ibid., p.16) Desde a sua inauguração em 1896 este edifício abriga o Instituto Benjamim Constant.

Oito anos mais tarde, em 1880, o Engenheiro Paula Freitas projeta um conjunto de prédios (figura 7) para o que deveria ser a primeira universidade do Brasil (Ibid., p.18). Além dos edifícios já construídos, a planta geral mostrava uma edificação denominada “Curatorium” e outras como: um aquário de água do mar; um depósito de cadáveres; os institutos de anatomia, de fisiologia, de patologia, de histologia, de química, de medicina legal, de farmácia, de física e de astronomia; as faculdade de ciências naturais, de matemática, de direito e de letras; um aviário e uma edificação denominada recolhimento de Santa Tereza. (TOSATTO, 1997)

³ Acessada em 01/01/2019 [<http://acervos.ims.com.br/#/search?filtersStatId=22&page=3>]

Figura 7 – Planta de localização do projeto para a Universidade do Brasil, 1880



Fonte: Tosatto, 1997, p.16

O “Curatorium” foi o único edifício deste projeto que chegou a ser construído. Sua pedra fundamental foi lançada em 1881, com a presença do Imperador, porém sua obra ficou paralisada por anos devido à falta de recursos financeiros. O grandioso edifício só é concluído para a Exposição Nacional de 1908 com o nome de Pavilhão dos Estados. (RIO DE JANEIRO: SECRETÁRIA MUNICIPAL DE CULTURA, 1988, p.18)

Em 1908 acontece a Exposição Nacional, que tinha como objetivos comemorar o Centenário da Abertura dos Portos ao livre comércio, realizar um inventário do país para os próprios brasileiros contemplando quatro ramos da atividade nacional: agricultura, indústria, pecuária e artes liberais. (PEREIRA, 2010, p. 27)

Para mostrar as riquezas e modernidades do país foram construídos cerca de 30 pavilhões (figura 8) utilizando as técnicas e tecnologias mais modernas da época, como o advento do concreto armado e o bombeamento de água, além da energia elétrica e, apesar da sua magnitude, a exposição (figura 9) tinha um caráter efêmero e ao fim dos seus três meses de duração todas as construções deveriam ser demolidas (Ibid., p.35)

Figura 8 – Planta geral da exposição de 1908



Fonte: PEREIRA, 2010, p.32

Figura 9 – Vista geral da exposição de 1908



Fonte: imagem da Biblioteca Nacional⁴

⁴ Acessada em 02 de julho de 2018 [<http://brasilianafotografica.bn.br/brasiana/handle/bras/5469>]

Alguns poucos edifícios, porém, resistiram e existem até hoje. É o caso do já citado Pavilhão dos Estados, sede da CPRM (figura 10), do Pavilhão de Minas Gerais, atual Escola Municipal Minas Gerais (figura 11) e o Pavilhão das Máquinas, atual Pavilhão de Exposições ou Bloco V do CLA da UNIRIO (figura 12).

Figura 10 – Pavilhão dos Estados em 1908, atualmente sede da CPRM



Fonte: imagem do Museu da Ciência da Terra, CPRM, UNIRIO⁵

Figura 11 – Pavilhão de Minas Gerais em 1908 e atualmente como Escola Municipal Minas Gerais



Fonte: imagem da Biblioteca Nacional⁶ e Google Maps, 2018

Figura 12 – Pavilhão das máquinas em 1908, atualmente bloco do CLA, UNIRIO



Fonte: imagem da Biblioteca Nacional⁷ e acervo da CE/UNIRIO

⁵ Acessada em 01/10/2019 [https://www.cprm.gov.br/publique/media/sobre/mcter/artigo_institucional.pdf]

⁶ Acessada em 02 de julho de 2018 [<http://brasilianafotografica.bn.br/brasiliana/handle/bras/5479>]

⁷ Acessada em 02 de julho de 2018 [<http://brasilianafotografica.bn.br/brasiliana/handle/bras/5469>]

2.4.2 As edificações da UFRJ – 1918 a 1969

Em 1916 é assinado o contrato para a construção da Faculdade Nacional de Medicina, na Avenida Pasteur nº 458 (figura 13). O projeto previa a construção de um conjunto de três edifícios: o de aulas, o hospital e o instituto anatômico, porém somente o primeiro foi erguido. Devido às dificuldades da Primeira Guerra Mundial, os trabalhos foram interrompidos diversas vezes, tendo sido concluído apenas em 1918. (MAIA, 1995, p. 87)

A inauguração deste edifício era a concretização de um sonho para os professores e estudantes de medicina de todo o Brasil (MAIA, 1995, p. 19). Ferreira da Rosa (apud Maia, 1995, p. 91) descreve o prédio, em 1922, da seguinte forma:

O edifício em que funciona agora a Faculdade, excelentemente dotado de salas de aula e provido de laboratórios magníficos, tem dois pavimentos sobre uma área de 80m de frente por 100 de fundos. No primeiro andar o arquiteto empregou a Ordem Toscana; a Ordem Coríntia no segundo. Uma balaustrada arremata a fachada, e em vez de telhado, tem terraços transitáveis. Há um pátio interno octogonal, ajardinado de lindo aspecto, com 1310m² de superfície. (Ferreira da Rosa, apud Maia, 1995, p. 91)

Figura 13 – Faculdade Nacional de Medicina



Fonte: Blog Saudades do Rio⁸

Em 1928, pelo decreto 23.016, é regulamentada a Escola Nacional de Química – ENQ, subordinada à Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária que havia sido transferida para a

⁸ Acessada em 02/04/2020 [<http://saudadesdoriodoluizd.blogspot.com/2017/12/faculdade-nacional-de-medicina-viii.html>]

Avenida Pasteur, nº 404 em 1927, passando a funcionar então neste endereço. (AFONSO, SILVA e PARAENSE, 2006)

Em 1930, o Plano Agache localizava um Centro Universitário no Bairro da Urca (figura 14), com todas as repartições, departamentos, como administração, biblioteca, museu geral e auditório, com a previsão ainda de um ginásio, um conjunto de habitações para os estudantes, um clube de reuniões, uma enfermaria e habitação também para os professores. (Agache, 1930). Este plano, apesar de não ter sido implantado, deixou diretrizes que foram seguidas, dando a continuidade da construção de edifícios da Universidade do Brasil e seus respectivos cursos.

Figura 14 – Cidade Universitária proposta por Alfred Agache

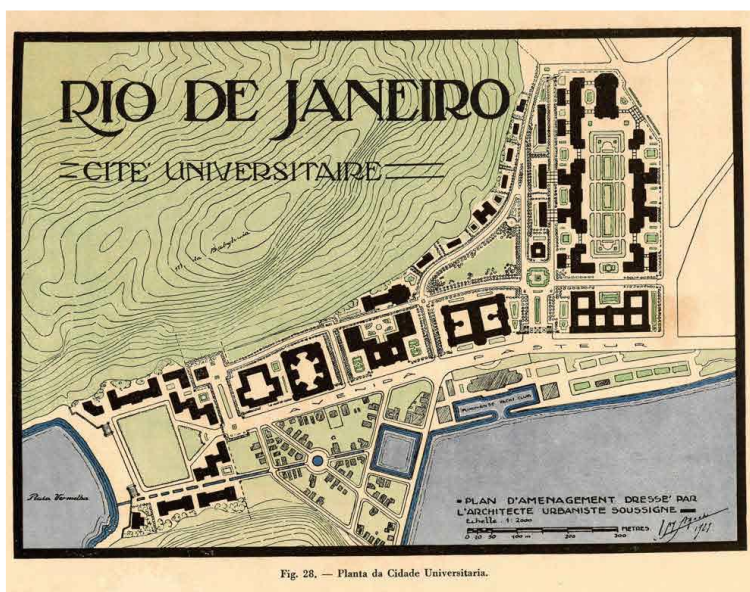


Fig. 28. — Planta da Cidade Universitária.

Fonte: Agache (1930)

Em 1933, a Faculdade Nacional de Odontologia (figura 15), que havia se tornado uma unidade autônoma e independente da Faculdade de Medicina passa a ter “sede própria em prédio especialmente adaptado na Avenida Pasteur nº 438, na Praia Vermelha”. (VILLANOVA, 1948)

Figura 15 – Faculdade Nacional de Odontologia



Fonte: NPD/ETU UFRJ⁹

Em 1934, outro decreto, o de nº 24.738, determinou o desmembramento de uma área de 17.775m² nos fundos deste terreno para cessão à Escola Nacional de Química - ENQ (figura 16) e em 1964 outra área foi cedida para a Escola, com 102,60m², para a construção de um diretório acadêmico que nunca fora construído. (TOSATTO, 1997, p. 92)

Em maio de 1954, o jornal Correio de Manhã, traz uma matéria com indícios sobre a construção de um novo prédio para a ENQ nesta época. Ao responder críticas sobre a sua transferência para a Cidade Universitária, o presidente do diretório acadêmico diz desejá-la em tempo oportuno, pois naquele momento suas atenções estavam “voltadas para o melhoramento das atuais instalações e conclusão do prédio de seis andares em construção ao lado da atual Escola”.

⁹ Acessada em outubro de 2019 [http://www.imagem.ufrj.br/index.php?acao=detalhar_imagem&id_img=1125]

Figura 16 – Escola Nacional de Química - ENQ



Fonte: NPD/ETU UFRJ¹⁰

2.4.3 A transferência da UFRJ e as primeiras ocupações pela UNIRIO – 1969 a 1989

A partir dos anos 1950 a Cidade Universitária da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, começa a ser construída na Ilha do Fundão e há a progressiva transferência dos cursos para lá. Destaca-se, aqui, a transferência, em especial, dos cursos que geraram a vacância nos edifícios do *Campus Pasteur 436*.

O início da mudança da Faculdade de Medicina para a Ilha do Fundão acontece entre 1972 e 1973 (figura 17) “por determinação do regime autoritário” vigente na época, embora fosse algo previsto para toda a Universidade, culminando com a sua demolição no dia seguinte à última leva de mudança. (ROCHA, 2007). Sobre este fato, Maia (1995) relata:

Janeiro de 1973 cumpre-se a determinação de mudança da Faculdade para a Cidade Universitária da Ilha do Fundão. Caminhões param na mesma porta que recebera os primeiros convidados. Caixotes são transportados levando para as novas instalações da Ilha do Fundão tudo o que, numa pressa inexplicável, pode ser transportado. Tudo, menos a tradição e o amor de gerações.

Num fim de tarde vazio o prédio, as belas portas de madeira lavrada fecharam-se pela primeira vez.

¹⁰ Acessada em outubro de 2019 [http://www.imagem.ufrj.br/index.php?acao=detalhar_imagem&id_img=1120]

Rápido, muito rápido como costumam agir as companhias imobiliárias quando querem evitar que algum apelo sentimental impeça, através do tombamento ou qualquer medida judicial, sua ação demolidora, o prédio foi destruído, e o material que, para todos que por ali passaram não teria preço, foi vendido como material de demolição. Nenhuma voz se levantou contra o absurdo. Cumpria-se uma determinação legal ao transferir as instalações para a nova Cidade Universitária, mas nada foi feito para tentar preservar o prédio. Para tombá-lo transformando-o, como merecia, num monumento de culto a história da Medicina Brasileira. (Maia, 1995, p. 23)

Figura 17 – Série mostrando a demolição do edifício da Faculdade Nacional de Medicina



Fonte: Blog Saudades do Rio¹¹

Sobre a desocupação do terreno pela UFRJ, Afonso (2009) relata que os livros-ata do Instituto de Química (IQ) mostram as dificuldades da mudança de prédio e é em 1974 que saem os últimos equipamentos do IQ na Praia Vermelha.

Em 1979 a UNIRIO adquire o terreno da Avenida Pasteur, nº 404-fundos, o primeiro dos quatro terrenos que virão a compor o *campus* Pasteur 436. O relatório elaborado pela CE/UNIRIO em agosto de 1979 para a avaliação destes imóveis retratava “o estado de conservação extremamente precário” em que eles se encontravam.

Uma planta de situação contida neste relatório identificava os edifícios do terreno: o Galpão (Pavilhão das Máquinas da Exposição de 1908), a Escola de Química e seu anexo, o Instituto de Psicologia, CPRM, zeladoria, força e duas construções sem nome.

Ao receber estes edifícios, a UNIRIO trata de reformá-los para adaptá-los as necessidades dos cursos de Teatro e Música, como por exemplo a criação de auditórios e teatros e salas de aula específicas e os prédios renovados são inaugurados em 1981, conforme indicam as placas de inauguração na entrada destes prédios.

¹¹ Acessadas em 04/10/ 2019 [imagens de fotograma em <https://saudadesdoriodoluizd.blogspot.com/search?q=medicina>]

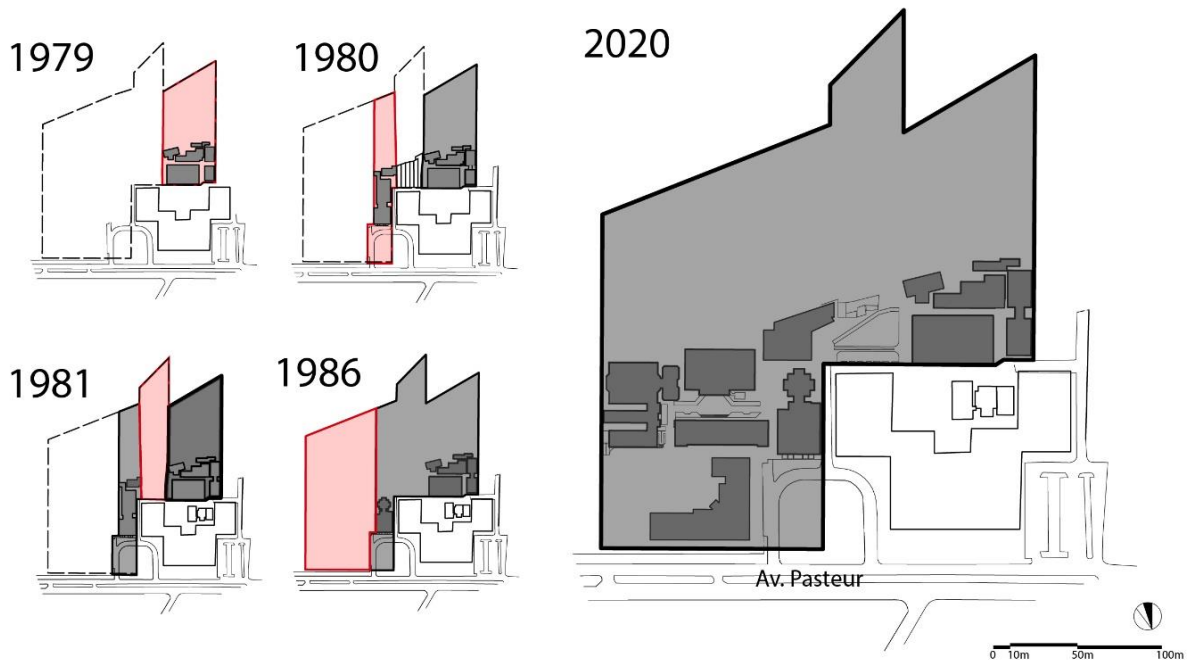
O próximo terreno da região a ser incorporado pela UNIRIO é o número 438 da mesma avenida, em 1980. Este terreno inclui parte da praça Guilherme Figueiredo, a rua de acesso sem nome e o imóvel da antiga Faculdade Nacional de Odontologia que é reformado para receber a Biblioteca Central.

Desta forma, a UNIRIO passa a ter duas áreas próximas, porém sem comunicação entre si, o que faz com que o terreno situado entre eles, seja utilizado pelos alunos e professores para transitar entre os prédios. Neste terreno fazia parte do patrimônio da CPRM, de acordo com (TOSATTO, 1997, p. 89), havia seis casas de funcionários da instituição e eram chamadas de Vila Calmon.

Para melhorar a comunicação entre os seus prédios a UNIRIO negocia a aquisição deste terreno. De acordo com relatos de funcionários, a transação incluía que as casas fossem demolidas e a área fosse entregue limpa e então, em 1981, o terreno é incorporado ao *campus* e passa a ser denominado como Espaço Mário de Andrade.

Em 1986 a UNIRIO compra da Eletrobrás o terreno da Avenida Pasteur 458, onde existiu o prédio da Faculdade de Medicina e que permanecia livre de edificações desde a sua demolição, concluindo assim a composição do terreno do atual *Campus Pasteur 436* (figura 18).

Figura 18 – Cronologia do remembramento para a formação do *Campus Pasteur 436*

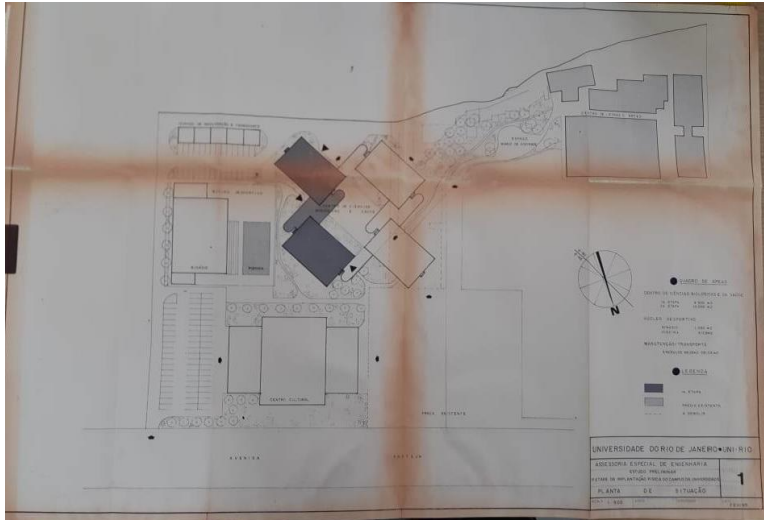


Fonte: Elaborado pela autora, 2020

Ainda em 1986, a UNIRIO elabora um primeiro plano diretor para o *campus*. Este plano descrevia a estrutura física e administrativa da universidade à época e trazia um levantamento de dados de carga-horária das disciplinas, número de alunos e professores, funcionários, monitores e estagiários colhidos através da Pró-Reitoria Administrativa e entrevistas com os professores do Centro

de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS) além de definir as diretrizes do projeto (Figura 19). (CE/UNIRIO, 1986)

Figura 19 – Foto da planta do plano diretor de 1985



Fonte: Acervo da CE/UNIRIO, 2019

A Universidade tinha naquele momento quatro áreas distintas: o setor A, na Avenida Pasteur nº 296; Setor B, na Avenida Pasteur nº 436 e Setor C, na Rua Frei Caneca nº 94 e o HUGG. O setor B era descrito da seguinte forma:

Os Blocos I a V e o Espaço Mário de Andrade distribuem-se num terreno de 6.740m², parte de área total de 24.918m² (no morro da Babilônia). Esta área é parte do Setor B (ver planta de situação).

O Bloco VI, antiga Faculdade de Odontologia, com 1.464 m² atualmente vazio, necessita de reforma para nova utilização.

O bloco VII, antiga cantina, com 239m² e vazio, necessita reforma para nova utilização (CE/UNIRIO, 1986)

Com relação ao que o plano chama de “configuração urbanística” do *campus*, ele elenca que “a área destinada à implantação do *campus* da Universidade do Rio de Janeiro está dotada de infraestrutura, com sistemas de transportes, de saneamento básico, de energia elétrica e de comunicações.” (CE/UNIRIO, 1986)

O projeto previa ainda a construção de um conjunto de quatro blocos de seis pavimentos cada, interligados dois a dois, em altura, destinado ao CCBS; um núcleo desportivo com piscina de 12m x 25m, com uma pequena arquibancada e um ginásio para quadra polivalente, com pátios ao redor para exercícios; um pavilhão modulado para o serviço de transporte e manutenção e um centro cultural, constituído por um teatro, salão de exposições, museu e uma biblioteca central. (CE/UNIRIO, 1986)

Nas suas diretrizes projetuais era prevista a preservação do Espaço Mário de Andrade como “espaço verde do *campus*, área de lazer e de espetáculos ao ar livre”, compondo “conjunto ligando-se com o espaço verde do projeto de aproveitamento do terreno ora integrado ao *campus*” (CE/UNIRIO, 1986)

Ainda sobre os espaços livres projetados neste plano diretor, era planejada a construção de uma rua de serviço que contornaria o terreno de forma a liberar os jardins do tráfego de carros, reservando-os exclusivamente para os pedestres e viveiros de pássaros, para observação, seriam instalados nas áreas de jardins. (CE/UNIRIO, 1986)

Entretanto, este projeto não é considerado e, em 1987, um novo plano diretor é contratado do escritório do Arquiteto Luis Paulo Conde. O novo plano consistia em um bloco único para implantação do CCBS, um bloco para a decania, um ginásio, um centro cultural e uma biblioteca. As áreas livres previstas neste projeto eram uma praça entre o CCBS e a decania, uma piscina adjacente à esta praça e o Espaço Mário de Andrade, além da praça de chegada no *campus*.

2.4.4 As edificações da UNIRIO – 1990 a 2020

Em 1990 a UNIRIO constrói o seu primeiro prédio do *Campus Pasteur 436*. Com base no plano diretor do Arquiteto Luiz Paulo Conde, é construído o prédio da Decania, que atualmente se chama Edifício Padre Anchieta (Figura 20). O Edifício tem uma planta retangular de 55m x 12m, foi implantado no centro do terreno de nº 458 e seu acesso o divide em duas partes que permaneceram desocupadas por muitos anos.

Foi inaugurado, em 1991, com uma mudança de programa, pois o que era previsto para ser sede das decanias dos cursos do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde com uma creche para atender os filhos dos funcionários, passou a ser sede dos cursos de pós-graduação do CCH.

Figura 20 – Edifício Padre Anchieta, UNIRIO



Fonte: Coordenação de Engenharia UNIRIO

Em 1994 começa a ser construído o edifício sede do CCH, inaugurado em 1995. Ele não fazia parte de nenhum dos planos diretores, que a partir de então são definitivamente deixados de lado, de forma que os novos edifícios vão sendo projetados de forma isolada no terreno e sem estratégia para a definição de um *campus*.

O Edifício do CCH fica localizado no fundo do terreno 458, próximo à Pedra da Babilônia e de frente para o Edifício Padre Anchieta. O edifício de quatro andares e subsolo tem seu acesso principal voltado para a frente do terreno e é composto por salas de aula e um auditório, além de banheiros e rampa.

A fachada deste edifício (figura 21), de controverso estilo arquitetônico, é revestida em pastilhas de 5x5cm, composta por esbeltas colunas arrematadas por um frontão no topo do volume principal. Chama a atenção a assimetria do corpo edificado com três colunas de janelas no lado esquerdo do volume principal e seis colunas no lado esquerdo, causando um desequilíbrio visual.

Figura 21 – Edifício do CCH, UNIRIO



Fonte: Coordenação de Engenharia UNIRIO

Dois anos mais tarde tem início a construção do Edifício do CCET/IBIO (figura 22). Este edifício de cinco pavimentos com subsolo-garagem foi projetado para ser implantado em duas fases, sendo a primeira ala (o bloco dos fundos) e a bateria de rampas inaugurados em 2000 e a ala da frente finalizada em 2011. Os dois blocos são basicamente compostos por salas de aula e laboratórios, além de um auditório.

Figura 22 – Edifício do CCET/BIO, UNIRIO



Fonte: Coordenação de Engenharia UNIRIO

Em 2012 é inaugurado o Restaurante Escola (figura 23). Localizado atrás da Biblioteca Central e a direita do CCH, este prédio também fica próximo a Pedra da Babilônia. Ele tem quatro pavimentos está dividido em duas alas, sendo uma delas a ala funcional, com a cozinha, salão do restaurante e salas de aula e outra ocupada apenas pelas rampas e a caixa dos elevadores, ainda não instalados. Na cobertura do prédio há ainda uma quadra de esportes.

Figura 23 – Edifício do Restaurante Escola, UNIRIO



Fonte: Coordenação de Engenharia UNIRIO

A última obra feita no *campus* é o edifício para a nova sede do CCH (figura 24). Com um projeto de 2010, em 2017 começam as obras para a construção deste novo edifício. A arquitetura

contemporânea, com pele de vidro e grandes brises soleils horizontais deste edifício contrasta com a modéstia dos demais do conjunto edificado. Este edifício, que tem previsão de inauguração em 2020, conta com um auditório, salão de exposições e salas de aula.

Figura 24 – Edifício da futura sede do CCH, UNIRIO



Fonte: Coordenação de Engenharia UNIRIO

O edifício do CCH vem para terminar de compor o corpo edificado do *campus*. Com onze edifícios, o *Campus Pasteur 436* tem um conjunto bastante diverso, com prédios históricos de diferentes épocas e origens. Alguns fizeram parte de um momento importante da história do Rio de Janeiro, como o Pavilhão de Exposições, outros fizeram parte da intenção de criar neste local a primeira Universidade do Brasil.

2.5 SÍNTESE CRONOLÓGICA DA CONSTRUÇÃO DO CAMPUS PASTEUR 436

O *Campus Pasteur 436* se estabeleceu no local onde historicamente estava prevista a construção da primeira universidade do Brasil, como visto na figura 7, onde em 1880 o imperador intencionava construir a Universidade do Brasil. Esta intenção se repete em 1930 com a escolha do bairro da Urca e da Avenida Pasteur para a sede da Cidade Universitária, no plano de remodelação da cidade do Rio de Janeiro, de Alfred Agache.

Entre os anos 1930 e 1970, a UFRJ passa a existir neste local, com a construção de novos edifícios, como o da Faculdade Nacional de Medicina em 1908 e a Escola de Química em 1954 e a mudança de alguns cursos para edifícios adaptados na Avenida Pasteur, como no caso da Faculdade de Odontologia e de Química.

A situação da universidade pública no Brasil tende a ser sempre economicamente precária, vide a reforma universitária de 68 que tinha como um de seus objetivos a racionalização de seus custos.

Com a UNIRIO não foi diferente, ela herdou diferentes edifícios e terrenos e, paulatinamente, foi desenvolvendo as adaptações mínimas necessárias para o seu funcionamento, conforme a verba disponível em cada momento.

O foco da UNIRIO foi na construção de novos edifícios, considerando que as contínuas adaptações e reformas seriam suficientes para abrigar suas atividades, sem considerar que elas tendem a tornar as instalações precárias e pouco adequadas à tecnologia e demandas atuais. Os espaços livres ficam entendidos como lugares menos importantes na hora de destinar os recursos e, uma potencialidade de espaço para construção dessas novas edificações que se sobrepõem, não obedecendo um planejamento do *campus* como um todo.

Durante todo o período de composição do *Campus Pasteur 436*, a gestão da UNIRIO encomendou planos diretores para sua estruturação e organização, porém nenhum dos planos foi executado. Embora o primeiro edifício erguido pela UNIRIO, fosse parte de um destes planos, os demais são construídos sem um planejamento urbanístico e arquitetônico do *campus* como um todo, como pode ser verificado na figura 25.

Figura 25 – Linha do tempo dos edifícios do *campus*



Fonte: desenvolvido pela autora, 2020

Assim, este item busca desenvolver uma síntese iconográfica que destaca as permanências históricas e o processo de transformação do *Campus Pasteur 436* em paralelo ao Bairro da Urca na Cidade do Rio de Janeiro. A primeira série de imagens traz fotografias de 1908 e 1930 onde as

permanências edificadas ainda hoje no *Campus Pasteur 436* e no seu entorno imediato são destacadas em vermelho.

Na figura 26 são apresentadas duas visadas da Exposição Nacional de 1908, onde pode-se notar em destaque o Pavilhão de Minas Gerais, O Pavilhão dos Estados, o Pavilhão das Máquinas e o Instituto Benjamin Constant.

Figura 26– Imagens de 1908 mostrando as edificações da Exposição do Centenário da Abertura dos Portos



Fonte: desenvolvido pela autora sobre imagens da Biblioteca Nacional¹²

Na figura 27, imagens de 1930, é possível notar a que a maior transformação do bairro foi a sua expansão através do aterro e a Avenida Pasteur já traçada. Os edifícios em destaque que permanecem que são os mesmos das imagens anteriores.

¹² Imagens acessadas em julho de 2019, obtidas em [\[http://brasilianafotografica.bn.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/5459\]](http://brasilianafotografica.bn.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/5459) e [\[http://brasilianafotografica.bn.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/5461\]](http://brasilianafotografica.bn.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/5461)

Figura 27 – Imagens de 1930 o aterro do Bairro da Urca e as edificações remanescentes da Exposição do Centenário da Abertura dos Portos



Fonte: desenvolvido pela autora sobre imagens da Biblioteca Nacional¹³

A segunda série de 5 imagens (figuras 28 a 32) foram desenvolvidas sobre base do Google Earth de 2008 capturada em janeiro de 2020, mostra, num processo acumulativo, as diferentes épocas das edificações no *Campus Pasteur 436* e no seu entorno imediato.

¹³ Imagens acessadas em julho de 2019, obtidas em [\[http://brasilianafotografica.bn.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/2898\]](http://brasilianafotografica.bn.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/2898) e [\[http://brasilianafotografica.bn.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/2899\]](http://brasilianafotografica.bn.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/2899)

Figura 28 – Edificações que permanecem de 1908



Fonte: desenvolvido pela autora sobre imagens do Google Earth

Figura 29 – Edificações que permanecem de 1908 e 1918



Fonte: desenvolvido pela autora sobre imagens do Google Earth

Figura 30 – Edificações que permanecem de 1908, 1918 e 1930



Fonte: desenvolvido pela autora sobre imagens do Google Earth

Figura 31 – Edificações que permanecem de 1908, 1918, 1930 e 1950



Fonte: desenvolvido pela autora sobre imagens do Google Earth

Figura 32 – Edificações que permanecem de 1908, 1918, 1930, 1950 e 1980



Fonte: desenvolvido pela autora sobre imagens do Google Earth

A terceira série de 5 pranchas A3 (Apêndice 2 a 6) objetivam apresentar uma simulação de visadas de diferentes épocas de dentro do atual *Campus Pasteur 436*.

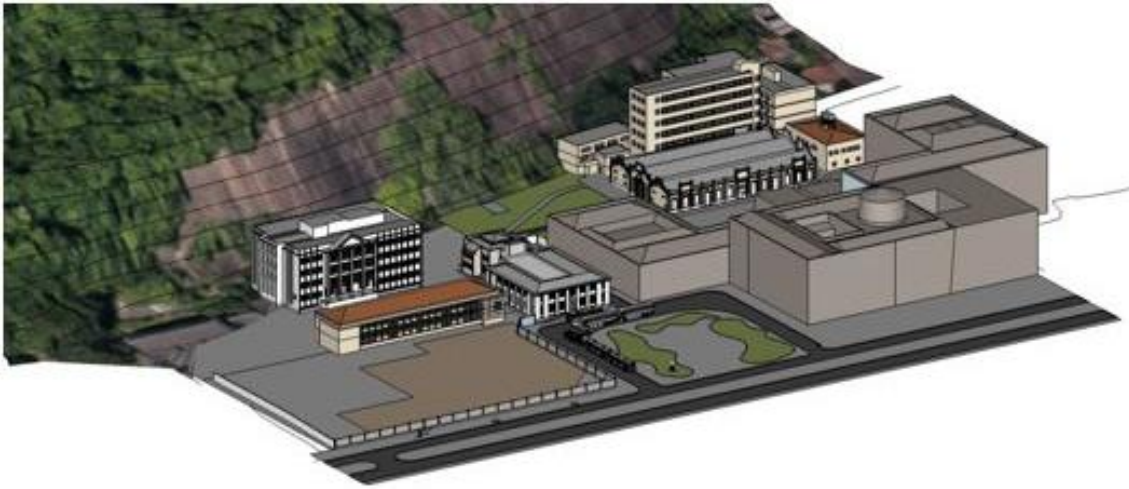
Por fim, foi desenvolvido através de modelagem 3D sobre a base do Google Earth do atual *Campus Pasteur 436*, dando destaque para cada uma das edificações construída em diferentes tempos (Figuras 33 a 37).

Figura 33 – Acréscimo do Edifício Padre Anchieta (1991)



Fonte: elaborado pela autora, 2020

Figura 34 – Acréscimo do Edifício do CCH (1994)



Fonte: elaborado pela autora, 2020

Figura 35 – Acréscimo do Edifício do CCET/IBIO (2000)



Fonte: elaborado pela autora, 2020

Figura 36 – Acréscimo do Edifício Restaurante Escola (2012)



Fonte: elaborado pela autora, 2020

Figura 37 – Acréscimo do Edifício do Novo CCH (2020)



Fonte: elaborado pela autora, 2020

CAPÍTULO 3: O SISTEMA DE ESPAÇOS LIVRES DO *CAMPUS PASTEUR 436*

(...) talvez, mais importante do que os edifícios em si sejam as relações entre eles, dando a coesa noção de conjunto, ainda que se trate de uma fração parcial da universidade global. Assim como para outros objetos de arquitetura, as universidades precisam ser pensadas e concebidas de modo menos monumental e mais compacto e, portanto, com melhor desempenho operacional. Se forem radiais, lineares ou em rede, o que importa, de fato, é sua ambiência estimulante. Os encontros casuais e o imprevisito jogo da urbanidade alimentam o espaço, tornam a universidade mais atraente, ao invés de revestida de formalidade e austeridade. (Mahler, 2015, p.294)

Sendo os espaços livres o objeto de estudo deste trabalho, este capítulo se presta a trazer algumas definições e peculiaridades dos espaços livres de uso público dos *campi* universitários.

O Capítulo 3 está dividido em três momentos. No primeiro é realçada a importância do sistema de espaços livres nos *campi* universitários e a sua relação com o entorno urbano. Posteriormente é feito um estudo sobre a estruturação morfológica dos espaços livres do *Campus Pasteur 436* visando uma análise da sua legibilidade. Por fim, são trazidas as diferentes apropriações, com base em uma pesquisa etnográfica, que ressaltam as identidades dos atores presentes no *Campus Pasteur 436*.

Os estudos que envolvem o levantamento de campo foram comprometidos devido à suspensão das atividades presenciais no *campus* que se encontra fechado desde a primeira semana letiva, em março de 2020, como medida de contenção da pandemia da COVID-19. Esta dificuldade, porém, não impediu que fossem elencadas uma série de potencialidades e fraquezas destes espaços livres, baseadas em observações anteriores ao fechamento do *campus*.

3.1 A IMPORTÂNCIA DO SISTEMA DE ESPAÇOS LIVRES NOS *CAMPI* UNIVERSITÁRIOS

O sistema de espaços livres pode ser entendido como “os elementos e as relações que organizam e estruturam o conjunto de todos os espaços livres de determinado recorte urbano” (MACEDO, QUEIROGA, *et al.*, 2018, p. 17). Ao elencar as razões pelo qual o sistema de espaços livres é primordial na existência da cidade, os autores destacam que isso se dá pelos seguintes fatos:

- É essencial ao desempenho da vida cotidiana.
- É fundamental na constituição da paisagem urbana, pois é elemento da forma urbana, da imagem da cidade, de sua história e memória.

- Participa da constituição da esfera de vida pública (geral e política) e da esfera privada.
- Nele se dão importantes eventos ambientais, já que inclui rios, lagos, florestas e matas abrigando estruturas de drenagem, bem como significativos ecossistemas, como manguezais, dunas, entre outros. (Ibid., p.17)

Para que o desempenho funcional, social e ambiental do sistema de espaços livres seja relevante para a esfera pública é necessário que estes espaços alcancem um determinado grau de qualidade espacial e eficiência, uma vez que as características estéticas e formais são atributos culturais dos espaços constituintes deste sistema. (Ibid., p.18)

Ainda com relação a importância dos espaços livres, os autores (Ibid., p.18), trazem uma definição de que “os espaços livres são uma reserva de imaginação”, por atenderem as demandas sociais e permitirem um maior convívio público, um contato com a alteridade própria da vida cidadina, permitindo em consequência o sonho e a liberdade.

Vicente Del Rio (1990, p.107) traz uma visão dos espaços livres como aqueles que

desempenham importantes funções no espaço urbano como, por exemplo, social (encontros), cultural (eventos), funcional (circulação) ou higiênica (mental ou física); tão importante como o espaço construído na estruturação urbana devendo, portanto, ser tratado como espaço positivo; sua importância não é tanto em termos de quantidade, mas de suas relações ao contexto urbano e às atividades sociais às suas margens (ALEXANDER, 1977) e àquelas que, por sua existência, são facilitadas (LERUP, 1972). (Del Rio, 1990, p.107)

Em se tratando dos espaços livres do *campus* de uma universidade pública, é interessante fazer uma distinção entre o espaço público e a esfera pública. Proença Leite (2004, apud Macedo, 2018, p.36) traz três distintas conotações para o conceito de espaço público: espaço urbano aberto de propriedade pública do Estado, espaço-signo das relações entre representações e poder estruturante das paisagens urbanas ou ainda a esfera pública “na qual os indivíduos como cidadãos engajados politicamente podem ver e ser vistos e se deparam com formas de solidariedade social”.

Existem ainda as definições de espaço dada pelo geógrafo Milton Santos como “instância social, portanto em relação dialética com as demais instâncias sociais – economia, cultura e política” (1985, apud Macedo, 2018, p.36); “como um híbrido composto da materialidade e da sociedade que lhes dá valor e lhe põe em movimento, como forma-conteúdo, com componente inercial (físico) e dinâmico (ações humanas)” (1978, apud Macedo, 2018, p.37). E “como um conjunto indissociável entre um sistema de objetos (físicos, trabalho geografizado, pretérito, fixos) e um sistema de ações (relações sociais, trabalho vivo, presente, fluxos). (1996, apud Macedo, 2018, p.37).

Entendendo a complexidade do tema, o Laboratório Quadro do Paisagismo no Brasil (QUAPÁ-SEL) traz duas propostas para o significado do espaço público: “o espaço de propriedade pública, independente de se prestar às ações próprias da esfera pública política, *stricto sensu*” e “o espaço de apropriação pública, onde se realizam ações da esfera pública política e da esfera pública geral, *strictu* e *lato sensu*, respectivamente, independente da propriedade ser pública ou privada”. (MACEDO, QUEIROGA, *et al.*, 2018, p. 37)

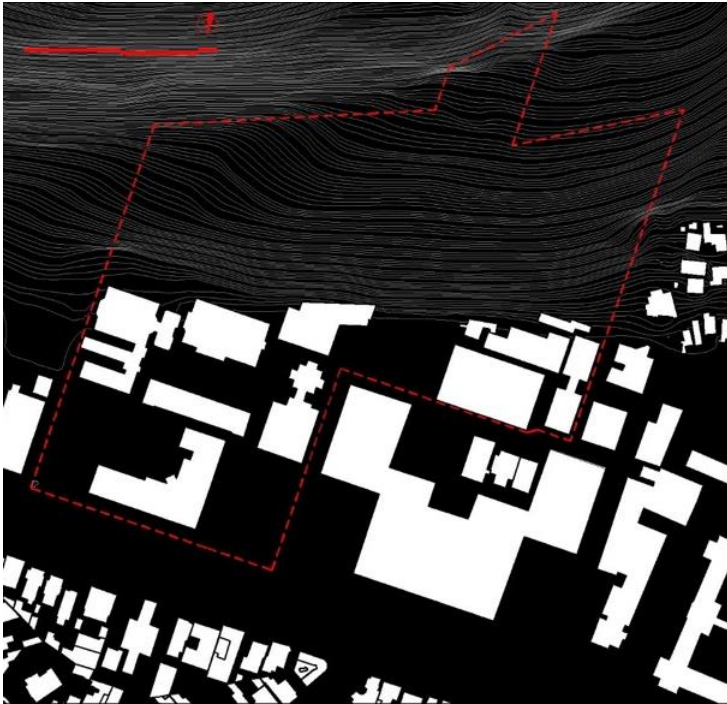
Dentre a vasta gama dos espaços, há os de uso comum, como as vias públicas, praças e parques e os de uso especial, classificação à qual pertencem os *campi* universitários. De acordo com o Código Civil Brasileiro, art. 99, os bens de uso comum “são os edifícios ou terrenos destinados a serviço ou estabelecimento da administração federal, estadual, territorial ou municipal, inclusive suas autarquias”. (Ibid., p.56)

Os espaços livres do *Campus Pasteur 436*, embora pertencentes a uma universidade pública, não são públicos no sentido de usufruto de toda a sociedade, uma vez que possui o seu acesso controlado restrito aos integrantes da sua comunidade acadêmica, devido a natureza específica das suas atividades.

Neste caso, é importante observar as diferentes hierarquias de acesso aos seus espaços livres. Devido a situação territorial do *campus*, dentro dos limites do seu terreno temos desde áreas de preservação ambiental, como a Pedra da Babilônia e trechos de praça e via pública além dos espaços livres do *campus*.

O *Campus Pasteur 436* tem, assim, uma importante área de espaços livres públicos, como pode ser observada na figura 38, do mapa de figura fundo, que compreende também o seu entorno, como também na figura 39, que categoriza as diferentes figuras de direito dos espaços livres – público de uso público; de propriedade da União e de uso coletivo com acesso controlado e da esfera federal de caráter ambiental – a Pedra da Babilônia.

Figura 38 – Mapa de figura e fundo que mostra a escala monumental das edificações do *Campus* em relação as edificações residenciais do entorno e a relevante presença dos espaços livres na articulação dos edificad



Fonte: desenvolvido pela autora sobre planta cadastral

Figura 39 – Categorias dos espaços livres do *Campus Pasteur 436*



- limite do terreno
- espaços livres públicos
- espaços livres públicos de acesso controlado
- espaço livre público de acesso restrito - preservação ambiental

Fonte: desenvolvido pela autora sobre planta cadastral

O espaço livre de uma universidade é referência para a sua identidade e imagem institucional, que passa a mensagem dos objetivos pioneiros, pensados em relação à natureza do lugar e sua arquitetura demonstra valores e circunstâncias temporais, amalgamando sua história e as prioridades econômicas que foram consideradas para sua execução. Este espaço permite caracterizar os seus modelos pedagógicos, expressos na própria estrutura de seu território e num relato de sua trajetória educacional constituído em pedra e cal. (MAHLER, 2015, p. 21)

Josep Maria Montaner (2015, p.32) traz uma visão de *campus*, enquanto sistema arquitetônico contemporâneo. Este sistema é baseado em novos princípios de composição como proporção e equilíbrio entre distintos volumes isolados, onde a caracterização e a diversificação conferem identidade às peças autônomas.

Na definição de Montaner (2015, p. 32), no *campus* há uma predominância de diversidades de tipologias de edifícios, que se complementam e não competem entre si. Este tipo de estrutura funciona para o conjunto de edifícios com semelhantes programas de uso e intensidade de fluxos de circulação. Na sua definição, trata-se de uma forma aberta e integrada à natureza, onde predominam formas isoladas e convexas que se relacionam entre si pelo vazio e distância.

Outra característica interessante do *campus*, nesta visão de Montaner (2015, p.33), é a sua posição enquanto lugar para a “síntese das artes”, como proposta por Le Corbusier no CIAM 6, onde o protagonista, nas suas palavras, é o “contexto, o espaço livre”. O autor complementa - “quem projeta um *campus*, atua como um escultor dos volumes, vazios intersticiais, plataformas e itinerários propícios à relação, espelhos d’água e jardins e espaços entre esses mesmos volumes.”

Para Mahler (2015., p.22), o modelo de *campus* universitário ou cidade universitária cria um território específico no ambiente em que se insere, além de ser uma região de considerável porte no seu zoneamento, correspondente à ideologia do *zoning* em termos urbanísticos, que se opõe à cidade caótica e agitada pelas lutas sociais.

Em sua tese, a autora selecionou e analisou diversos estudos de caso no campo do território universitário e deles extraiu quatro categorias de análises de *campus* universitários: territórios urbanos, sistemas em trama aberta, sistemas radioconcêntricos e megaestruturas lineares. Para cada uma delas abordou aspectos relevantes da história da instituição que o exemplifica, além de um conjunto de mapas ilustrando os seguintes aspectos: planos diretores, escalas cívica e simbólica, usos e áreas de conhecimento.

Os territórios urbanos se caracterizam por uma identidade arquitetônica e urbanística que agrega valor especial ao tecido urbano, à história e à memória da cidade. Estão inseridas nas cidades e construídas a fim de expressar uma função social. Sua localização privilegiada permite a

permeabilidade com a urbe e com a polis (Ibid., p.152). A autora enumera nesta categoria a Universidade de Columbia, em Nova Iorque, e a Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), em São Paulo (figura 40).

Figura 40 – Campus da Mackenzie com escala e estruturação compatível com o tecido/trama urbana do entorno

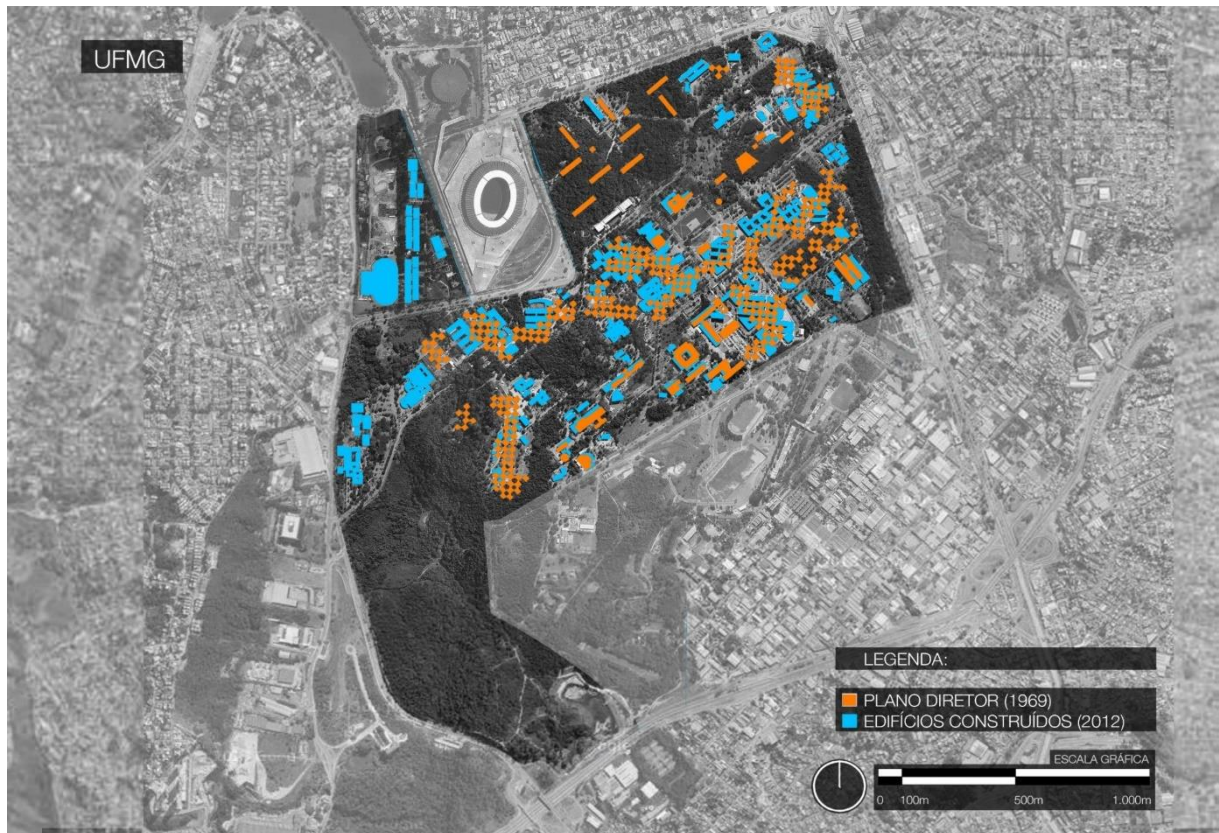


Fonte: Mahler, 2015

Já os sistemas em trama aberta baseiam-se em uma rede que estrutura a composição, emergida do processo criativo dos movimentos artísticos do início do século XX, em especial do neoplasticismo, que buscava uma aproximação com a universalidade e com a atemporalidade. (Ibid., p.185).

Dois elementos essenciais, o vertical e o horizontal, são as referências diretas extraídas do neoplasticismo para caracterizar esta categoria. Neste sistema há uma lógica de articulações ortogonais que permite a liberdade dos arranjos em função da demanda dos novos programas, que apesar de cartesiano, permite uma espacialidade livre. Os exemplos de projetos de universidades que o utilizam são a Universidade de Berlim, na Alemanha e a Universidade Federal de Minas Gerais (figura 41), em Belo Horizonte. (Ibid., p.185)

Figura 41 – *Campus da Universidade Federal de Minas Gerais em Belo Horizonte, com frágil conexão com a trama/tecido urbano do entorno, por meio, apenas, dos principais corredores viários*

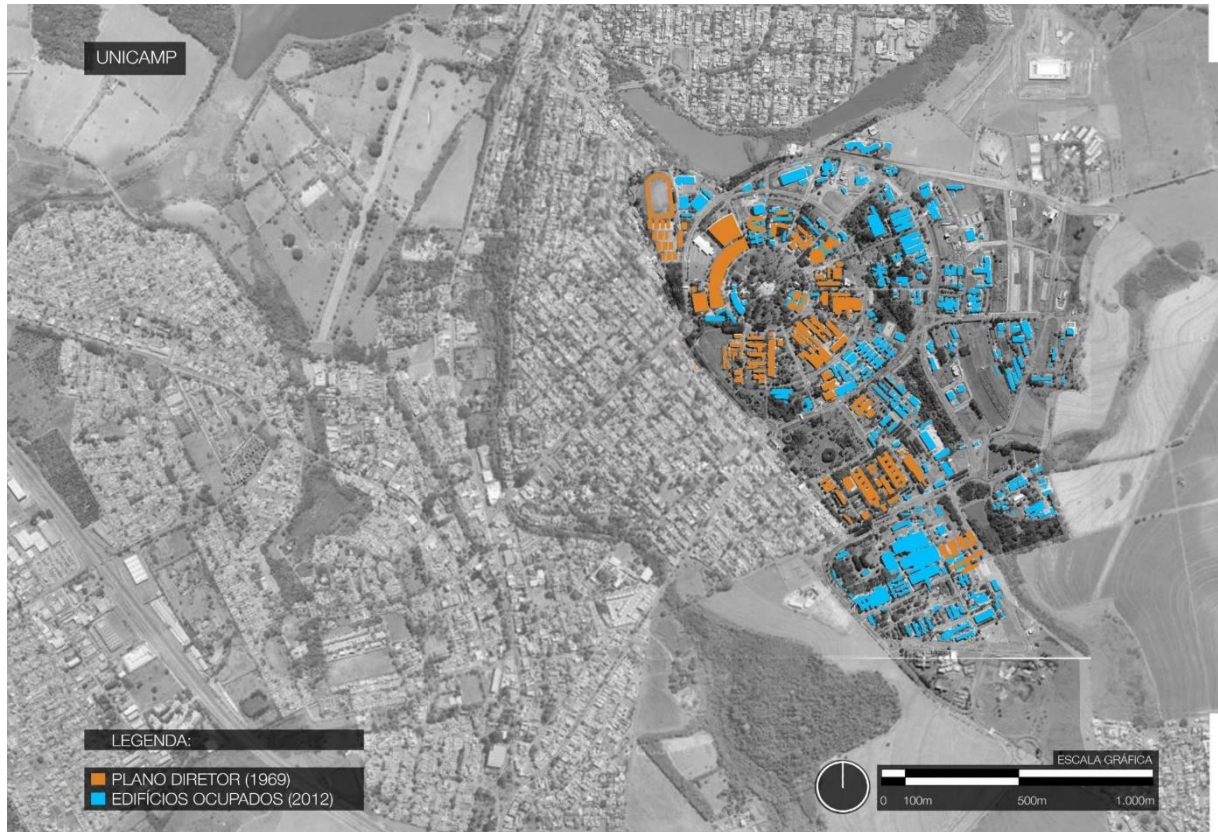


Fonte: Mahler, 2015

Os sistemas radioconcêntricos são representativos do movimento pós-moderno na arquitetura, que “recuperou a exploração das formas com liberdade na concepção de projetos arquitetônicos e urbanísticos.” A forma circular é rica em significados e um dos mais imediatos parece ser a ideia de centralidade. Ela “traz a noção de contornos equidistantes de seu centro, o que pode ter relação com conceitos de tempo, igualdade ou fechamento em relação ao entorno.” (Ibid., p.223)

No urbanismo, o uso desta morfologia é observado para acrescentar um conteúdo simbólico ao espaço ao realçar o contraponto entre núcleo e periferia como modo de organização espacial e a sua utilização no território universitário, com um *core* definido, explicita a identidade institucional. A Universidade da Flórida Central (UFC) e a Universidade de *Campinas* (UNICAMP) (Figura 42) são os exemplos que a autora utilizou para sintetizar esta categoria de território universitário. (Ibid., p.225)

Figura 42 – *Campus* radioconcentrico da UNICAMP, SP, apartado da trama/tecido urbano, em forma e escala.

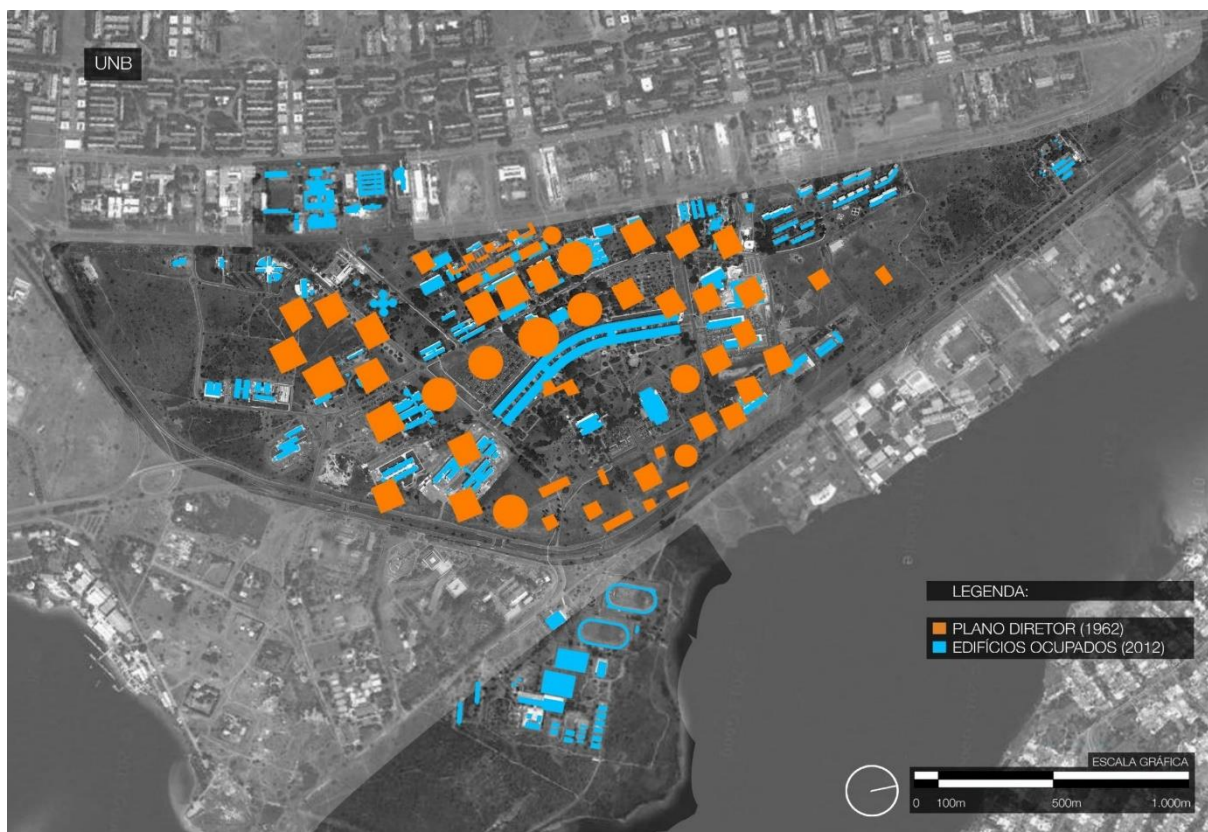


Fonte: Mahler, 2015

A última categoria utilizada pela autora são as megaestruturas lineares. Baseado no livro *Megastructure, urban future of the recente past*, de 1976, de Reyner Banham que estuda os complexos e extensos projetos que se tornaram correntes na década de 1960. Neste contexto, para ser caracterizado como uma megaestrutura, uma edificação deve: “ser construída em unidades modulares”; “ser capaz de uma ampliação grande e ilimitada”; “ser capaz de uma armação estrutural que se pode construir – ou “plugar” ou “conter”- depois de terem sido pré-fabricadas em outro lugar – unidades estruturais menores”, como por exemplo: habitações ou pequenas edificações de outra tipologia e por fim “ser uma armação estrutural que pressupõe uma vida útil muito mais longa que a das unidades menores que poderia suportar”. (Ibid., p.225)

No contexto das universidades, para Mahler (Ibid., p.254), para se enquadrar ao perfil de megaestrutura devem ser consideradas as questões de porte, flexibilidade, crescimento, economia e longa duração. Os exemplos que a autora utiliza para ilustrar esta estrutura são a Universidade de Brasília (UNB) (Figura 43) e a Universidade de Calábria, em Consenza, Itália.

Figura 43 – *Campus* da UnB, Brasília, cuja escala dialoga com a cidade modernista, mais a malha, sem rigor das quadras, rompe com o tecido urbano do Plano de Lúcio Costa.



Fonte: Mahler, 2015

Mahler (2015, p.294) conclui que a forma física dos *campi* expressa a relação da universidade com a comunidade que o circunda. A intensificação das interações entre o *campus* e a comunidade estimulou os questionamentos sobre a expressão destas relações. Ou seja, as relações entre os edifícios, talvez sejam mais importantes que os edifícios em si, pois são estas relações que dão a noção coesa do conjunto.

Desta forma, as universidades, assim como outros objetos de arquitetura, precisam ser pensadas de forma mais compacta e menos monumental, o que proporcionaria um melhor desempenho operacional. Para a autora (2015, p.294) o que torna a universidade mais atraente seria a sua ambiência estimulante, os encontros casuais e o imprevisível jogo da urbanidade.

O *Campus Pasteur 436*, por estar inserido num contexto urbano o qual foi construído junto com a própria história da criação da primeira universidade do Brasil pode ser entendido dentro das categorias definidas por Mahler (2015), como um *campus* em território urbano (Figura 44).

Esta categoria é utilizada pela autora para discutir o paradigma da localização e considera também a universidade construída por temporalidades ao buscar um equilíbrio na polaridade entre “cidade *versus* universidade”. A universidade nesta categoria é tida como um microcosmos ou um bairro temático que busca permeabilidades e reivindica o seu território privativo (Ibid., p. 31).

Figura 44 – *Campus Pasteur 436*, em diálogo com as edificações institucionais de escala monumental, mas apartado do tecido e vida urbana do Bairro da Urca



Fonte: desenvolvido pela autora sobre Google Earth, 2019

3.2 A ESTRUTURAÇÃO MORFOLÓGICA DO CAMPUS PASTEUR 436 E SUA LEGIBILIDADE

Kevin Lynch (1960) em sua obra “A imagem da Cidade” estudou os elementos que estruturam a cidade capazes de lhe atribuir qualidades de legibilidade e imageabilidade. Neste trabalho, tais estruturas urbanas são transpostas para o *campus* universitário. Para o autor, um ambiente com uma estrutura física viva e integral que possa produzir uma imagem clara, desempenha também um papel social, uma vez que pode fornecer matéria-prima para os símbolos e memórias coletivas da comunicação de um grupo.

Quando há a formação de imagens mentais comuns a um mesmo grupo, Lynch (Ibid., p.17) as denomina como “imagens públicas”. Estas imagens são as figuras mentais comuns a um grande número de habitantes de uma cidade. São áreas cujo aparecimento pode ser verificado na interação de uma realidade física única, uma cultura comum e uma natureza psicológica básica.

Outro aspecto que Lynch (Ibid., p.16) aponta a respeito da imagem de um ambiente é o fato dela ser resultado de um processo bilateral entre o observador e o meio, portanto, ela pode variar de forma significativa, de acordo com cada observador. O observador seleciona, organiza e dota de sentido aquilo que vê, enquanto o meio ambiente sugere distinções e relações.

Desta forma, um ambiente com uma estrutura definida em pormenores exatos e fechados, sem que o observador desempenhe um papel ativo na sua percepção ou participe criativamente da formação da sua imagem, pode ser inibidor de novas atividades. O que se procura não é uma ordem definitiva, mas sim aberta, que seja capaz de propiciar um desenvolvimento posterior contínuo. (Ibid., p.16)

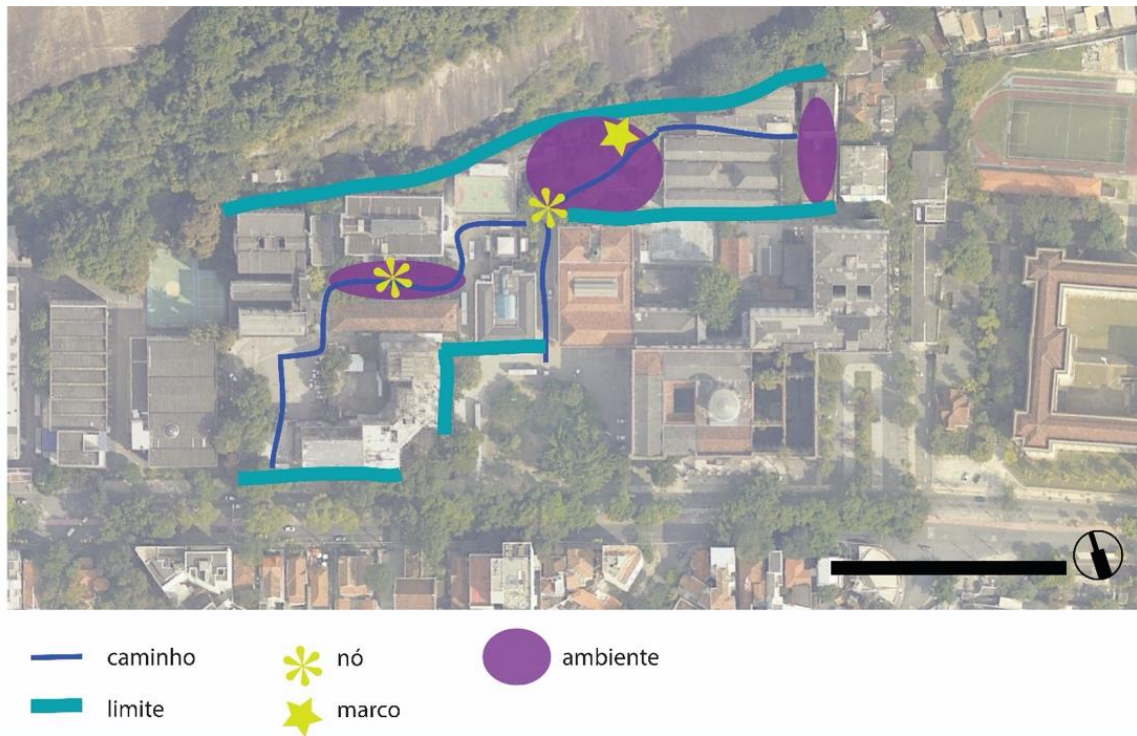
Como sugestão para o reforço da imagem pública de um local, Lynch (1960, p. 129) aconselha ao projetista localizar ou preservar elementos marcantes, desenvolver uma hierarquia visual de ruas, estabelecer unidades temáticas para os bairros, criar ou esclarecer os pontos marcantes, além de tratar “as inter-relações dos elementos com a sua percepção em movimento e com a concepção da cidade como um todo”.

Para Lynch (Ibid., p. 17) a legibilidade é um elemento importante para a construção desta imagem, sendo a legibilidade entendida como “a facilidade com a qual as partes podem ser reconhecidas e organizadas numa estrutura coerente”. Um ambiente possuidor de uma boa legibilidade tem como valor positivo a satisfação emocional pelos seus usuários.

Para analisar a imagem da cidade, Lynch (Ibid., p.57-58) categoriza cinco elementos chave: as vias – elementos contínuos que organizam a cidade; os limites, elementos lineares pouco ou nada penetráveis; os bairros, região por onde o observador reconhece e identifica algo em comum; os nós, focos de deslocamento e por fim os pontos marcantes, elementos de referência no ambiente.

Especificamente no caso do *Campus Pasteur 436*, podemos ver os caminhos e acessos ao *campus* como as **vias**, os muros que o cercam e a Pedra da Babilônia limitante ao fundo do terreno como o **limite**, os diversos espaços livres e os edifícios relacionados as mesmas áreas de conhecimento como **bairros**, os cruzamentos entre os caminhos como os nós e alguns pontos como as estátuas e jardins como elementos marcantes (figura 45).

Figura 45 – *Campus Pasteur 436* analisado com base nos cinco elementos estruturantes elencados por Kevin Lynch



Fonte: desenvolvido pela autora sobre Google Earth, 2019

Jane Jacobs (2011, p.296), alinhada aos conceitos de limites de Lynch, fala sobre o problema das universidades que muitas vezes, “fingem ser locais enclausurados ou afastados” e sugere que eles poderiam tornar “alguns trechos de seus *campi* mais semelhantes a costuras do que a barreiras, situando os usos dirigidos ao público em pontos estratégicos de seu perímetro e também colocando nele, abertos como cenários, os elementos adequados à vista e ao interesse público, em vez de escondê-los.”

A questão da imagem é tratada também por Gordon Cullen (1983). O autor estrutura o conceito da paisagem urbana sob três aspectos: ótico, através da visão serial; local, a partir das sensações provocadas pelo espaço e conteúdo, relacionado a materialidade do espaço propriamente, além de trazer um amplo repertório de conceitos ambientais que podem ser aplicados para desenvolver um ambiente urbano mais rico.

Para Cullen (1983, p.10) o objetivo da arquitetura é reunir elementos que concorram para “a criação de um ambiente, desde os edifícios aos anúncios e ao tráfego, passando pelas árvores, pela água, por toda a natureza, enfim, e entretecendo esses elementos de maneira a despertarem a emoção ou interesse”. Caso a cidade não apresente estas características, se apresentando monótona ou amorfa, ela não cumpre sua função, sendo assim fracassada.

A respeito do desenho urbano para a criação de ambientes com vitalidade, Ian Bentley et al. (1985), em seu livro *Responsive Enviroments* traz algumas qualidades que precisam ser consideradas

no projeto de edifícios e espaços livres, como a permeabilidade, diversidade, robustez, adequação visual, riqueza, personalização e a legibilidade.

A legibilidade, para Bentley (1985) é entendida como o quão fácil as pessoas podem entender o layout daquele lugar. As pessoas só podem aproveitar as qualidades que um ambiente oferece se puderem entender o que acontece nele. (Ibid., p.49)

3.2.1 Caracterização morfológica e sistema de espaços livres do entorno do campus

O *Campus Pasteur 436* está situado entre o mar e a Pedra da Babilônia, dois suportes físicos importantes na morfologia da paisagem da Urca. O Bairro é limitado ao sul pela Pedra da Babilônia e à leste pela Praia Vermelha. Na direção nordeste está o Morro da Urca e à noroeste a Enseada de Botafogo faz limite com outros dois bairros da cidade: Botafogo e Leme. A Avenida Pasteur é a principal conexão do bairro com a cidade, por meio de Botafogo. Já o limite entre Urca e Leme é dado pelo Morro da Babilônia não havendo via pública de acesso entre os bairros (figura 46).

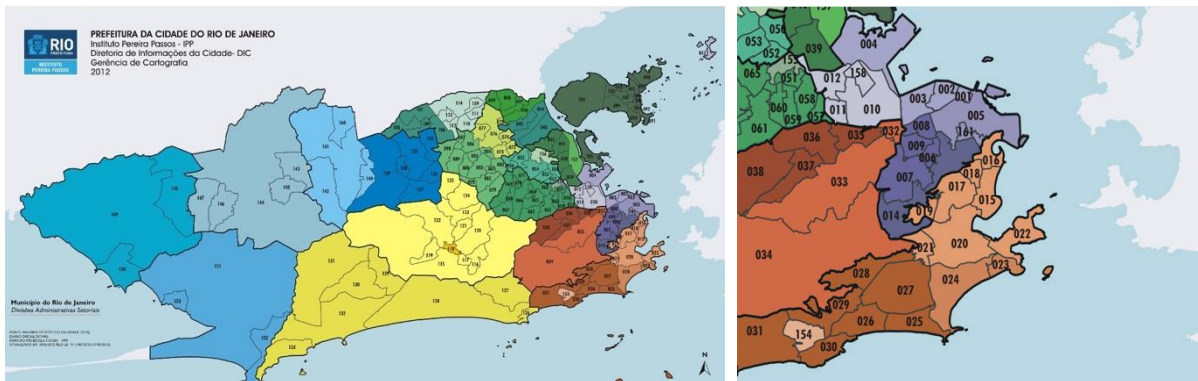
O Bairro faz parte da Área de Planejamento 2 – AP-2, que é regida pelo Projeto de Estruturação Urbana 01 - também conhecido como PEU da Urca. Este PEU divide a Urca em 5 áreas distintas. Aqui nos interessam as áreas B e C por serem o entorno próximo do *Campus*.

A área B é limitada pelo lado ímpar da Avenida Pasteur no trecho entre a Avenida Portugal até a Rua Ramon Franco, ou seja, a região de uso residencial predominante. Já a área C fica na faixa entre a Avenida Pasteur e o Morro da Babilônia, limitada pelo lado ímpar da Rua Xavier Sigaud até a Rua Linda Morena, ou seja, onde há grandes lotes e de uso educacional. O trecho do PEU que dá diretrizes para essas duas áreas diz o seguinte:

Art. 6º - A área B passa a ser regida, também, pelas seguintes disposições: I. Zoneamento: Zona Residencial ZR-2 II. Número máximo de unidades residenciais por lote: uma unidade para cada 50m² (cinquenta metros quadrados) da área do lote. III. Área livre mínima no lote: 50% da área do lote. IV. Altura máxima das edificações: altura definida por um plano horizontal situado a 25m (vinte e cinco metros) acima do nível médio do mar.

Art. 7º - A área C passa a ser regida, também, pelas seguintes disposições: I. Zoneamento: Zona Residencial ZR-3 II. Número máximo de unidades residenciais por lote: uma unidade para cada 50m² (cinquenta metros quadrados) de área do lote. III. Área livre mínima no lote: 70% da área do lote. IV. Altura máxima das edificações: altura definida por um plano horizontal situado a 30m (trinta metros) acima do nível médio do mar. V. Afastamento frontal mínimo: 5m (cinco metros). (RIO DE JANEIRO, 1978)

Figura 46 – Divisão administrativa dos bairros da Cidade do Rio de Janeiro, tendo a esquerda uma ampliação mostrando os limites do Bairro da Urca (022) com o Bairro de Botafogo (020) e o Bairro do Leme (023), todos integrando a Área de Planejamento 1 da Cidade (tons de vermelho)



Fonte: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Data Rio.

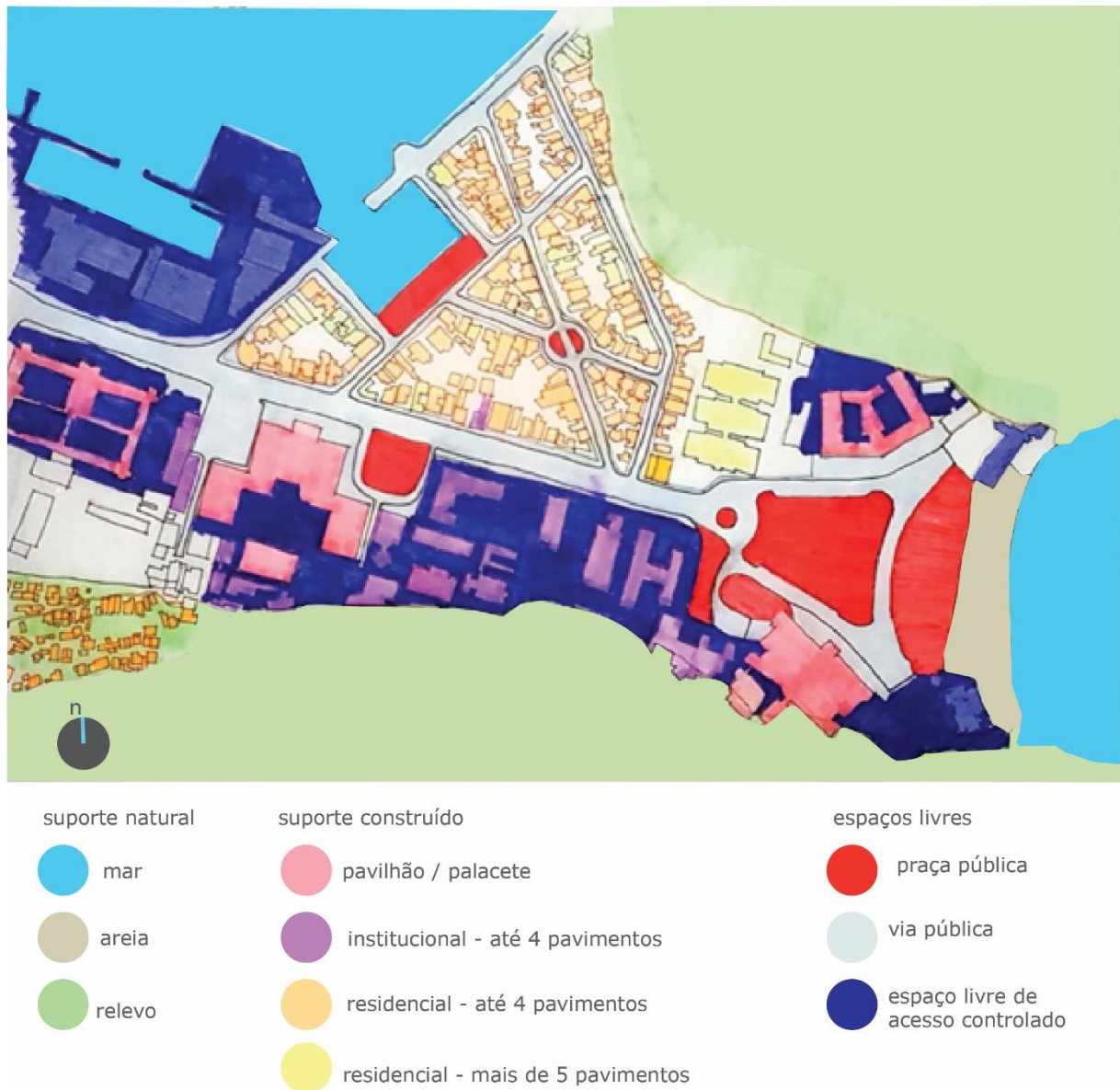
A volumetria construída no entorno do *campus* é contrastante entre os dois lados da Avenida Pasteur. No lado par predominam os lotes grandes, com edificações de grande porte, alguns em estilo eclético ou palácios do início do século XX, de uso predominante institucional, em contraste com as edificações de arquitetura mais simples, de uso predominante residencial e limitadas em no máximo cinco pavimentos.

A vegetação está presente ao longo do canteiro central da Avenida Pasteur com árvores de grande porte, nas áreas livres dos *campi* e na praça frontal à entrada da UNIRIO. Os morros da Babilônia e da Urca são áreas de preservação ambiental e possuem vegetação diversificada, típica de Mata Atlântica com arbustos, vegetação rasteira e de grande porte. As demais praças públicas do entorno são pouco arborizadas.

Os fluxos de circulação acontecem principalmente ao longo da Avenida Pasteur iniciando em Botafogo até o Pão de Açúcar até os acessos das principais instituições.

Os espaços livres públicos são constituídos pelas ruas, calçadas, praças, praias e morros (áreas de proteção ambiental), mas há grande presença na constituição do sistema de espaços livres, dos espaços privados de uso coletivo dos *campi* (UFRJ, UNIRIO, Benjamin Constant, Escola de Guerra etc) e do late Clube do Rio de Janeiro e dos espaços privados - os jardins das residências. (Figura 47)

Figura 47 – Mapa síntese mostrando os principais espaços livres e o uso prioritário das edificações no Bairro da Urca



Fonte: desenvolvido pela autora, 2019

Com relação às hierarquias dos espaços livres públicos, foram identificadas praças de alcance global, como a Praça General Tibúrcio, onde se localiza a estação do bondinho do Pão-de-Açúcar, que acessa o Morro da Urca, atração turística de interesse internacional e praças de alcance local como a Praça Guilherme Figueiredo, Praça Felix Laranjeiras e Praça General Leandro. Outra classificação à parte são as praças internas dos *campi*.

As praças públicas estão bem distribuídas na região, havendo pelo menos uma delas em cada trecho de uso residencial, não tendo sido observado um padrão entre esses espaços livres. Os principais espaços livres de circulação verificados no local são as vias públicas e as calçadas enquanto os espaços livres de permanência são a praia e as praças públicas.

Na figura 48 é possível constatar que há o predomínio dos espaços livres privados institucionais de uso coletivo e acesso controlado na faixa à direita da Avenida Pasteur, identificados pela cor lilás e os espaços livres privados na cor rosa, predominantemente no lado esquerdo da citada avenida. Percebe-se também a distribuição das praças públicas, na cor amarela as de alcance local e na cor vermelha as de atração global por toda a área.

Figura 48 – Mapa síntese mostrando a hierarquia dos espaços livres do entorno do *campus*



Fonte: desenvolvido pela autora, 2019

3.2.2 Caracterização morfológica e o sistema de espaços livres do Campus Pasteur 436

O *Campus Pasteur 436* possui uma diversidade de espaços livres, com distintos tamanhos, funções e usos. Para uma melhor compreensão destes espaços, cada um deles foi analisado isoladamente e posteriormente serão analisados em suas relações.

Devido a natureza das atividades do *campus* serem sazonais, os espaços livres do *campus* têm uma atividade mais intensa durante o período letivo, em especial no início dos semestres, em geral nos meses de março e agosto, enquanto nos períodos de férias escolares, entre dezembro e fevereiro e o mês de julho, os espaços são pouco utilizados.

Desta forma, a análise dos espaços livres estava prevista para ter início em março de 2020, junto com o início do ano letivo, porém, com a interrupção das atividades acadêmicas logo após a primeira semana de aulas, devido a pandemia da COVID-19, esta etapa do trabalho ficou prejudicada.

Portanto, o que se segue é uma descrição dos espaços livres do *campus*, a partir de estudos desenvolvidos para algumas disciplinas do mestrado e outras visitas técnicas que não tinham este exato objetivo. Na figura 49 estão ilustrados os espaços livres do *campus* que serão analisados.

Devido a natureza das atividades do *campus* serem sazonais, os espaços livres do *campus* têm uma atividade mais intensa durante o período letivo, em especial no início dos semestres, em geral nos meses de março e agosto, enquanto nos períodos de férias escolares, entre dezembro e fevereiro e o mês de julho, os espaços são pouco utilizados.

Figura 49 –os espaços livres do *campus*

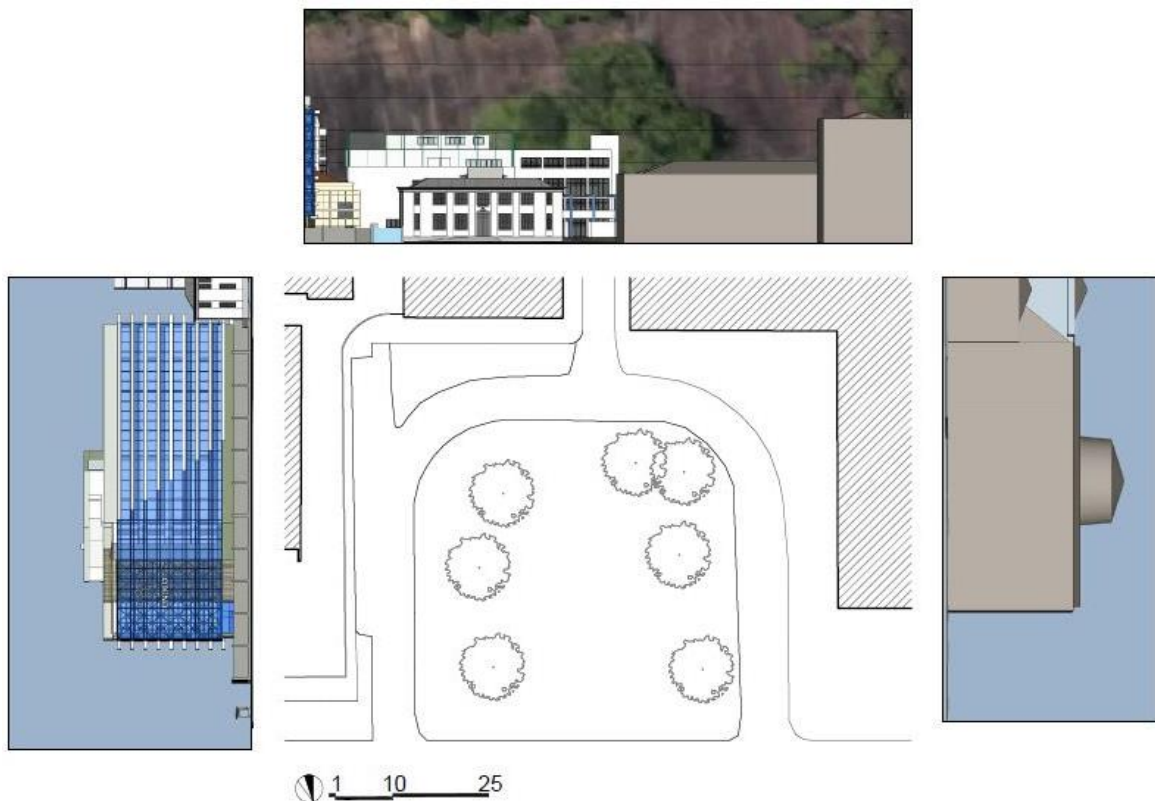


Fonte: desenvolvido pela autora, 2019

1. Praça Guilherme de Figueiredo

A Praça Guilherme de Figueiredo é o principal acesso do *Campus* e possui cerca de 4.000 m² e está localizada na Avenida Pasteur entre o edifício da CPRM e o prédio do Novo Centro de Ciências Humanas da UNIRIO, sendo limitada ao fundo pela Biblioteca Central da UNIRIO (figura 50).

Figura 50 – Praça Guilherme de Figueiredo e seu entorno edificado



Fonte: desenvolvido pela autora, 2020

O acesso à via que circunda a praça pelo lado da CPRM é limitado por uma guarita com corrente, que reserva as vagas de estacionamento para os veículos dos funcionários da instituição. Pelo lado da UNIRIO o acesso à via é livre embora as vagas também sejam reservadas, neste caso para os ônibus que fazem o transporte *intercampi*.

A vegetação é composta por árvores de grande porte, palmeiras e arbustos médios. Elas estão localizadas em canteiros distribuídos na parte central da praça. O piso da praça são placas cimentícias exceto pelos canteiros de terra e pelas vias que são pavimentadas com asfalto. O mobiliário da praça é formado por sinuosos bancos de cimento que acompanham o desenho dos canteiros ajardinados, postes de iluminação, uma banca de flores, duas estátuas e as guaritas de acesso.

A praça recebe os ventos predominantes no sentido da Praia Vermelha para o continente e luz intensa do dia. Os sons marcantes deste ambiente são provenientes dos automóveis na via principal e da obra que está em andamento ao lado. Não há cheiros marcantes.

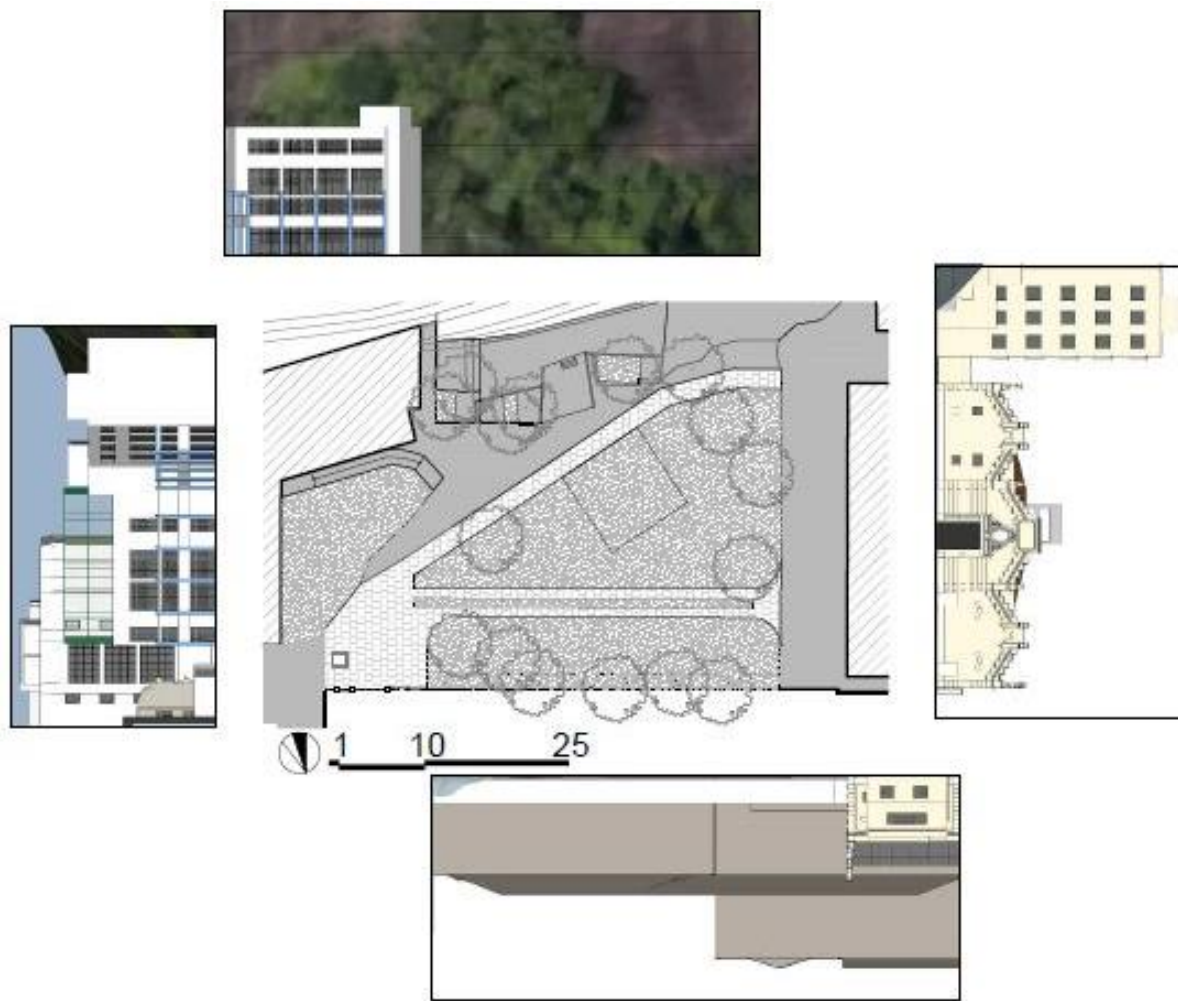
A Praça é usada por moradores de rua, sendo o principal acesso do *Campus*. Em sua calçada da Avenida Pasteur circula um número significativo de pedestres rumo ao Pão de Açúcar.

Além de ser espaço de circulação, a praça recebe, uma vez por semana, a feira orgânica.

2. Espaço Mário de Andrade

O Espaço Mário de Andrade é o maior espaço livre do *campus*. Ele tem cerca de 2.300m² e é o principal espaço livre do *Campus*, com uma localização estratégica potencial para a articulação dos demais espaços livres. Ele é limitado ao fundo pela Pedra da Babilônia, na lateral direita pelo Bloco V do CLA, à esquerda pelo Restaurante Escola e à frente pelo muro limitador do *Campus* (figura 51).

Figura 51 – Espaço Mário de Andrade e seu entorno edificado



Fonte: desenvolvido pela autora, 2020

Este espaço é identificado como parte da ambiência do tombamento do Pavilhão de Exposições, pelo INEPAC, portanto deve permanecer como área não edificante.

Este espaço pode ser considerado dividido em três partes: os platôs, a parte gramada e o jardim. Os platôs ficam na porção adjacente à Pedra da Babilônia, a parte gramada ocupa a maior área, em frente ao Bloco V do CLA e a parte do jardim fica mais próxima do Restaurante Escola.

A parte dos platôs possui diversos desníveis e canteiros que são muito convidativos para a convivência e contemplação. Este é o local mais utilizado pelos alunos como área de convivência e

descanso, sendo comum encontrar pequenos grupos ou pessoas isoladas estudando ou ensaiando para apresentações de música e teatro.

Na parte do gramado, foi instalada uma tenda de lona sobre uma superfície cimentada que corresponde a tampa da cisterna. Neste local ocorrem as reuniões e assembleias estudantis.

Já o jardim funciona somente como área contemplativa não sendo acessado pelo público. O seu entorno fica bastante movimentado, em especial no horário de funcionamento do Restaurante Escola, pois a fila de espera se forma no seu perímetro.

Não há registro de projeto paisagístico para estes espaços na CE/UNIRIO, entretanto a forma dos alguns jardins com um desenho definido e um piso com um formato bem limitado, sugerem uma intenção projetual. Próximo ao muro existem canteiros e afastado 10m do mesmo há uma marcação no piso para circulação de veículos que termina próximo à entrada do Bloco V. No centro há um grande canteiro de formato triangular, onde está localizada a cisterna principal do *campus*.

A vegetação está concentrada na porção mais próxima da Pedra da Babilônia e na frente do Restaurante Escola. Esta vegetação é composta por árvores de grande e médio porte e arbustos de pequeno e médio porte. Na faixa próxima ao muro encontram-se algumas árvores de médio porte.

O piso predominante é a terra, tendo trechos de pavimentação com placas de pedra. Em alguns trechos próximo ao Pavilhão de Exposições e nos platôs é possível notar vestígios do piso dos antigos galpões que existiam no local e que foram demolidos.

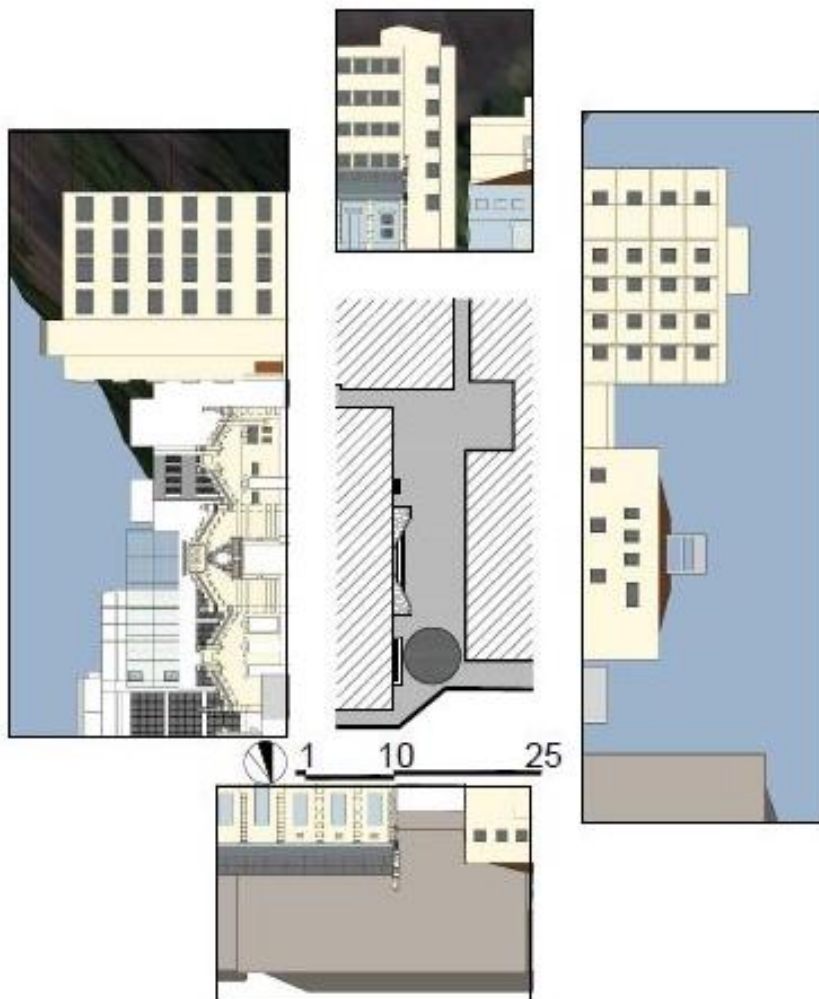
O mobiliário é bastante escasso. Existem alguns postes de luz, bancos de madeira em péssimo estado de conservação, uma tenda de lona, um orelhão e uma guarita em frente ao portão principal.

Neste local a paisagem sonora é marcada pelos sons da natureza como insetos e balanço de vegetação quando nos aproximamos da Pedra da Babilônia. Nos horários de grande movimentação de alunos, como nos intervalos das aulas e horários de almoço, há também um intenso ruído de vozes.

3. Pátio do Centro de Letras e Artes – CLA

O pátio do CLA tem aproximadamente 300m² e está localizado entre os blocos I, II, III e V do CLA, na porção mais à direita do *Campus*, por onde se dá o único acesso aos blocos I, II e III e a algumas salas do bloco V. Este local foi o acesso principal do *Campus* até a aquisição do terreno do Espaço Mário de Andrade (figura 52).

Figura 52 – Pátio do CLA e seu entorno edificado



Fonte: desenvolvido pela autora, 2020

Com a mudança do acesso, foi feito um projeto para este espaço prevendo a elevação de parte do nível do piso em 0,60m até alcançar a altura da porta do bloco V, sendo acessada por rampa e degraus. Esta parte elevada teria jardineira nas bordas livres e ficaria 1,50m afastada dos blocos I e II. Na ligação entre os blocos I e II haveria um balcão de livraria e um café com mesas para atendimento, porém este projeto nunca foi executado.

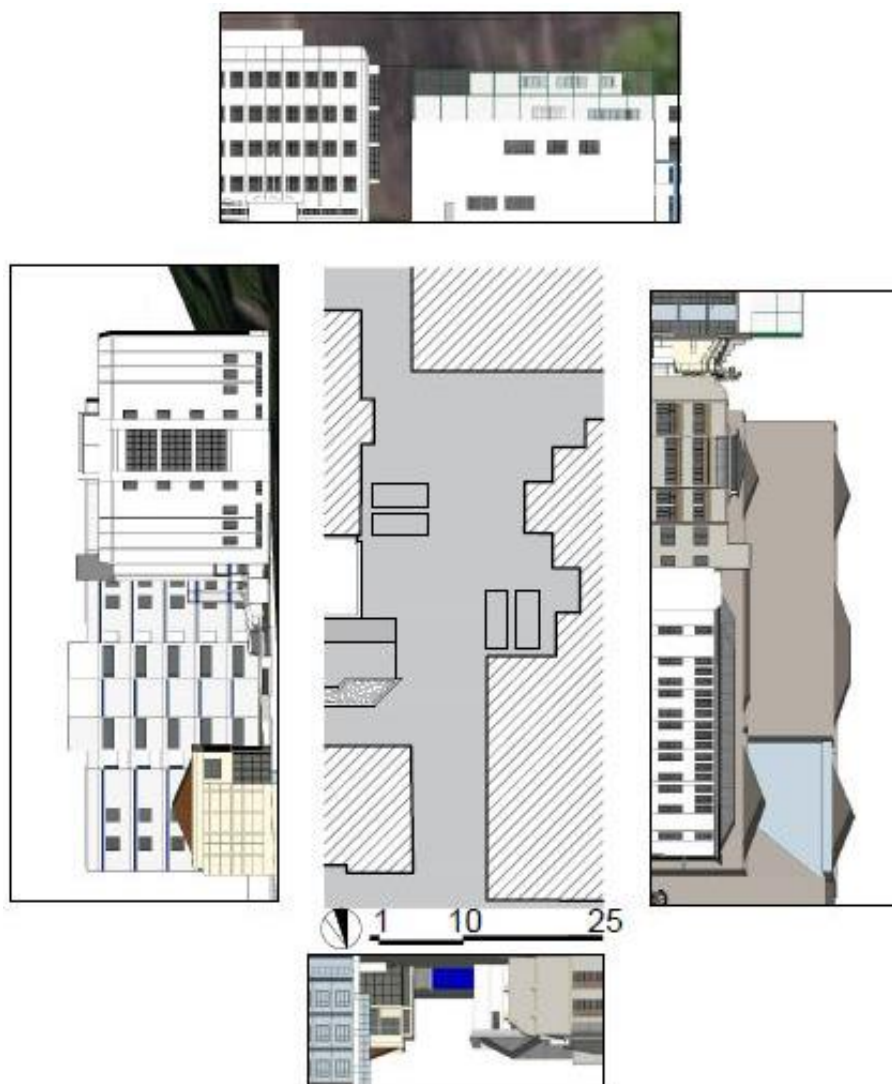
A área hoje é um local árido, com piso monolítico de cimento, onde se destaca um círculo vermelho de 3,5m de diâmetro pintado no chão. A vegetação está presente nos canteiros altos, sendo dois próximos a porta principal do bloco V, cada qual com uma árvore de grande porte complementada com vegetação rasteira e outro próximo à entrada do bloco III.

A área é utilizada pelos funcionários como área de convivência e descanso e pelos alunos, que costumam fazer apresentações musicais neste pátio. É comum, neste local, ouvir os sons das aulas e ensaios de vozes e instrumentos que ocorrem nos prédios do entorno – Blocos I e II principalmente.

4. Acesso de Serviço

O acesso de serviço tem 580m² aproximadamente e está localizado entre a Biblioteca Central e o Edifício Padre Anchieta (figura 53). No fundo ele está limitado pelo Restaurante Escola e à frente pelo portão de serviço. O único projeto que houve para este local tinha por objetivo a instalação de uma guarita de controle de entrada e saída de pedestres e veículos, porém ele nunca saiu do papel.

Figura 53 – O entorno edificado do Acesso de Serviço



Fonte: desenvolvido pela autora, 2020

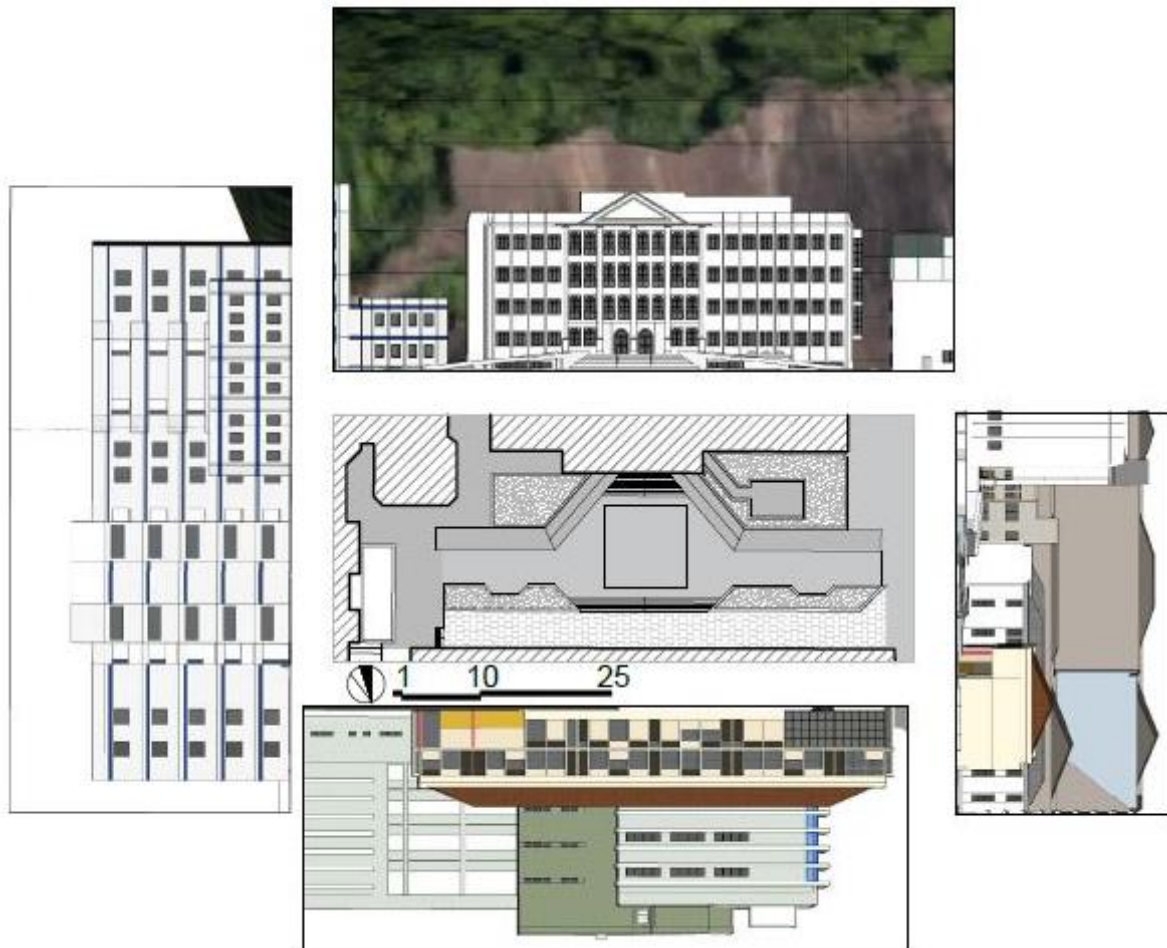
O piso deste local é parte cimentado e parte em terra em trechos descontínuos. É possível ver no local alguns containers de obras concluídas que não foram retirados, veículos aguardando conserto e restos de obras a serem removidos. O local também não tem vegetação significante.

Atualmente seu principal uso é de acesso de veículos de serviço para o Restaurante Escola e de conexão entre o acesso de pedestres principal do *campus* e os prédios do CCH e do Edifício Padre Anchieta.

5. Praça do CCH

A Praça do CCH, com aproximadamente 1.000m², está entre o edifício do CCH e o Edifício Padre Anchieta, tendo a sua direita o acesso de serviço e a Biblioteca Central e a sua esquerda limitada pelo CCET/IBIO. Por ela se dá o acesso principal dos três prédios que a limitam (figura 54).

Figura 54 – O entorno edificado do Acesso de Serviço



Fonte: desenvolvido pela autora, 2020

O projeto desta praça foi feito em 1990, em conjunto com o projeto o edifício do CCH e ambos foram inaugurados em 1991. Ela é conformada por uma plataforma mais alta com relação ao Edifício Padre Anchieta e CCET/IBIO e mais baixa em relação ao aceso do CCH, portanto nas suas bordas existem rampas e escadas. Seu piso é predominantemente de terra e cimento.

No canteiro da direita existe uma plataforma alta para o hasteamento das bandeiras e na frente das rampas do CCH estão localizados os bicicletários, em estrutura metálica, já desgastados pelo tempo. Os bancos são de modelo comum em madeira. A arborização acontece nos canteiros das bordas da praça deixando seu centro totalmente livre.

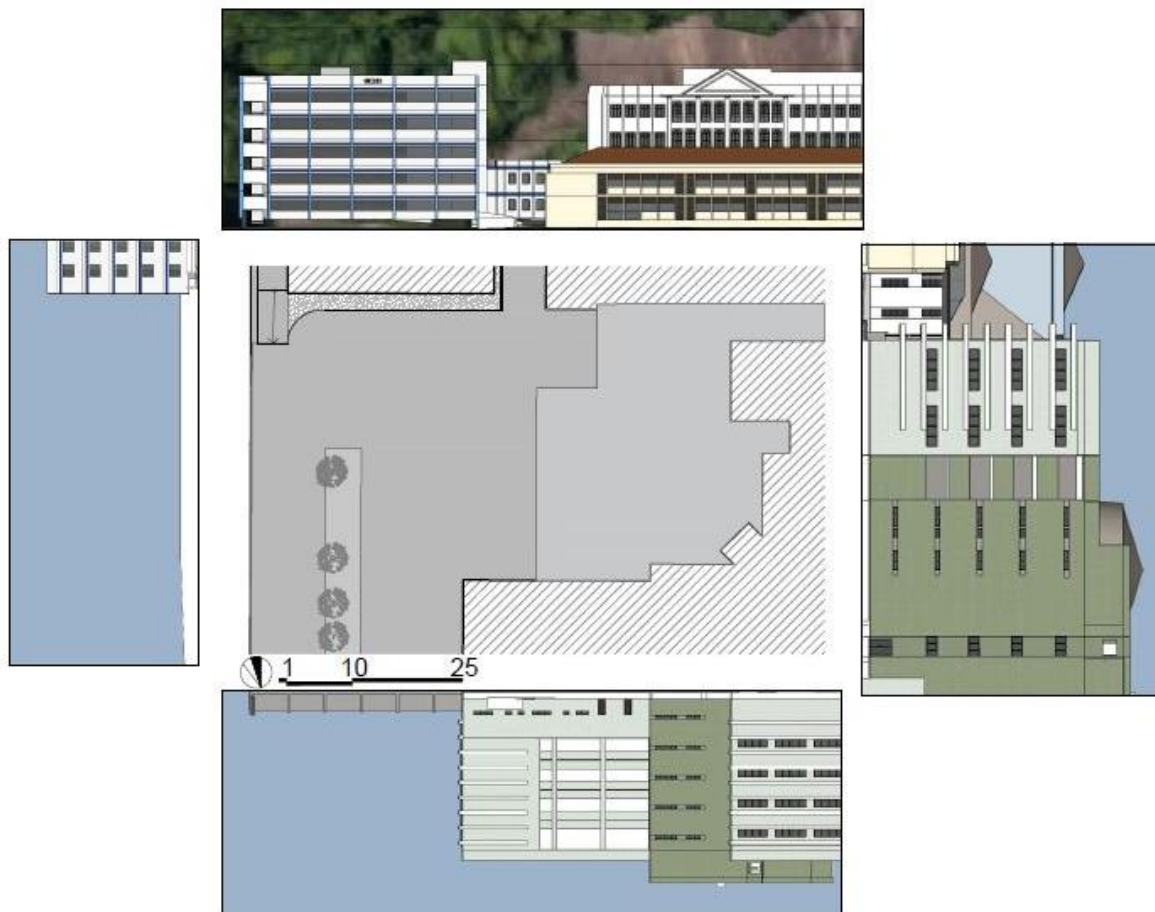
Não há circulação de veículos nesta praça e seu uso é principalmente de convívio, sendo seu principal público os alunos, professores e funcionários dos prédios do seu entorno próximo.

Em frente à escada do CCH foi instalada uma tenda provisória em lona branca para dar um maior conforto aos usuários da praça. Este local é denominado Espaço de Convivência e possui uma agenda cheia, como pode ser constatado na página da UNIRIO.

6. Estacionamento do Novo CCH

O último espaço livre a ser analisado é o estacionamento do CCH que tem uma área de quase 2.900m². Está localizado entre o edifício do Novo CCH e o CCET/IBIO, sendo limitado à esquerda pelo muro do *Campus* (figura 55).

Figura 55 – O entorno edificado do Estacionamento do Novo CCH



Fonte: desenvolvido pela autora, 2020

Esta área hoje funciona parte como estacionamento, com aproximadamente 40 vagas, e parte como canteiro de obras do Novo CCH. Após a conclusão da obra ele será ampliado para 110 vagas, para satisfazer uma exigência da legislação municipal que impõe uma quantidade de vagas diretamente proporcional ao número de salas de aula.

3.3 AS IDENTIDADES E APROPRIAÇÕES DO SISTEMA DE ESPAÇO LIVRES DO CAMPUS PASTEUR 436

Nesse item buscou-se identificar como os diferentes atores se apropriam do *Campus* e nele se reconhecem construindo lugares de afeto que podem dar o verdadeiro sentido de *Campus*, coeso e com ambientes estimulantes.

Vicente Del Rio (1990, p.96), traz da “geografia da percepção” o sentido de lugar em oposição ao conceito de espaço, sendo o lugar carregado de significados afetivos e simbólicos. Para Tuan (1974, apud, Op. Cit., p.96), a medida em que o espaço “adquire definição, significado e uma determinada carga emocional para o seu observador; quando podemos entendê-lo e coordená-lo através dos sentidos, conhecimentos e sensações” ele se torna um lugar.

De acordo com o autor, a importância desta percepção do lugar está atrelada ao fato de que “a população busca perceber lugares familiares em seu ambiente construído que estejam carregados de memórias significativas e que possam gerar-lhes estabilidade psíquica e social.” (Ibid., p.96)

O autor defende que o comportamento e as ações humanas são influenciados de alguma forma, com alguma intensidade, pelo ambiente físico- espacial que o cerca. Desta forma, “o ambiente sugere, facilita, inibe ou define comportamentos, ou seja, ele age como catalisador (positivo ou negativo)”, embora ele jamais possa determinar que uma pessoa tome ou não determinada ação se ela não já estiver em sua meta mental. (Ibid., p.97).

Para compreender como os espaços livres do *Campus* exercem sobre seus atores esses diferentes comportamentos, decidiu-se pelo método etnográfico, da observação direta da pesquisadora nos diferentes espaços delimitados, de modo contínuo, nos diferentes dias e horários.

Duarte (2010, p.11) propõe para a completude do trabalho de campo do pesquisador arquiteto “observar e descrever sem esquecer as impressões que lhes transmitem as ambiências”. Para isso, a etnografia, descrita pela autora como “a escrita do visível” compõe um suporte útil.

A autora traz a definição etnográfica como aquela que “depende das qualidades de observação, de sensibilidade ao outro, do conhecimento sobre o contexto estudado, da inteligência e da imaginação científica do etnógrafo.”

Entendendo a etnografia como ofício dos antropólogos, não se pretende dizer que o arquiteto seria capaz de produzi-las, porém, acredita-se na possibilidade de se acrescentar dados importantes, relacionados ao espaço construído, que poderiam se somar à descrição densa produzida pelos antropólogos. (Ibid., p.5)

A autora (Ibid., p.10) ressalta como aspecto importante a ser observado no trabalho de cunho etnográfico o olhar que busca o significado local e a organização do espaço e/ou pessoa estudados, assim como a comparação e a descrição densa.

Desta forma, ao receber e possibilitar a instrumentação de metodologias direcionadas ao apelo social e humanista através do valor da interação-contexto e ao utilizar ferramentas engendradas pelo campo das ciências humanas, a arquitetura é beneficiada ao obter resultados diferenciados dos puramente morfológicos obtidos com suas ferramentas usuais. (Ibid., p. 10)

Magnani (2002, p. 17), propõe um método etnográfico sobre a cidade e sua dinâmica, que resgata um olhar que ele chama “*de perto e de dentro*”, capaz de identificar, descrever e refletir sobre aspectos excluídos da perspectiva daqueles enfoques que, para efeito de contraste” são qualificados por ele como “*de fora e de longe*”.

De acordo com Magnani (2002, p.17), esta mudança de foco entre os olhares “*de fora e de longe*” e “*de perto e de dentro*” possibilitada pela perspectiva antropológica e principalmente em função deste método etnográfico, tem como vantagem evitar a dicotomia opõe o indivíduo e as megaestruturas urbanas no cenário das grandes metrópoles urbanas.

A perspectiva do olhar “*de perto e de dentro*” é aquela capaz de apreender os padrões de comportamentos dos “múltiplos, variados e heterogêneos conjunto de atores sociais cuja vida cotidiana transcorre na paisagem da cidade e depende de seus equipamentos” (Ibid., p.18).

O que diferencia o enfoque da antropologia urbana das demais outras disciplinas seria uma estratégia que supõe um investimento nos dois polos da relação entre o as atores sociais e a cidade: “de um lado, sobre os atores sociais, o grupo e a prática que estão sendo estudados e, do outro, a paisagem em que essa prática se desenvolve, entendida não como mero cenário, mas como parte constitutiva do recorte de análise”. (Ibid., p. 18)

Adicionalmente, o autor postula que para alcançar a unidade de análise da estratégia proposta, deve-se partir dos atores sociais em seus múltiplos arranjos coletivos, uma vez que seu comportamento na paisagem da cidade apresenta um padrão. Desta forma, parte-se do pressuposto da ideia de totalidade. (Ibid., p.18)

A ideia de totalidade que Magnani (Ibid., p.19) representa nesta estratégia “é aquela fornecida pela clássica visão de uma comunidade em que os membros se conhecem, mantém relações face-a-face, estão ligados por padrões de trocas interpessoais” e não uma “totalidade que evoca um todo orgânico, funcional, sem conflitos” e nem mesmo uma totalidade que coincidiria com os limites político-administrativos de uma cidade.

Em termos etnográficos, esta totalidade consistente é aquela que, “experimentada e reconhecida pelos atores sociais, é identificada pelo investigado, podendo ser descrita em seus aspectos categoriais: para os primeiros, é o contexto da experiência, para o segundo, chave da inteligibilidade e princípio explicativo”. (Ibid., p.20)

Com relação ao comportamento ambiental, Vicente Del Rio (1990, p.101) aponta três temáticas instrumentais a serem observadas, sob o risco de não empobrecer os dados ou causar distorções:

- a posição do observador (pesquisador) em relação ao observado: de fora em segredo, de fora, mas reconhecido, participante marginal (apenas eventualmente), participante total no acontecimento;
- os instrumentos de registro: notações, checklists pré-codificados, mapas, fotografias, filmes e vídeos;
- o que observar: a quem (atores), fazendo o que (ato), com quem (outros participantes significativos), quais relações entre eles (visuais, auditivas, simbólicas, etc.), o contexto e seu arranjo físico. (DEL RIO, 1990, p. 101)

Mais do que aplicar questionários, Duarte (2010, p.7) ressalta a capacidade do pesquisador de observar as nuances entre o espaço dito público e o que é apropriado pelos seus ocupantes, através da observação participante.

Como ferramentas de utilização do arquiteto para esta pesquisa de viés etnográfico Duarte (2010) relaciona: os croquis de campo, como “produto gráfico da observação constituído de desenhos arquitetônicos, rabiscos, croquis e esquemas”; o arquivo mnemônico do lugar, como uma “abordagem de cunho narrativo, de histórias da cidade”; o mapeamento de manifestações, como uma espacialização “em planta baixa das manifestações de afeto, relações interpessoais ou qualquer outro evento social que ocorra em campo” e o vídeo etnográfico, como “instrumento de observação, transcrição e interpretação de realidades sociais ou instrumento de ilustração e difusão das pesquisas”.

Entretanto, esta etapa da pesquisa também foi prejudicada pelo fechamento do *campus*. O levantamento etnográfico que havia sido programado para ser feito com o início do ano letivo de 2020 não pode ser executado. Desta forma, para nortear este trabalho, foram trazidos dados coletados em 2019 e impressões mnemônicas da pesquisadora, também usuária do *Campus*.

Praça Guilherme de Figueiredo

A Praça (figura 56) tem sido usada, predominantemente, pela população de rua que se estabeleceu neste local há alguns anos. São cerca de dez pessoas, entre adultos e crianças, com diversos pertences, como barracas de *camping*, carrinhos de supermercado e, inclusive, móveis.

Os demais moradores do bairro costumam frequentar a praça nos dias da feira orgânica, quando se cria uma dinâmica diferente no local.

Diariamente, alunos e funcionários da UNIRIO a usam somente como passagem para acessar o *campus*. Os demais pedestres, em geral, evitam o uso da praça, circulando apenas em seu perímetro.

Importante observar que a praça está situada a cerca de 200m do acesso ao bonde do Pão de Açúcar, ponto turístico que atrai visitantes do mundo inteiro, e que, portanto, também circulam na sua calçada principal da Avenida Pasteur.

Figura 56 – Visão geral dos diferentes ambientes da Praça Guilherme de Figueiredo



Fonte: desenvolvido pela autora, 2020

Espaço Mário de Andrade

O Espaço Mário de Andrade (figura 57), apesar das condições físicas adversas, precariedade do piso e falta de mobiliário, é frequentado pelos estudantes que realizam suas reuniões e assembleias no local. É talvez o espaço mais agradável do *Campus* que possibilita o arranjo de diferentes ambientes distintos.

Por ser o principal acesso ao *campus* e estar localizado no seu centro, um grande fluxo de pessoas passa por este local diariamente, cruzando o espaço para acessar os outros lugares do *campus*.

Pela proximidade do Restaurante Escola, este espaço também atrai os estudantes que formam uma grande fila nos horários de pico de almoço e jantar e descansam após as refeições.

É neste local, especialmente nos desníveis no sopé da Pedra da Babilônia, onde a maior parte dos estudantes do CLA se concentram nos intervalos entre as aulas. É comum vê-los reunidos ensaiando violão, se preparando para cenas para as aulas de artes cênicas ou somente em conversas informais. Neste local também acontecem rodas de choro todo sábado.

Em um dos canteiros do espaço, funciona o chamado “murinho da honestidade”: um ponto de venda de doces e quitutes, baseado numa relação de confiança entre vendedor e comprador, que deixa uma caixa com os alimentos ao lado de um pequeno cofre e o comprador pega o que quer e deixa o valor relativo ao seu consumo no respectivo cofre.

Figura 57 – Visão geral dos diferentes ambientes do Espaço Mário de Andrade



Fonte: desenvolvido pela autora, 2020

Pátio do Centro de Letras e Artes – CLA

O Pátio do Centro de Letras e Artes (figura 58) é utilizado por estudantes e funcionários para convivência e descanso. Apesar de seu espaço físico ser bastante árido, sua ambiência é criada pelos sons de vozes e instrumentos musicais que rompem as barreiras das salas de aula do entorno.

Nos canteiros deste local, é comum observar os funcionários das empresas terceirizadas de limpeza e manutenção descansando nos seus momentos de intervalo.

Figura 58 – Visão geral do ambiente do Pátio do CLA



Fonte: desenvolvido pela autora, 2020

Acesso de Serviço

Esse espaço praticamente abandonado é usado diariamente por todos os usuários, por estar localizado entre dois espaços muito movimentados, sendo o acesso que leva aos edifícios do CCH e Padre Anchieta. Serve, também, para o acesso de veículos de serviço que abastecem o Restaurante Escola (Figura 59).

Possui uma dinâmica intensa e variada nos diferentes horários do dia, porém na maior parte do tempo é um lugar deserto, sendo utilizado somente como passagem entre os edifícios.

Figura 59 – Visão geral do ambiente do Acesso de Serviço

ACESSO SERVIÇO



Fonte: desenvolvido pela autora, 2020

Praça do CCH

A Praça do CCH (figura 60) é intensamente utilizada por todos – estudantes, professores e funcionários. A grande lona instalada, de modo não tão provisório, cria um ambiente de convivência na entrada do edifício do CCH.

Neste local se reúnem principalmente os alunos dos prédios do entorno (CCH, CCET/IBIO) nos intervalos das aulas. Sob a lona acontecem as principais feiras e eventos dos cursos, além das assembleias e reuniões estudantis.

Figura 60 – Visão geral da Praça do CCH

PRAÇA DO CCH

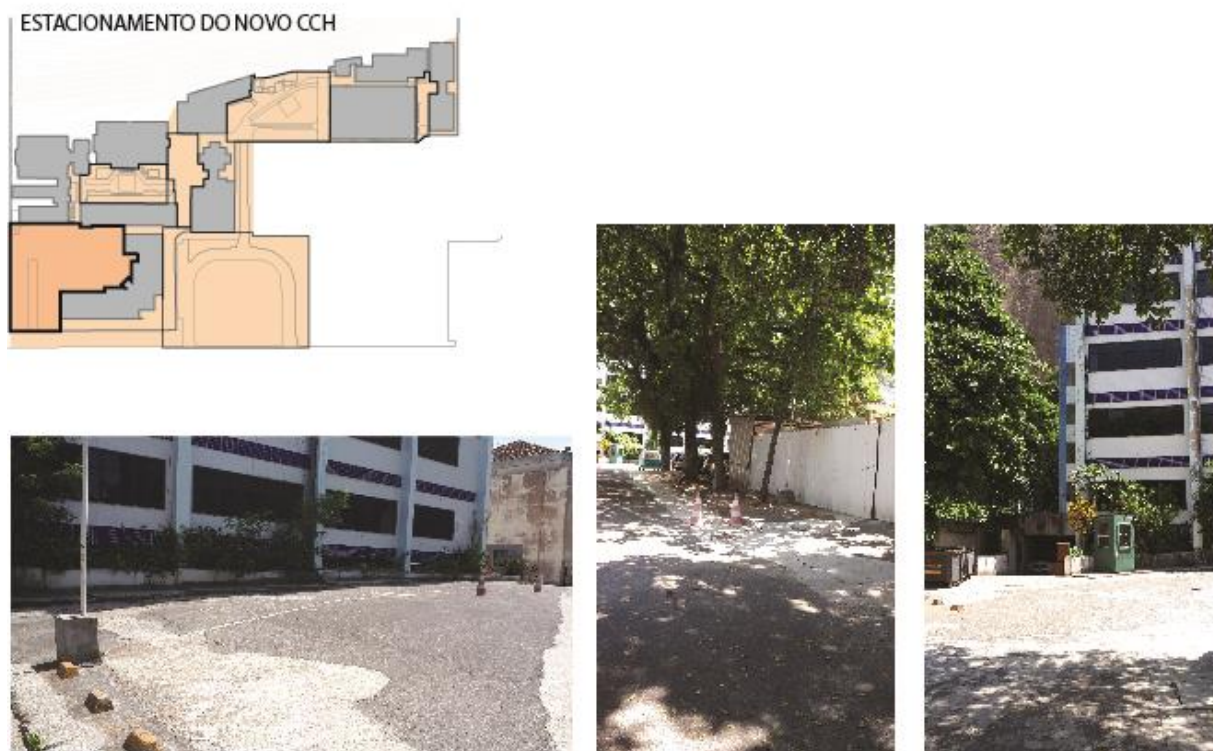


Fonte: desenvolvido pela autora, 2020

Estacionamento do Novo CCH

Esse espaço (figura 61), hoje, está dividido entre o estacionamento do *campus* e um grande canteiro de obra, mas possui um enorme potencial para ser o dinâmico espaço de convivência. Contudo, ao final das obras do Novo CCH, ele será destinado, lastimavelmente, para ser o maior estacionamento do *Campus*, sendo, portanto, um local árido, com pouco uso e convivência.

Figura 61 – Visão geral do ambiente do Estacionamento do CCH



Fonte: desenvolvido pela autora, 2020

3.4 SÍNTESE ANALÍTICA DO SISTEMA DE ESPAÇOS LIVRES DO *CAMPUS PASTEUR 436*

Neste item se faz uma síntese do *Campus* como um todo, ao invés de observar seus espaços livres de forma isolada, como realizados nos itens anteriores deste capítulo. Como já foi mencionado anteriormente, a análise foi baseada em levantamentos anteriores e impressões mnemônicas da autora em função das restrições de acesso ao *campus* em função da pandemia.

Análise da legibilidade do Campus Pasteur 436

A análise da legibilidade do *campus* se baseia no grau de clareza de percepção da estruturação do sistema de espaços livres do *Campus* e sua respectiva associação aos espaços edificados adjacentes.

Fazendo um paralelo com a cidade analisada por Kevin Lynch (1960), o *campus* pode ser visto como uma estrutura física viva e integral e sendo possuidor de uma imagem clara, ou seja, tendo legibilidade, ele pode desempenhar um importante papel social de fornecimento de matéria prima para os símbolos e memórias coletivas do grupo que o frequenta.

Analisando morfologicamente o ambiente do entorno do *campus*, é possível reconhecer duas referências de orientação marcantes na paisagem: as montanhas e a Avenida Pasteur, via principal e única que faz a conexão do bairro com o restante da Cidade.

Internamente, no *Campus* são observados principalmente os acessos e caminhos, as barreiras e visadas, os marcos e mobiliário e os elementos sensoriais – sons, odores, sombra e luz. Assim, neste item vamos analisar de modo distintos os espaços livres de permanência e os de circulação buscando compreender os elementos que promovem a polarização e permanência ou a dispersão e esvaziamento.

Análise dos Fluxos

Verificam-se dois principais acessos ao *Campus*, tanto de pedestres quanto de veículos: pela Praça Guilherme Figueiredo e pela calçada da Avenida Pasteur. Esses acessos não são claros. Em conversas informais com frequentadores do *campus* há uma memória do estranhamento pela primeira vez que esteve lá, gerando questionamentos do tipo: “Será que é aqui mesmo?” “Por onde entra?” “Aqui é a UNIRIO?”.

O acesso de pedestres pela Praça Guilherme Figueiredo se dá por uma via que fica quase escondida pela própria arborização da praça. Ao final da via, fica localizado o portão principal, o único local externo ao *campus*, onde há uma sinalização com referência à UNIRIO. Observa-se que a sinalização se refere somente ao Centro de Letras e Artes, apesar de ser o acesso geral do *campus*. (figura 62 e 63)

Figura 62 – Via de acesso ao portão principal do *campus*



Fonte: a autora, 2019

Figura 63 – Portão principal



Fonte: a autora, 2019

Também na praça, fica localizado o portão de serviço, que atende principalmente o Restaurante Escola. A sinalização é improvisada, como pode ser ver pela figura 69, com uma folha colada no portão. Este portão dá acesso ao espaço denominado Acesso de Serviço. No seu lado direito está localizada a Biblioteca Central, que possui entrada independente do restante do *Campus*.

Figura 64 – Portão de serviço



Fonte: a autora, 2019

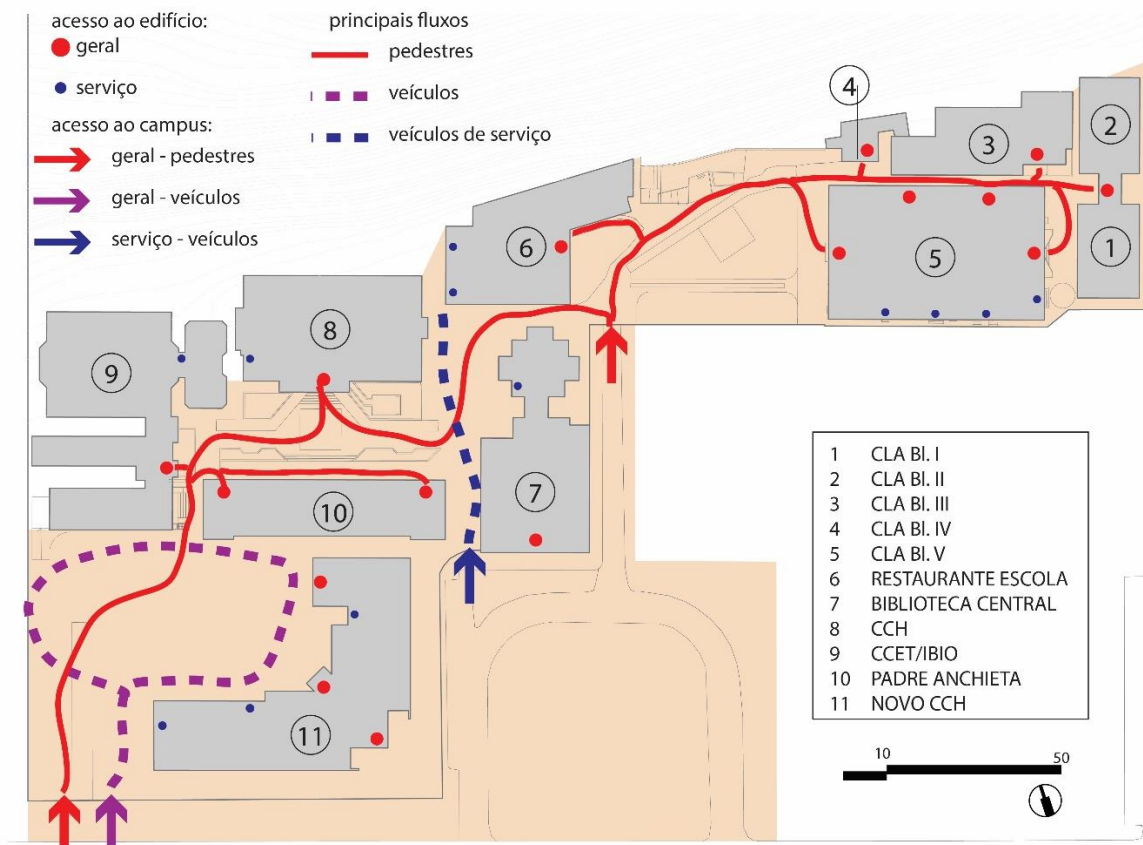
O terceiro acesso ao *campus* se dá pelo portão do estacionamento, localizado na própria Avenida Pasteur. É um acesso por um portão único, que está sempre aberto e que privilegia os automóveis. Na entrada há uma guarita para o controle da entrada e saída dos veículos, porém sem maiores interferências com relação aos pedestres. Há um estreito passeio pelo lado direito, que termina no meio do estacionamento, a partir de onde o pedestre precisa caminhar por entre os carros até chegar no Praça do CCH.

Na maior parte dos espaços livres do *campus* tem pouca ou nenhuma circulação de veículos. Os automóveis circulam somente na área do estacionamento, com uma frequência regular entre o portão de serviço e a entrada do Restaurante Escola e muito eventualmente há acesso de veículo pelo portão principal.

Os fluxos de pedestres são mais intensos entre os acessos dos edifícios, principalmente nos horários de entrada e saída dos turnos e intervalos das aulas. No horário de almoço e jantar há um fluxo que se direciona ao Restaurante Escola (Figura 65).

O Bloco V do CLA recebe um público externo quando há apresentações públicas em seus teatros e auditórios, o que gera um eventual fluxo específico nestes períodos.

Figura 65 – Cartografia dos principais acessos e fluxos no *Campus*



Fonte: desenvolvido pela autora, 2020

Análise das Permanências

Os espaços livres do *Campus* Pasteur, embora de propriedade pública, da União, são espaços de uso coletivo da UNIRIO, portanto, espaços livres de acesso controlado e restrito.

Os principais espaços livres de permanência são o Espaço Mário de Andrade, o Pátio do CLA e a Praça do CCH. Em geral, os principais usuários são os alunos da universidade (maior número de usuários), que os utilizam para convivência e descanso.

A própria natureza formal diversificada desses espaços propicia as diferentes apropriações, que muitas vezes são subutilizados por falta de infraestrutura adequada. Destaca-se a sazonalidade das atividades, os espaços estão sempre muito vívidos, principalmente nos períodos de aula e esvaziados nas férias.

O Espaço Mário de Andrade, apesar de ser o local mais deficitário no que diz respeito ao mobiliário, piso e acessibilidade, é o espaço mais rico e intensamente utilizado pelos frequentadores do *campus*. O local é arborizado, sombreado e diversificado com seus desníveis e canteiros largos que proporcionam um ambiente acolhedor. A proximidade com a natureza e a vegetação que cria diversos ambientes também pode ser considerados um atrativo para o espaço.

Ainda no Espaço Mário de Andrade, em contraste a esta intensidade de uso que ocorre no sopé da Pedra da Babilônia, o amplo espaço entre eles e o muro fica vazio a maior parte do tempo. Apesar de ser levemente sombreado, não há atrativos ou infraestrutura que convide ao uso.

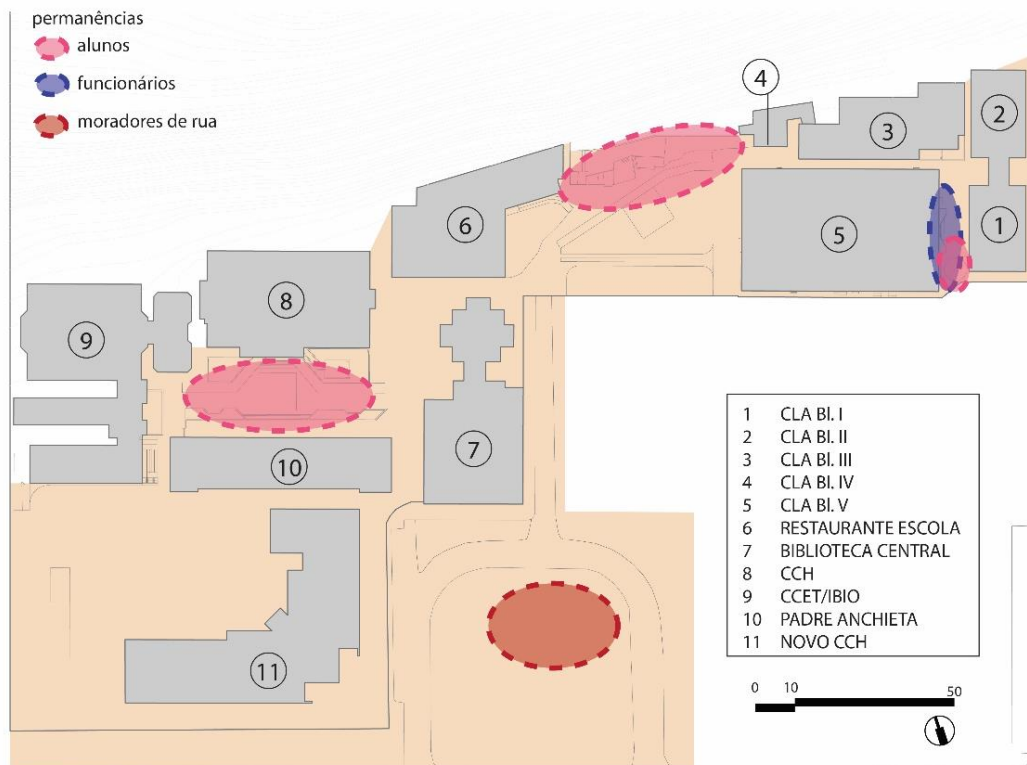
A Praça do CCH, outro ambiente com muitos frequentadores, também possui um arborização importante, que gera uma sombra agradável. Neste local, a presença de alunos pode ser atribuída aos três edifícios que o limitam – CCH, CCET/IBIO e Padre Anchieta – que tem seus únicos acessos dando direto para esta praça.

No Pátio do CLA, os eventos são os principais focos para atrair as permanências, portanto, elas são sazonais. No dia a dia, o local árido tem poucos frequentadores. Cenário que se altera no horário de almoço, quando é possível ver os funcionários terceirizados descansando nos canteiros do pátio.

Os demais espaços, estacionamento e acesso de serviço, também são locais áridos com pouca ou nenhuma sombra e utilizado preferencialmente para veículos e não se observa a permanência de pedestres nos mesmos.

Desta forma, foi elaborada uma cartografia para representar as permanências mais significantes dos espaços livres do *campus*, pelos seus principais atores (Figura 66). Os estudantes costumam se reunir na Praça do CCH, nos platôs do Espaço Mário de Andrade e no fundo do Pátio do CLA. Os funcionários terceirizados utilizam principalmente os canteiros do Pátio do CLA para descansar nos seus horários de folga e os professores em geral não foram identificados nestes espaços.

Figura 66 – Cartografia das principais permanências no *Campus*



Fonte: desenvolvido pela autora, 2020

Análise das potencialidades e fragilidades do sistema de espaços livres do Campus

Apesar da impossibilidade de fazer visitas técnicas no momento da pesquisa, foi possível apontar algumas potencialidades e fragilidades dos espaços livres do *campus*, baseadas em memórias de visitas anteriores que embora não tenham sido feitas com este objetivo, podem contribuir com alguns indicativos.

Potencialidades

- O *campus* universitário é por si só um espaço vivo pela diversidade de pessoas que nele transitam, de origens distintas e pluralidades de ideias.
- A Universidade por si só é um local que convida à criação de vínculos entre os jovens, um local de descobertas e formação de novos laços sociais através de festas, conversas, debates etc.
- A paisagem é admirável, com vista para o Morro da Urca, ponto turístico da Cidade do Rio de Janeiro e a localização privilegiada com facilidade de acesso ao transporte público para as regiões do Centro e Zona Sul.
- A arborização intensa na maior parte do *campus* torna o local agradável.

- Os edifícios são naturalmente polos atrativos e geradores de fluxos, os edifícios de salas de aulas têm um público mais específico e os edifícios de uso mais geral, como a Biblioteca Central e o Restaurante Universitário, constantemente atraem estudantes inclusive de outros *campi*.
- Há uma diversidade de atividades potencialmente geradas pela natureza da universidade, em especial neste *campus* que sedia cursos tradicionais relacionados a área das artes, como as cênicas e música, que geram sobretudo ensaios, reuniões, apresentações musicais e teatrais etc.
- O Espaço Mário de Andrade é rico, em termos ambientais, com sua arborização densa, desníveis que criam espaços de convívio convidativos. Apesar da falta de esforço de projeto e/ou qualquer tipo de mobiliário que auxilie na prática das atividades.
- A apropriação dos espaços livres pela comunidade acadêmica, como uma extensão das atividades de ensino, que pode ser percebida em alguns gestos como o “jardim evolutivo” criado pelos professores de biologia que mostra a evolução das espécies vegetais, as exposições culturais promovidas pelos cursos de museologia etc.
- A apropriação dos espaços, especificamente pelos alunos, através de iniciativas artísticas no *campus*, como as artes e poemas espalhados pelo *campus* ou o “murinho da honestidade”.
- Através de conversas informais com ex-alunos e funcionários do *campus*, foi possível perceber que há uma memória agradável do lugar, em especial a parte do Espaço Mário de Andrade, como um lugar conectado à natureza.

Fragilidades

- Dificuldade de acesso a transporte público direto para áreas da cidade como Zona Norte e Zona Oeste.
- A sazonalidade do uso dos espaços livres, sendo intenso em período de aula, em especial no início dos semestres letivos, os espaços são muito frequentados. À medida em que o final de período se aproxima, o movimento decai até as férias escolares, quando quase não há frequentadores no *campus*.
- Subutilização dos espaços livres aos finais de semana, feriados e períodos de férias;
- Falta de mobiliário que convide ao uso dos espaços livres, como bancos, iluminação, coberturas etc.
- Falta de superfícies de sombreamento.

- Falta de infraestrutura em geral que geram dificuldade de escoamento das águas pluviais e iluminação dos espaços livres (necessidade de instalação de novas subestações para solucionar questões de fornecimento de energia no *campus*).
- A área de espera do restaurante universitário não tem infraestrutura. A fila que se forma nos horários de pico se estende por uma boa parte do *campus* e nem sempre há sombra ou local para descansar.
- A falta de valorização dos espaços livres, relegados a segundo plano. Isto se reflete em pisos mal-acabados ou nunca feitos, mobiliário antigo e degradado, como bancos e bicicletários, a colocação de containers para depósito de bens inventariados em locais inadequados, e até mesmo bens como automóveis e ônibus que não funcionam, carteiras e armários quebrados que ficam depositados ao ar livre.
- Por uma questão de legislação municipal, uma área importante em tamanho e localização, precisa ser reservada para vaga de veículo.
- A falta de unidade arquitetônica entre os edifícios, falta de manutenção e conservação das fachadas geram ambientes externos desagradáveis.
- Instalação de condicionadores de ar nas fachadas, gerando visadas desagradáveis, ruído, calor e água dos drenos empoçadas.
- Falta de acessibilidade no *campus*, com os pisos são mal-acabados, desníveis, rampas e escadas dimensionadas fora das normas etc.
- A sinalização é inadequada ou inexistente, causando dificuldade de encontrar os edifícios e acessos. Causa também uma desorientação, não se sabe onde está, que prédio ou espaço é aquele.
- Por se tratar de um lugar onde a maioria das pessoas (alunos) vai frequentar durante um tempo determinado e limitado, pode haver uma tendência a que os laços construídos com o espaço não sejam tão intensos.

CAPÍTULO 4: O PROJETO PAISAGÍSTICO E O RECONHECIMENTO PATRIMONIAL

Pois se a universidade em sua história é sede de um patrimônio cultural – e de um patrimônio edificado em particular – que é materialmente relevante, este se apoia em um conjunto de atividades muito específicas, diversas de outras práticas de conhecimento – até mesmo eruditas – marcado por saberes e discursos vivos e por natureza atualizáveis, vinculados a determinados tipos de espaço, ambientes e arquiteturas, a modos de estar no espaço e a comportamentos, gestos e condutas sociais a eles associados. Nesses espaços têm lugar formas de trabalho específicas, que se distinguem por seus modos de produção e transmissão, assim como por sua constante transformação e revisão. Espaços, portanto, que abrigam conhecimentos abertos à investigação, à criação e à transformação, e que, evocam práticas de ensino, de estudo, de pesquisa e múltiplos rituais – de ingresso, titulação, promoção, reconhecimento, convívio, de aglutinação, de solidarização. (LIRA, 2015, p. 20-21)

Enquanto nos capítulos anteriores o que se buscou foi o entendimento da organização espacial e funcional, incluindo suas apropriações, nos diferentes ambientes que compõem o sistema de espaços livres do *Campus Pasteur 436*, este capítulo se presta ao reconhecimento do patrimônio cultural da UNIRIO, seja material arquitetônico, seja imaterial dos saberes e práticas.

Portanto, este capítulo traz o conceito do patrimônio cultural universitário, para que em conjunto com os conceitos dos capítulos anteriores, possam ser traçadas as estratégias projetuais que irão nortear o projeto de espaços livres em busca da valorização do *Campus* como um todo.

As estratégias abordadas para o direcionamento deste projeto partem de duas palavras-chave, que podem parecer antagônicas num primeiro momento, mas que se complementam: **unidade** e **diversidade**.

A unidade se volta para o reconhecimento coletivo do *Campus* enquanto espaço físico único e capaz de agregar, em si, o próprio sentido da universidade. Já a diversidade se volta ao reconhecimento das diferentes identidades dos grupos de atores que compõem seu corpo social e incentiva práticas distintas nos ambientes projetados do *Campus*. Juntas – unidade e diversidade – geram a ideia de pertencimento ao lugar, que o eleva, potencialmente, à patrimônio cultural.

4.1 A IDEIA DE *CAMPUS* E O PATRIMÔNIO CULTURAL UNIVERSITÁRIO

Françoise Choay (2017, p.11) define o patrimônio histórico como expressão que designa “um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que congregam por seu passado comum”.

Ela complementa dizendo que o termo se tornou uma palavra-chave da tribo midiática, remetendo a uma instituição e a uma mentalidade.

Especialmente após a Segunda Guerra Mundial, esta categoria de patrimônio histórico foi ampliada de forma que, a lista do Patrimônio Mundial estabelecida pela UNESCO, atualmente compreende os aglomerados de edificações e a sua malha urbana, com seus aglomerados de casas e bairros, aldeias, cidades inteiras e conjuntos de cidades. (Ibid., p.12)

Em 1972, na Convenção para a proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural da UNESCO, é definida a noção de **patrimônio cultural** como a composição dos monumentos, ou seja, as obras arquitetônicas, as esculturas e pinturas monumentais, os objetos e estruturas arqueológicas, inscrições, grutas e os conjuntos de valor universal excepcional; os conjuntos, que são grupos que por sua arquitetura, unidade ou integração, têm valor universal excepcional do ponto de vista da história, arte ou ciência e os sítios: obras do homem, ou conjugadas com a natureza, bem como os sítios arqueológicos, que tivessem valor universal excepcional do ponto de vista estético, etnológico ou antropológico.

A noção de patrimônio cultural é ampliada na Conferência de Paris de 2003, com a nova Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial, definido da seguinte forma:

Entende-se por “patrimônio cultural imaterial” as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. Para os fins da presente Convenção, será levado em conta apenas o patrimônio cultural imaterial que seja compatível com os instrumentos internacionais de direitos humanos existentes e com os imperativos de respeito mútuo entre comunidades, grupos e indivíduos, e do desenvolvimento sustentável. (UNESCO, 2003)

Dentre as medidas para garantir a viabilidade do patrimônio cultural imaterial, isto é, a sua salvaguarda, foram destacadas: a identificação, a documentação, a investigação, a preservação, a proteção, a promoção, a valorização, a transmissão – por meio da educação formal e não-formal e por fim a revitalização deste patrimônio em seus diversos aspectos. (UNESCO, 2003)

É possível reconhecer no texto da Unesco a potência para o reconhecimento do patrimônio cultural universitário, considerando ser um espaço de recriação comunitária permanente, que promove a cultura e a diversidade humana, lugar permeado de tradições, sendo o lugar do saber por excelência.

Com relação ao patrimônio cultural no contexto das universidades, Lira (2015, p.17) ressalta o tímido lugar dos edifícios e *campi* universitários entre os bens privilegiados pelas políticas oficiais de preservação.

O autor destaca que, embora a importância das universidades na sociedade seja reconhecida, elas ainda são pouco representadas nas listas e livros de patrimônio cultural, ainda que desempenhem um papel relevante na produção do conhecimento especializado, formação de quadro técnico especializado e formulação de políticas e ações de salvaguarda, conservação e restauro.

São poucos os exemplares de arquitetura, ou até mesmo de arte, representados nas práticas de salvaguarda do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Como exemplo, pode-se citar: a residência de Grandjean de Montigny, tombada em 1938, que hoje pertence à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO); o painel de azulejos da reitoria da Universidade Federal da Bahia (UFBA), tombado em 1958; o Museu Nacional, tombado em 1973, quando já pertencia à UFRJ (figura 67) e o Museu Paulista, que hoje pertence Universidade de São Paulo (USP), tombado em 1998. (Ibid., p.19).

Figura 67 – O *Campus* da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, tombado pelo valor histórico do conjunto arquitetônico



Fonte: Foto Roberto da Silva ¹⁴

¹⁴ Imagem acessada em novembro de 2020 [<http://www.museunacional.ufrj.br/dir/omuseu/omuseu.html>]

Lira (2015, p.19) chama atenção para o fato de que dentre os exemplos citados anteriormente, a maioria não são originadas nas universidades, tampouco estão vinculadas à sua história. Como exceção, ou seja, bens tombados diretamente relacionados à experiência universitária, pode-se exemplificar a sede da Faculdade de Direito do Recife, o edifício da antiga Escola Nacional de Engenharia e o conjunto arquitetônico do *campus* central da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (figura 68). (LIRA, 2015, p. 20)

Figura 68 – O *Campus* da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, tombado pelo valor histórico do conjunto arquitetônico



Fonte: Foto de Gilberto Simon¹⁵

Com relação a estes patrimônios, em específico, Lira (2015, p.17) salienta a ausência de continuidade e coerência entre esses monumentos, assim como o predomínio do suporte arquitetônico, artístico e museológico como fatores reveladores da permanência de uma premissa conceitual excêntrica à história cultural da universidade no país.

¹⁵ Imagem acessada em abril de 2020 [<https://portoimagem.wordpress.com/2011/11/18/ufrgs-e-a-segunda-universidade-federal-com-nota-maxima-no-indice-geral-de-cursos/campus-central-ufrgs-gilberto-simon/>]

Figura 70 – O Campus da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, tombado pelo valor histórico do conjunto arquitetônico



Fonte: montagem elaborada pela autora, 2020

A autora Mahler (2015) descreve as universidades como comunidades com bastantes locais específicos caracterizados por uma grande complexidade, cuja condição pode ser traduzida da seguinte forma:

Esta condição se traduz no seu porte; na permeabilidade com a cidade em que está inserida; na diversidade de áreas de conhecimento e dinâmicas pedagógicas em constantes mudanças; na integração das atividades instrumentais e simbólicas; na articulação entre seus espaços; na permanência temporal do patrimônio edificado versus as impactantes manutenções prediais; na sobreposição de temporalidades descaracterizadas ou desconhecidas; na dificuldade de gestão – seja na administração de recursos e de pessoas – ou nas contradições entre a economia e as soluções requeridas; na construção de relações em uma escala que contribui para a dispersão na paisagem. (Mahler, 2015, p.21)

Ela acrescenta que a temática do lugar da universidade é permeada por polaridades e contradições: beleza e ordem, natureza e edificação, tradições e transformações, a invasão do automóvel e a urbanidade, a revolução digital e a reconciliação com a paisagem. (Ibid., p.21)

Para a criação desta ideia de *campus*, é interessante também trazer à tona o conceito de ambiência, no sentido do conjunto de aspectos sensíveis e dinâmicos de um lugar, mais do que os aspectos funcionais, formais e ambientais. (Duarte, 2013, p.1)

O conceito de ambiência é utilizado para descrever um lugar que não se descola de suas características sensíveis como sons, cheiros e luzes; e físicas como a movimentação de pessoas e o suporte espacial. Ela “nos leva a refletir sobre tipos de experiência, percepção e ação em determinados e específicos contextos”. (Ibid., p.2)

A autora observa também que a apropriação do local passa pelo reconhecimento desta realidade sensorial, portanto de suas ambiências. Desta forma, uma ambiência que desperta a familiaridade das pessoas significa que a sua memória foi capaz de “atribuir significados ao lugar a partir de seu caráter multissensorial e íntimo dos registros previamente adquiridos por seus praticantes”. (Ibid., p.2)

A ambiência pode ser descrita aqui como:

Sendo o corpo o aparelho sensível que capta a percepção do mundo com o qual interagimos, diríamos que este reconhecimento se dá não apenas quando o corpo penetra na a ambiência urbana, mas, principalmente, quando esta ambiência penetra nosso corpo. Ouvir sons distintos que caracterizam locais urbanos, sentir seus cheiros, sua luz, suas cores, suas diferenças de temperatura e de velocidade do vento (e do tempo) batendo na pele é uma maneira de situar o corpo nessa atmosfera urbana. Ter consciência dessa atmosfera e reconhecê-la em seu suporte espacial propicia a experiência e a interação na ambiência. (Duarte, 2013, p.2)

4.2 ESTRATÉGIAS PROJETUAIS PARA O PROJETO DE ESPAÇOS LIVRES DO CAMPUS PASTEUR 436

O reconhecimento do contexto histórico que levou a conformação do *Campus Pasteur 436*, feito no Capítulo 2, bem como as análises dos seus elementos fixos e suas dinâmicas ocupacionais feitas no Capítulo 3, nos levam a reconhecer a relevância do seu patrimônio cultural.

Desta forma, foram estabelecidas as duas estratégias projetuais – unidade e diversidade - que conduzem o projeto paisagístico para os espaços livres, visando construir, de fato, a desejada ideia de *campus* universitário em seus usuários, estimulando o sentimento de pertencimento desta nesse lugar próprio – o *Campus Pasteur 436*.

A organização *Project for Public Spaces* (PPS) traz em um artigo chamado “Grandes planos para os *campi*”¹⁸ noções sobre como melhorar a vida no *campus* através do conceito *placemaking*, definido pelo autor Jay Walljasper (2018) como a arte e a ciência de criar bons espaços públicos onde as pessoas querem se reunir.

Neste artigo de Walljasper (2018), o PPS aponta seis grandes questões e oportunidades no *campus*, ao tratá-lo como ambiente único e não apenas como um aglomerado de instalações. As questões apontadas são reunir pessoas e ideias; criar lugares e não apenas instalações; equilibrar preocupações sobre flexibilidade *versus* controle no *campus*; *melhorar* relação cidade/universidade; plantar as sementes da sustentabilidade e desembaraçar o tráfego e problemas de estacionamento.

O artigo de Peinhardt e Storing (2019), “Inclusão pelo design: estabelecendo uma base para a diversidade no espaço público”¹⁹, que faz parte do “Manual para um *placemaking* inclusivo”, do PPS, trata da equidade e inclusão no espaço público.

Elas alegam que o design de um espaço público inclusivo estabelece bases para uma vida cívica que constrói um senso de apego e pertencimento a todos e enumeram cinco estratégias para projetar estes espaços públicos.

Em primeiro lugar, o projeto deve ser feito para diferentes habilidades. Os recursos de um espaço público podem ser otimizados para a máxima acessibilidade, com pisos táteis, banheiros e vagas de estacionamento acessíveis, aplicação de cores contrastantes em postes, degraus etc. O projeto deve ser visto pelas lentes do conforto, para além das normas de acessibilidade, para que todos possam se sentir à vontade no espaço.

Além disso, as dinâmicas de gênero devem ser consideradas, pois pessoas com diferentes identidades e expressões de gênero utilizam o espaço e cabe ao projetista entender as melhores maneiras de fazer com que todas as pessoas se sintam bem-vindas e seguras. Recursos de segurança, como acessos nítidos, orientação visível e linhas de visão desobstruídas fazem com que todos se sintam mais à vontade em um espaço público, porém, deve-se fazer com que ele não só pareça aberto, mas também emocionante.

O terceiro ponto está relacionado ao fornecimento de facilidades para atividades culturais. Deve-se ter uma genuína contribuição da comunidade e evitar cópias prontas de parques icônicos,

¹⁸ Tradução da autora do original “*Big plans on campus*” acessado em março de 2020, em [<https://www.pps.org/article/campusbulletin>].

¹⁹ Tradução da autora do original “*Inclusive by design: laying a foundation for diversity in public space*” acessado em março de 2020, em [<https://www.pps.org/article/inclusive-by-design-laying-a-foundation-for-diversity-in-public-space>].

olhando de perto os desejos dos usuários locais, para garantir que o espaço seja sempre um lugar genuíno de intercâmbio cultural.

Elas também alegam que os espaços públicos devem ser contadores de histórias. A escolha do design gráfico (sinalização, memoriais etc) e dos produtos – mobiliário, definem uma identidade visual, mas, também, sinestésica (tátil, sonora, olfativa) que pode ser interpretada pelos usuários daquele lugar. O projetista deve encontrar meios de passar uma mensagem, contar uma história de forma proativa, garantindo que os elementos como placas, estátuas e sinais reconheçam a história do local, de forma que os membros da comunidade se sintam vistos e reconhecidos naquele lugar.

Por último é recomendado que os espaços públicos façam um pouco de varejo. Oferecer oportunidades para pequenos fornecedores pode atrair um público mais amplo e distribuir oportunidades econômicas para pessoas que não teriam outra forma de oferecer seus produtos e serviços. Entretanto ressalta-se que este não deve ser o único objetivo do espaço. Deve haver uma combinação equilibrada a fim de garantir que os usuários que querem utilizar o espaço sem ser clientes não sejam afastados.

Em outro artigo do PPS (2018), denominado “nossa abordagem aos *campi*”²⁰ é esquematizada uma abordagem para o projeto do *campus*, que leve a criar um senso de comunidade e interação das pessoas entre si nos espaços entre os prédios. Esta interação é criada se o *campus* oferecer uma série de atividades e espaços públicos que se apoiem mutuamente, bem como as necessidades sociais e emocionais das pessoas que moram e trabalham lá.

Neste artigo são elencadas algumas áreas de recomendações que podem ser usadas para orientar futuras melhorias e desenvolvimento do *campus*. A primeira delas é criar locais de encontro bem-sucedidos. É questionado se a localização e as condições de comodidades do *campus* apoiam ou dificultam o seu uso. Deve-se identificar os usos gerais e específicos para as áreas públicas do *campus*.

Outro item apontado é a questão da interface com a comunidade em geral. Este item tem como ponto chave as “bordas”, os espaços de transição. A interação entre o *campus* e a sua vizinhança adjacente é fundamental para criar um ambiente confortável e fundamental.

O terceiro item diz respeito aos usos da terra do *campus*. A questão aqui é entender a relação entre os usos internos e externos das instalações existentes. Deve ser analisado se os usos do solo planejados são compatíveis com os usos existentes, tanto arquitetonicamente quanto funcionalmente

²⁰ Tradução da autora do original “Our approach to campuses”, acessado em março de 2020, em [<https://www.pps.org/article/our-approach-to-campuses>].

e almeja-se que os novos usos incentivem uma vida ativa no *campus*, relacionando-se sempre que possível com o seu entorno.

A quarta recomendação diz respeito a segurança do ambiente, prevendo um conjunto de problemas reais e percebidos. É importante que o *campus* possua um bom ambiente para os pedestres para que as pessoas caminhem em segurança. Estas recomendações estendem-se ao desenho dos térreos dos edifícios, se eles possuem os chamados “olhos da rua”, iluminação nos lugares usados a noite, presença de destinos para onde as pessoas possam ir ou passar e que tenham outras pessoas usando. Para criar este ambiente de segurança, o PPS sugere usar o design do espaço, manutenção, acesso e níveis de atividades.

Adicionalmente são feitas recomendações a respeito da acessibilidade. Deve ser considerada a localização de estacionamentos e a facilidade de transporte, inclusive bicicletas para acessar o *campus*. Os deslocamentos entre as salas de aula e os edifícios devem ser confortáveis e acessíveis.

Por fim, são citados os sistemas de informação e orientação. Geralmente os ambientes do *campus* são configurações complexas que acabam sendo confusas para os visitantes e alunos. Deste modo, os sistemas de sinalização e informação do *campus* devem ser claros e adequadamente localizados, para que seus usuários possam percorrê-lo de maneira rápida e fácil. Deve-se compreender quais informações são necessárias e onde elas devem ser localizadas a fim de evitar confusão nos visitantes, funcionários e estudantes.

4.2.1 Estratégia projetual 1: UNIDADE

Neste item, foram analisados dois projetos que buscam a unidade de modo quase literal, por meio do mobiliário urbano - um elemento único que vai se transformando e se adaptando aos diferentes ambientes projetados. No primeiro caso, de forma espiral e no segundo, de forma linear, esses elementos ajudam a criar uma identidade visual no espaço, uma marca forte na paisagem.

No primeiro projeto, Mercado e Praça Zdunski, o mobiliário tem o conceito de uma fita, que vai “amarrando” e conectando os ambientes, com múltiplas funções. No primeiro, a fita se alarga e se estreita, se descola do chão para formar superfícies de cobertura, muda de altura para ser assento e chega ao chão, onde tem impressa na sua face a história do lugar. No segundo projeto, Parque Red Ribbon, a fita mantém sua proporção por todo o espaço, mas não por isso perde sua multifuncionalidade, como assento, iluminação e suporte para vegetação, entre outros.

Mercado e Praça Zdunski

O projeto foi desenvolvido por Mado Arquitetura, em 2012, para a Cidade de Kutno na Polônia e abrange uma área de 22.390 m². O projeto foi o vencedor de um concurso público que selecionava

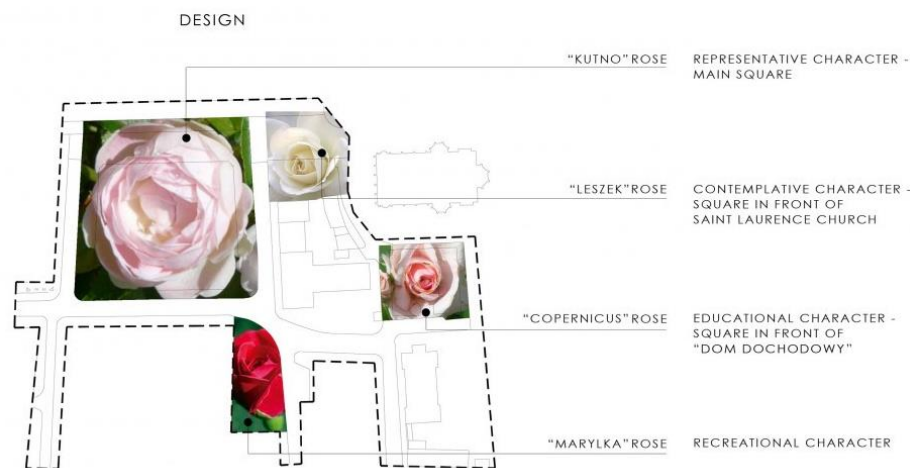
o melhor desenho urbano e arquitetônico para os espaços livres a serem revitalizados na Cidade mas não foi executado. Uma das premissas do cliente era que o projeto refletisse o conceito de “cidade das rosas”, devido ao fato da região ser historicamente conhecida pela produção das flores, e integrasse o “antigo” ao “novo”. (Figura 71)

O objetivo foi alcançado pelo uso de uma “fita vermelha em espiral”, simbolizando pétalas de rosas, que conecta quatro espaços livres públicos da cidade.

A fita marca os caminhos e se apropria diferenciadamente em cada um dos espaços, as vezes na superfície, em outros momentos subindo para criar elementos como: bancos, coberturas, escorregas e balanços para crianças.

Como elemento único na construção da identidade da cidade, os projetistas sugeriram que os acontecimentos importantes na história do lugar fossem impressos na sua superfície, desta forma, ela torna-se uma imagem simbólica da trajetória de vida das pessoas e do curso da história da cidade.

Figura 71 – Conjunto de imagens do Projeto do Mercado e Praça Zdunski, Mado Arquitetura



Fonte: ArchDaily²²

²² Projeto e imagens acessadas em março de 2020 [https://www.archdaily.com.br/br/01-89818/proposta-para-o-mercado-e-praca-zdunski-slash-mado-architekci?ad_source=myarchdaily&ad_medium=bookmark-show&ad_content=current-user]

Parque Red Ribbon

O Parque Red Ribbon (figura 72), de Turenscape Arquitetos, de 2007, envolve uma área de 200.000 m², na Cidade de Qinhuangdao, China. Está localizado na margem urbana do Rio Tanghe e suas condições ambientais representavam oportunidades e desafios para o projeto, como boas circunstâncias ecológicas, coberto de vegetação nativa; porém malcuidado e deserto, utilizado como depósito de lixo para uma favela e instalações de irrigação obsoletas; problemas de segurança e acessibilidade; novas exigências funcionais, pois passou a ser utilizado pela população para atividades de recreação como pesca, natação e corrida e uma pressão de desenvolvimento.

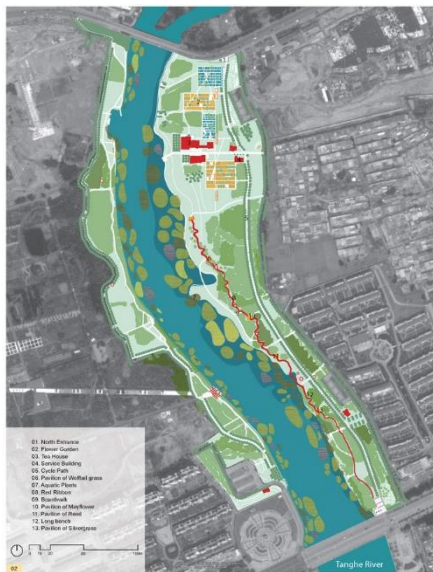
Para preservar as condições naturais do ambiente e criar oportunidades de lazer e educação ambiental, o Red Ribbon foi concebido como um elemento vivo dentro de um ambiente de vegetação curvando-se ao terreno.

A fita vermelha integra um calçadão, iluminação e assentos, além de interpretação ambiental e orientação. Feita em fibra de vidro, com 60 cm de altura e largura variando entre 30 e 150cm, ela é iluminada por dentro, tendo um tom vermelho brilhante a noite. Por estar em um parque, foram criados cruzamentos e passagens para animais de pequenos portes e perfurações na superfície superior que gramíneas cresçam na própria fita.

Ao longo da fita foram criados cinco pavilhões em forma de nuvens que servem como proteção contra a luz solar dura, oportunidade de encontros sociais, pontos focais visuais e suporte para placas de interpretação ambiental.

Por estar em sintonia com as necessidades dos moradores da região, o parque mantém seus processos ecológicos e serviços naturais intactos e a fita acaba por funcionar como um dispositivo estrutural que reorganiza o local anteriormente malcuidado e inacessível, tornando-o cada vez mais urbanizado.

Figura 72 – Conjunto de imagens do Projeto Red Ribbon, Turenscape Arquitetura



Fonte: ArchDaily²³

No Red Ribbon, a fita se integra a natureza do local, mantendo a vegetação intacta e auxiliando na manutenção da flora e fauna local, através de perfurações estratégicas em sua superfície.

4.2.2 Estratégia projetual 2: DIVERSIDADE

Neste item, foram estudados três projetos que têm em comum a importância dos espaços livres para a criação de um senso de lugar dentro no *campus* universitário. O primeiro, a Praça Central do *Campus* Clifton, da Universidade de Nottingham Trent (Reino Unido), que está articulada com os outros espaços livres do sistema; o segundo, o *Campus* da UNIBRA/IBGM, em Recife e o terceiro, o Therry Courtyard da Saint Ignácio Riverview College, são espaços menores, porém com um tratamento paisagístico repleto de detalhes enriquecedores.

²³ Projeto e imagens acessadas em março de 2020 [https://www.archdaily.com.br/br/01-156629/parque-red-ribbon-slash-turenscape?ad_source=myarchdaily&ad_medium=bookmark-show&ad_content=current-user]

A pluralidade desses espaços abertos com qualidade ambiental, representados aqui por mobiliário interessante, proporções adequadas, materiais apropriados, ergonomia, integração com a paisagem e sombreamento, convida ao convívio e apropriação dos espaços pelos seus usuários.

No primeiro *Campus* da Clifton, o destaque é para a compreensão dos diversos espaços livres que compõem o *Campus*, o que levou a sua hierarquização, criando uma identidade para o lugar e melhorando a relação entre eles e os edifícios. Esta hierarquização considerou também as rotas e fluxos, desta forma, os jardins que estruturam as praças estão localizados de forma a permitir o livre fluxo de movimento nos espaços.

No *Campus* da UNIBRA, o projeto teve como partido uma geometria forte e precisa, para criar distintos espaços, pequenos nichos ao ar livre que incitam a união e construção de pontes. Merece ênfase também a sintonia com a natureza com o emprego de materiais sustentáveis.

O Therry Courtyard, terceiro projeto, é relevante pela forma como aproveita os desníveis do local, para a criação de um ambiente favorável ao ensino e aprendizado. Mais uma vez, como no projeto da UNIBRA, foram criados pequenos ambientes, propícios ao contato e as trocas.

Campus Clifton da Universidade de Nottingham Trent

Este projeto desenvolvido por *Re-form Landscape Architecture Limited*, em 2016, com uma área de 8.000 m², teve como foco a criação de uma nova praça no *campus* que conformasse a estrutura física, social e organizacional das instalações já existentes no *Campus* de Clifton (figura 73) da Universidade de Nottingham Trent (Reino Unido), a partir da identificação de que ele necessitava de uma reconfiguração radical.

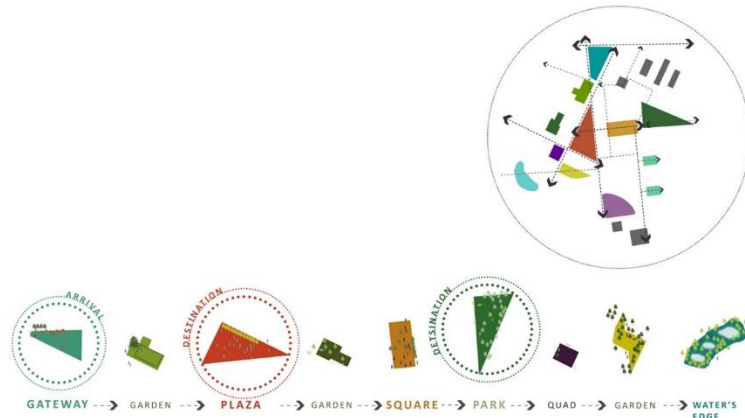
Esta reconfiguração foi feita através da hierarquização das rotas e espaços livres, que por sua vez forneceram uma identidade clara e o estabelecimento de uma melhor relação entre os edifícios e os espaços livres.

A praça principal foi configurada por um espaço triangular articulado com faixas geométricas que ecoam para o pavilhão principal. Foram criados diversos jardins quadrados que consistem em gramados elevados, com áreas de plantio dentro, com árvores que variam de tamanho de acordo com dimensões estabelecidas pela fachada dos edifícios. Eles estão localizados de forma a permitir o livre fluxo de movimento no espaço.

Os materiais utilizados nos pisos foram lajes de concreto agregado que formam baias pavimentadas de argila vermelha, dispostas em espinha de peixe. Posteriormente este padrão de paginação foi utilizado em outras áreas do *campus*, a fim de definir os seus principais espaços.

Por ser o local onde todas as rotas e funções convergem para a promoção da interação social e aprendizado, a praça passa a ser percebida como um forte senso de local de chegada. Por outro lado, a estética visual forte, que criou uma linguagem artística distinta, ao serem empregadas nos projetos mais recentes do *campus* criam um claro sentido de lugar.

Figura 73 – Conjunto de imagens do Projeto do *Campus Clifton*, Re-form Landscape Architecture



Fonte: Landezine²⁴

UNIBRA IBGM

A Universidade UNIBRA está localizada em Recife e seu *Campus*, com 4.500 m², recebe 15.000 estudantes. O projeto, desenvolvido em 2017 por Hanazaki Paisagismo (figura 74), teve como desafio criar uma área externa que influenciasse positivamente a comunidade, os estudantes e o corpo docente.

24 Acessado em março de 2020 [<http://landezine.com/index.php/2019/07/the-heart-of-the-campus-by-re-form-landscape-architecture/>]

A principal premissa do projeto era criar espaços interativos ao ar livre e promover uma experiência estética onde as pessoas se unissem e construíssem pontes para o conhecimento e relacionamento.

Os espaços livres do *campus* foram pensados como uma justaposição do contemporâneo e do histórico, refletindo a geografia do Recife, utilizando de água e caminhos. A água, em conjunto com uma pérgola e uma passarela coberta proporcionam um conforto térmico necessário para a região.

Figura 74 – Conjunto de imagens do Projeto do *Campus* da UNIBRA IBGM



Fonte: archdaily.com²⁵

Com uma geometria precisa, foram posicionados quadrados entre a água e as passarelas. O mobiliário é ergonômico e foi projetado para que os alunos pudessem relaxar ou até mesmo ter reuniões de estudo.

Os jardins, no nível do solo para preservar o terreno, possuem plantas nativas ou adaptadas ao clima local. Já as árvores existentes foram preservadas e destacadas no projeto. Para dar permeabilidade ao solo, foram utilizadas passarelas com pavimentos permeáveis e decks de madeira certificada. Já a água utilizada nas cascatas e espelhos d'água vem principalmente da chuva e da reutilização das águas do prédio.

Os projetistas afirmam que “o jardim trouxe qualidade de vida, natureza, senso de comunidade, pertencimento e orgulho aos alunos e professores, dando à universidade um espaço exterior plural e acolhedor” e criando um ambiente de convivência e conexão entre as pessoas.

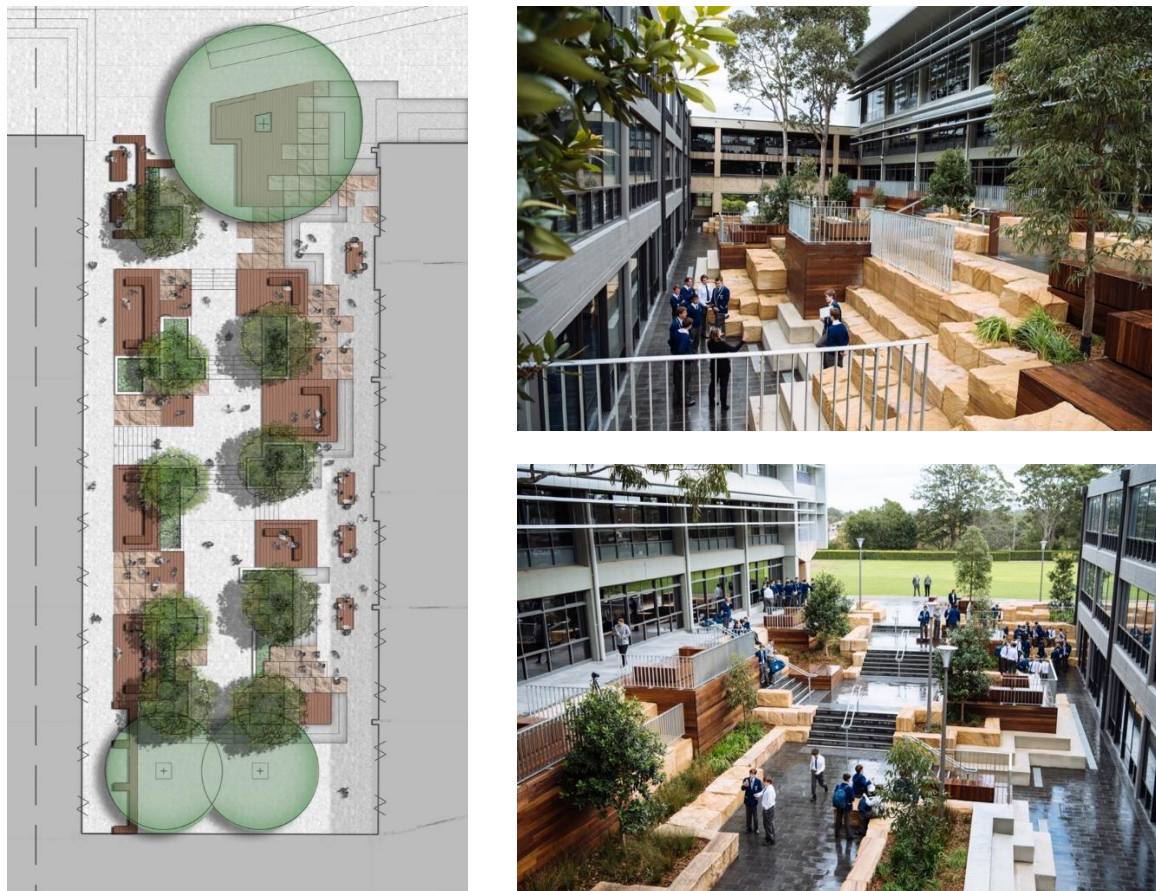
Therry Courtyard, Saint Ignácio Riverview College

O Therry Courtyard, pequeno pátio do Saint Ignácio Riverview College, situado em Sidney, Austrália, foi projetado por Arcadia *Landscape Architecture* em 2015 e executado em 2018 (Figura 75).

²⁵ Acessado em março de 2020 [<https://www.archdaily.com.br/br/914465/unibra-ibgm-hanazaki-paisagismo>]

Para este pátio, os projetistas criaram um espaço ao ar livre que pudesse proporcionar um ambiente colaborativo e trouxesse o potencial de ensino de um pátio à vida. Eles creditam o sucesso do novo pátio à utilização do design biofílico para fornecer a conexão com o ambiente natural, que ajudou assim a fortalecer a capacidade de criação, foco e bem-estar dos alunos.

Figura 75 – Conjunto de imagens do Projeto do Therry Courtyard, Saint Ignacio Riverview College



Fonte: Landezine²⁶

O senso de lugar foi criado com a introdução de espaços claros, acessíveis e convidativos que fornecem uma base doméstica para os estudantes. Esses lugares permitem que os alunos se reúnam como parte da comunidade em geral, sendo também como um lugar para recolhimento, reflexão, socialização e pertencimento.

Para superar a área confinada do sítio e a topografia desafiadora, foi utilizada uma estratégia inovadora, com um formato de módulos empilhados garantindo que o espaço seja utilizado potencialmente em sua totalidade. A variedade de espaços abertos de qualidade criados permitiu a

²⁶ Acessado em março de 2020 [<http://landezine.com/index.php/2019/05/therry-courtyard-st-ignatius-riverview-by-arcadia-landscape-architecture/>]

ampliação das oportunidades de ensino e aprendizado, este tipo de layout da infraestrutura da paisagem cria espaços com tamanho ideal para atrair o aprendizado colaborativo.

A utilização de recursos sustentáveis no projeto ajuda também no aprendizado interativo e no entendimento de conceitos ambientais, sistemas paisagísticos, ecologia e biodiversidade.

4.3 O PROJETO

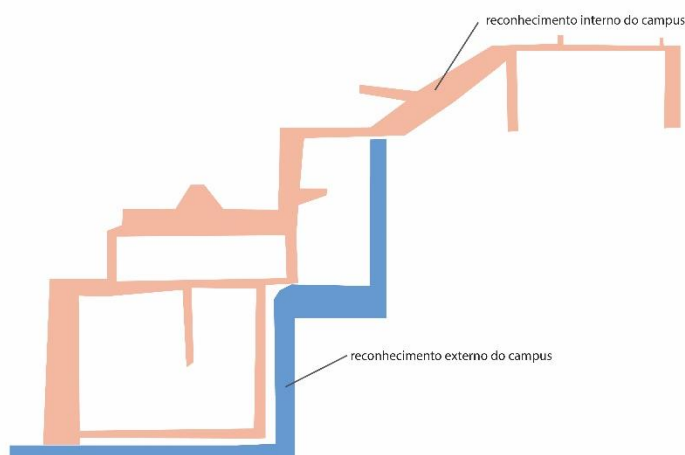
A partir dos referenciais teóricos e projetuais abordados nos itens anteriores, foram definidas algumas diretrizes projetuais que irão orientar o projeto paisagístico para o sistema de espaços livres do *Campus Pasteur 436*.

O projeto paisagístico para o *campus Pasteur 436* é uma oportunidade de criar uma ambiência e identidade institucional para a UNIRIO. Deve-se prover, portanto um espaço público onde as atividades sociais sejam estimuladas e que o corpo docente, corpo discente e técnicos possam conviver de forma democrática.

Considerando a perspectiva da proposta projetual resultante deste trabalho ser apresentada para a comunidade da UNIRIO, ela deve ser factível de execução pela instituição. Isto significa que alguns aspectos prioritários foram considerados como a acessibilidade e exequibilidade.

Com base nas estratégias projetuais de unidade e diversidade, foram estabelecidos alguns preceitos que nortearam o projeto. A unidade se relaciona a um caminho único, uma rota acessível conectando todos os edifícios entre si e entre a área externa e interna do *campus*, criando um acesso claro e diferenciado da UNIRIO com relação às instituições vizinhas (figura 76).

Figura 76 – Unidade



Fonte: elaborado pela autora, 2020

A diversidade é dada pela ênfase às três centralidades distintas reconhecendo a pluralidade dos atores e das atividades já consolidadas nesses espaços livres e nos espaços edificados contíguos (figura 77), sendo elas: o Pátio do CLA para eventos de pequeno porte, o Espaço Mário de Andrade para eventos de maior porte e a Praça do CCH para eventos de médio porte.

Figura 77 – Diversidade



Fonte: elaborado pela autora, 2020

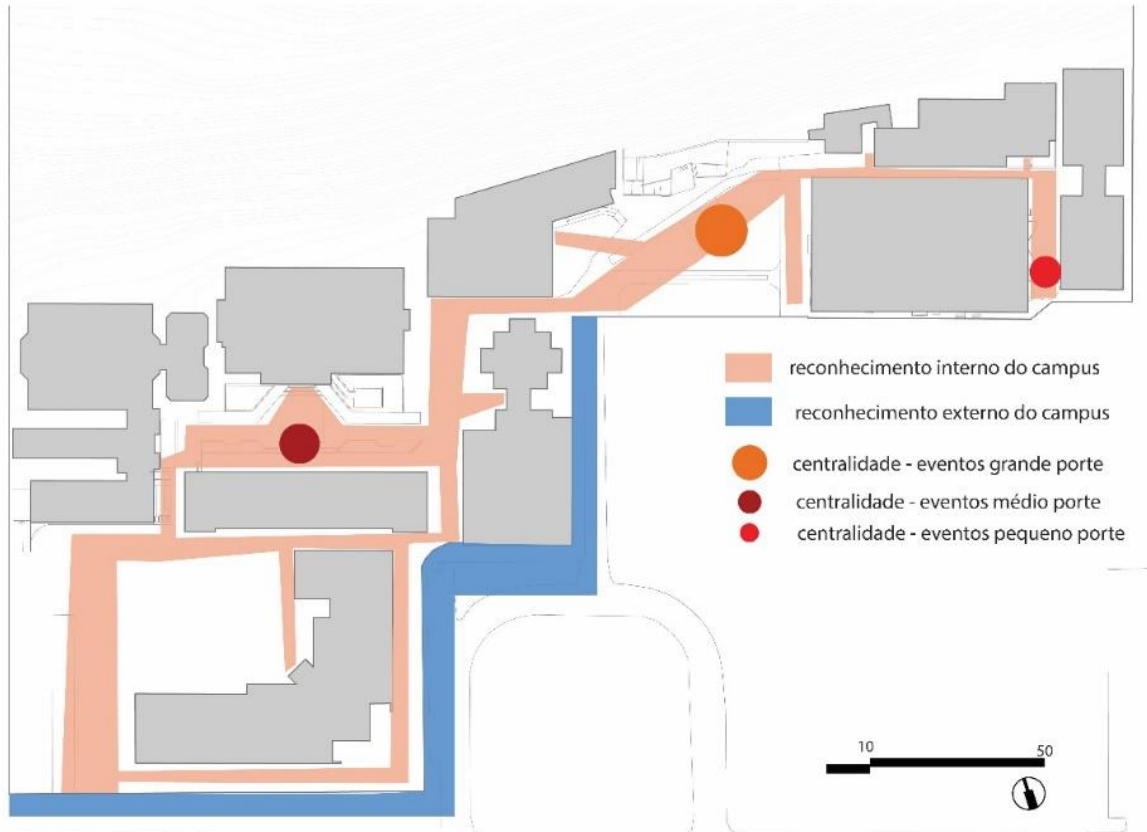
No Pátio do CLA, é reforçada a dinâmica existente de pequenas apresentações musicais com a instalação de duas estruturas elevadas que dará suporte para essas apresentações como um palco e uma arquibancada-escada.

Para o Espaço Mário de Andrade, com o objetivo de incentivar e apoiar as apresentações artísticas que já ocorrem no local, é proposto a criação de uma arena com assentos no entorno e cobertura em lona tensionada, permitindo a realização de eventos de maior porte.

Na Praça do CCH, para comportar as reuniões e assembleias estudantis foi criado um anfiteatro a partir do rebaixamento do centro da praça e a instalação de um canteiro-palco no seu centro.

A figura 78 relaciona como estes esquemas conceituais se apresentam no *campus*.

Figura 78 – Esquema conceitual – Unidade x Diversidade



Fonte: elaborado pela autora, 2020

Como estratégia para melhorar as questões de conectividade dos edifícios do *campus* e seus espaços livres o acesso e circulação de veículos dentro do *campus* fica restrita à área do estacionamento. Na área externa os pedestres são priorizados com a utilização de *traffic calmings* em pontos chave da praça.

Complementarmente, os outros pontos que este projeto se lança a responder estão relacionados à dificuldade de acessibilidade, pois quase todos os prédios se encontram em nível acima do piso externo, fora as diferenças de nível nos próprios espaços livres; ausência de pontos de referência, comprometendo a identificação do *campus*; arborização ou canteiros que em alguns lugares compromete a arquitetura; falta de suporte para as áreas de convivência e dificuldade de orientação dentro e fora do *campus*.

Para detalhar as estratégias adotadas neste projeto para os espaços livres do *campus* será mantida a divisão em seis grandes áreas como determinado no capítulo três. Estas estratégias estão relacionadas aos fluxos, acessos e permanências incentivados ou desestimulados, sugestão de materiais a serem utilizados e propostas para a arborização. (Figura 79)

Figura 79 – setorização do *campus*

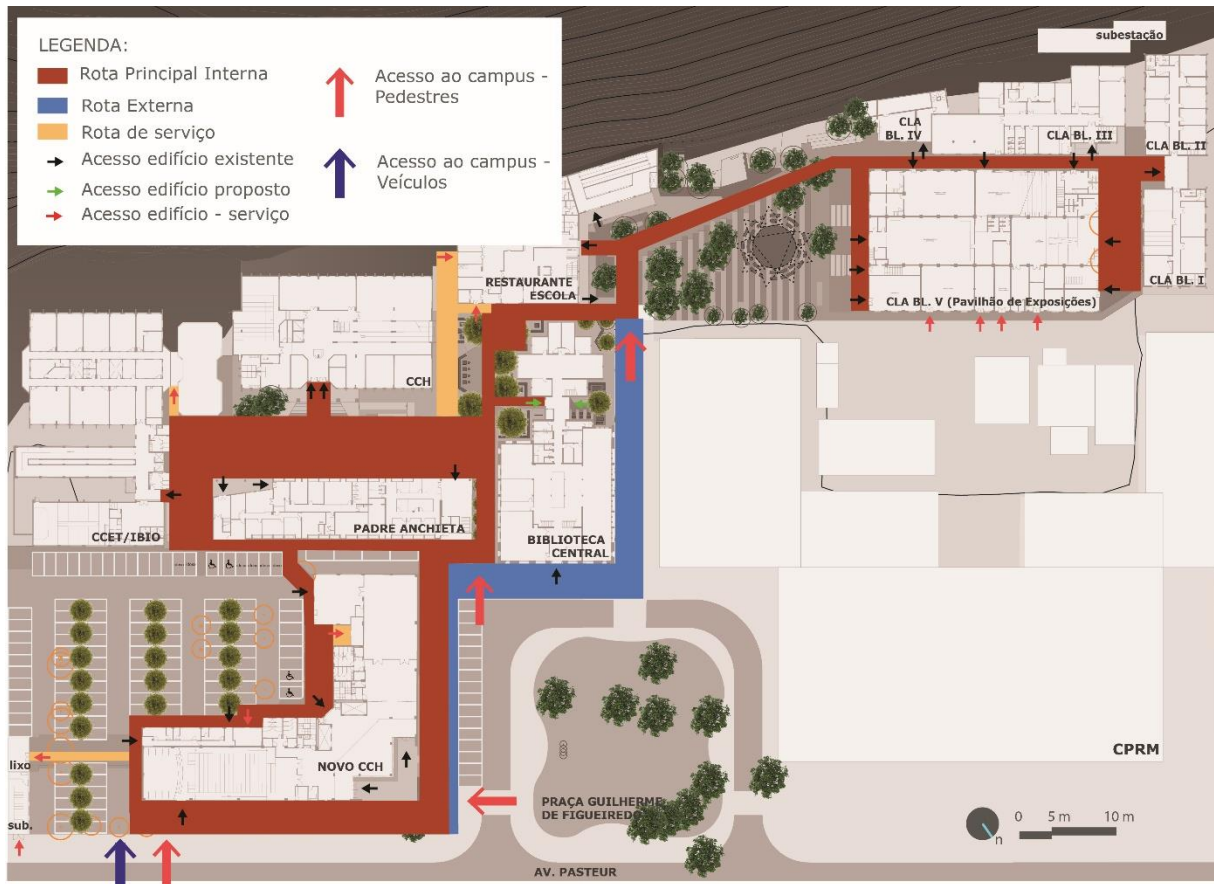


Fonte: elaborado pela autora, 2020

Por serem áreas com programas e complexidades distintas optou-se por detalhar com mais afinco apenas duas delas: a entrada do Novo CCH e o Pátio do CLA. A primeira área está diretamente relacionada ao prédio mais novo do *campus* e é potencialmente passível de ser construída num futuro próximo por se tratar de uma obra que está em andamento e a segunda está relacionada ao edifício mais antigo do *campus* e possui problemas estruturais que podem ser resolvidos com medidas relativamente simples.

Com relação aos fluxos, acessos e permanências, foi criada uma rota única interligando todos os edifícios, foram dadas condições de acessibilidade aos edifícios do *campus*, muitos desnivelados com relação ao piso exterior e criadas diversas áreas de convívio e permanência, além da melhoria das áreas já existentes. (Figura 80)

Figura 80 – Rotas e acessos



Fonte: elaborado pela autora, 2020

Criar condições de acessibilidade tanto para os novos ambientes propostos quanto nos existentes foi um desafio significativo devido às diferenças de nível também em alguns trechos do terreno. Foi necessária a concepção de novas rampas e adequação de algumas das existentes para que todos estivessem compatíveis com a norma brasileira de acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos (NBR 9050).

As rampas foram alocadas sempre que possível em conjunto com uma escada de forma que os seus acessos e chegadas estivessem próximos, num conceito de acessibilidade universal. As escadas também foram alvo de ajustes no tamanho do degrau, com a instalação de corrimãos adequados e especificação de piso antiderrapante e piso tátil.

Sobre os materiais das novas rampas, elas foram especificadas em estrutura metálica, com pisos do mesmo material desta forma se destacando dos edifícios. Nos casos em que elas estão integradas ao espaço, elas seguem o mesmo material que o constituem: concreto ou madeira.

Outro desafio relevante para o projeto e que pode parecer controverso foi a alocação de um grande estacionamento na maior e mais valorizada área do *campus*. O decreto municipal 322/1976 determina que são necessárias 5 vagas de veículos para cada sala de aula em edifício na área B1 do

zoneamento municipal. Quando o projeto de construção do Novo CCH foi aprovado na prefeitura ele possuía 26 salas de aula, implicando na necessidade de 130 vagas no total. Entretanto o projeto que foi submetido e aprovado na prefeitura contava com 125 vagas dentro do *campus* e 9 vagas externas, na via, totalizando 134 vagas, um número ainda maior do que o mínimo necessário.

A controvérsia parte do princípio de que poderia haver um posicionamento crítico com relação a esta exigência de legislação, porém, reconhecendo a realidade que se impõe estas vagas seriam admitidas de qualquer forma, uma vez que se trata de uma formalidade necessária para a conclusão dos processos burocráticos e portanto optou-se por incluí-las no projeto fazendo com que a sua existência fosse planejada da melhor forma possível e isto aconteceu alocando-se 116 vagas no interior do *campus* e 18 na área exterior.

O posicionamento de reconhecer as realidades que se impõem pelos tomadores de decisão dentro da UNIRIO direcionou outras opções de projeto que nem sempre parecem ser a alternativa ideal, como a utilização de grade e guarita para o fechamento do *campus*, mesmo em locais onde este tipo de vedação não parecesse tão necessária.

Sobre os materiais, para os pisos a escolha foi pela utilização do pavimento intertravado retangular por ser um material de baixo custo, com fácil manutenção e boa permeabilidade no solo.

Além disso o piso intertravado tem opções de pisos táteis integrados que quando bem instalados têm uma grande durabilidade. No caminho principal foi especificado o piso intertravado na cor terracota, por ser uma cor marcante. Para diferenciar os ambientes do caminho a cor escolhida foi a palha e para a área do estacionamento o tom natural cinza.

Para manter o caminho único com o mesmo material, foi feita a opção de transpor alguns trechos do piso original de pedra. Estas pedras devem ser reinstaladas na área próxima aos platôs, conforme a planta de pisos. (Apêndice 7)

O mobiliário, como bancos e bicicletários são previstos em concreto com detalhes dos assentos e encostos em madeira.

A arborização proposta é composta por espécies nativas brasileiras, da Mata Atlântica, como os Ipês, as Patas de Vaca, os Manacás-da-Serra e as Pitangueiras. Estas espécies têm floração em períodos distintos do ano, fazendo com que o *campus* esteja sempre florido. Como exceção a natividade das espécies indicadas temos as Palmeiras Imperiais que irão compor a aleia da Praça do CCH. (Apêndice 3 e 4)

As árvores existentes foram mantidas sempre que possível. A opção pela eliminação ocorreu somente em situações em que as espécies que causavam danos ao patrimônio, como no pátio do CLA e no estacionamento, onde os exemplares possuíam problemas fitossanitários, além de serem de

espécies inadequadas para o local. Essas árvores foram compensadas com a especificação de novas unidades. (Apêndices 8, 9 e 10)

4.3.1 Praça Guilherme de Figueiredo e vias de acesso

Esta área é composta pela Praça Guilherme de Figueiredo e suas calçadas, a calçada da Avenida Pasteur e a via de acesso ao *campus*. Estes locais congregam diferentes atores na sua administração, uma vez que metade da praça está dentro da propriedade da UNIRIO e a outra metade é de propriedade da CPRM. Além disso, a praça e a via, por serem locais públicos também estão sob jurisdição da Prefeitura Municipal e todos são áreas de interesse da Associação de Moradores da Urca (AMOUR).

Portanto, visando uma perspectiva realista da possibilidade de execução deste projeto pela UNIRIO, os esforços de projeto se concentraram na área mais diretamente relacionada à universidade, ou seja, a calçada da praça paralela ao Novo CCH, a frente da Biblioteca Central e a parte da via de acesso inserida na área do terreno da UNIRIO.

Este setor é peça-chave para o reconhecimento externo da UNIRIO. Uma dos princípios do projeto é que desde o lado de fora dos muros já se crie uma ambiência que conduza ao *campus*. Buscou-se alcançar esta premissa através da melhoria dos acessos ao *campus* e aos edifícios, criação de um mobiliário específico para as áreas externas e implantação de uma arborização que valoriza as visadas das entradas de pedestres.

Atualmente o *campus* possui dois acessos de pedestres – um pela Av. Pasteur e outro pela via de acesso - e um acesso de serviço, ao lado da biblioteca. A proposta inclui a criação de um quarto acesso ao *campus*, na esquina da Av. Pasteur com a praça, admitindo o acesso direto ao prédio do Novo CCH.

Todos eles devem ser nomeados e sinalizados de forma que o portão da Av. Pasteur seja o acesso A, o acesso do Novo CCH enumerado pela letra B, o portão na lateral da biblioteca seja o acesso C o portão no fim da via de acesso seja o portão D.

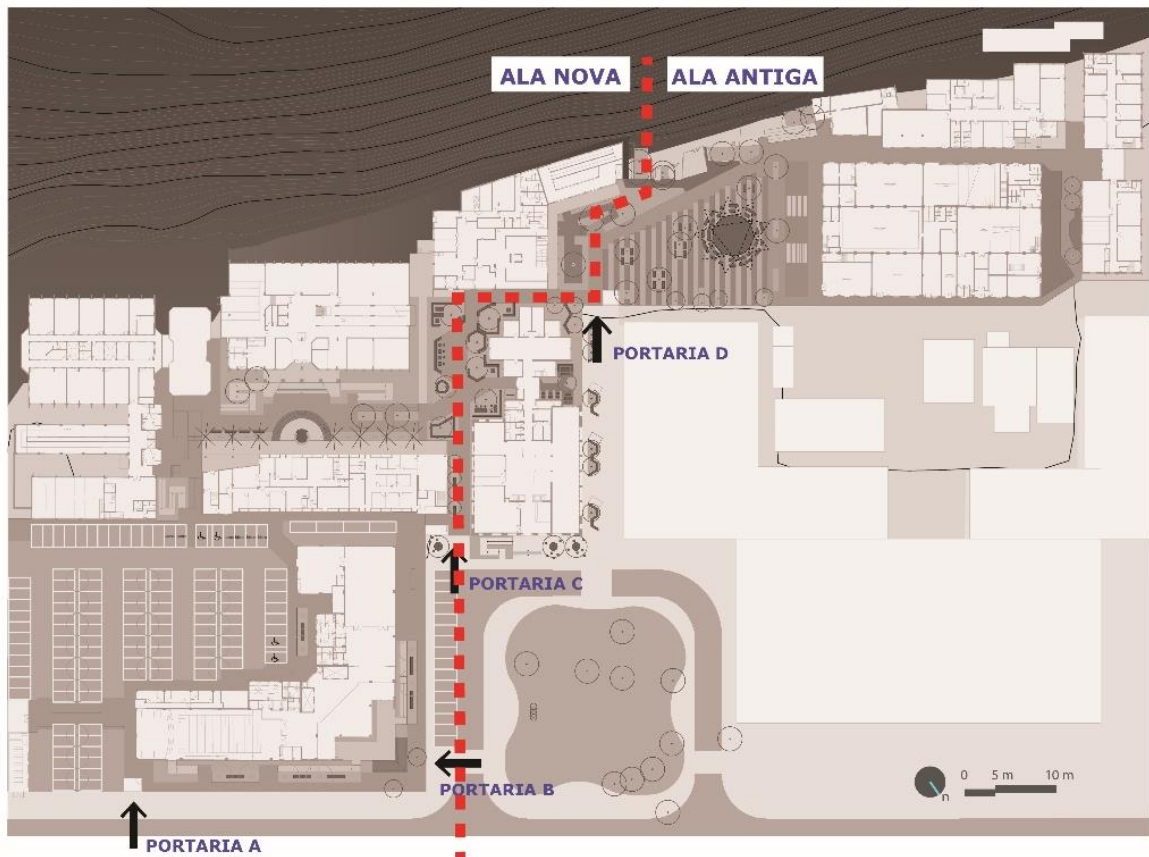
Todo acesso de veículos, inclusive de serviço, deve ser feito exclusivamente pelo acesso A. Os acessos C e D passam a ser permitidos para veículos somente em situações eventuais e de emergência e o acesso B é exclusivo para pedestres. A carga e descarga deve ser feita no lado externo do *campus*, em uma das vagas de veículos que será reservada para este fim e transportada para o interior em carrinhos de carga não motorizados.

Os portões C e D passam a ser o principal ponto de acesso de pedestres, sendo o C o portão principal para quem se dirige à ala nova do *campus*, o D para quem vai à ala antiga e o B acessando

diretamente o edifício do Novo CCH. Este último pode funcionar apenas durante o horário de maior movimento no *campus* e ser fechado nos horários mais vazios para que haja um controle mais restrito pelas outras portarias. (Figura 81)

Todos os acessos estão sinalizados com indicação no nome e logo da UNIRIO e um mapa do *campus* próximo da guarita de controle da entrada de pedestres e veículos.

Figura 81 – Portões de acesso



Fonte: elaborado pela autora, 2020

Nas vias que conformam a praça foi adotada a estratégia de *traffic calming* com plataformas elevadas no nível da calçada em três pontos específicos, objetivando que o fluxo de pedestres seja mais confortável e acessível. A via de acesso ao *campus* também foi elevada visando priorizar o pedestre, uma vez que os veículos só deverão acessar os portões C e D em situações eventuais.

A calçada foi alargada em dois trechos, porém mantendo a largura da via em 6m. No trecho defronte à Biblioteca Central o alargamento proposto foi de 5,00m e na faixa paralela ao Novo CCH o alargamento foi de 1,30m.

O alargamento da calçada à frente da biblioteca permitiu a criação de uma plataforma elevada conectada com rampa e escada para vencer o desnível de 70cm entre a calçada e o interior do imóvel. Esta rampa foi instalada num jardim criado para este fim.

Na calçada do CCH o aumento se fez necessário para manter o passeio com 1,80m livres com a alocação das 18 vagas para veículos, complementares às 116 vagas no interior do *campus* sem alterar o desenho da praça e a largura mínima da via.

A espécie vegetal determinada para a área externa do *campus*, próximo ao acesso C foi o Manacá-da-Serra, espécie de pequeno porte e floração intensa de coloração que varia do branco ao roxo, passando pelo rosa. Ela é nativa da flora brasileira e adequada para ser instalada em calçadas e passeios, pois suas raízes ficam contidas no solo.

Foi proposta o plantio de três exemplares desta espécie na frente da biblioteca e seis ao longo da via de acesso, próximo ao gradil do *campus*, instaladas em golas no piso, com grelha de proteção ou em canteiros.

Na frente da biblioteca elas estão dispostas de forma assimétrica, sendo uma próxima a portaria e duas do lado direito da biblioteca, todas rodeadas por pequenos bancos individuais dispostos de forma aleatória. Na via de acesso elas estão distribuídas de forma única ou em dupla conforme o mobiliário (figura 82).

O mobiliário da via de acesso trata-se de um banco de concreto, de forma hexagonal com diferenciação de alturas e bicicletário incorporado. Atrás desses objetos foram implementados canteiros rentes ao piso que abrigam a arborização proposta (figura 82).

Figura 82 – mobiliário proposto para entrada da biblioteca e via de acesso



Fonte: elaborado pela autora, 2020

Figura 83 – Perspectiva geral da entrada do *Campus*



Fonte: elaborado pela autora, 2020

Figura 84 – Perspectiva geral da entrada do *Campus*



Fonte: elaborado pela autora, 2020

4.3.2 Espaço Mário de Andrade

Este setor é marcado pelos grandes espaços de convivência que podem ser divididos em três grandes áreas: Jardim do Restaurante Escola, Platôs na Pedra da Babilônia e a Área de Eventos. (Figura 85)

No Restaurante Escola a instalação de uma plataforma de madeira sobre o jardim cria uma área de convivência que serve como área de espera para a formação de fila nos horários de pico. Esta plataforma também vence o desnível de 70cm que separa o restaurante do espaço externo.

A área de eventos foi criada através da diferenciação no piso num formato circular de 9m de diâmetro com um mobiliário diferenciado a sua volta. Duas filas de banco, uma com 30cm e outra com 45cm de altura de tamanhos variados entre 0,80m e 2,80m cm fazem as vezes de arquibancada.

A instalação deste “palco” de forma centralizada permite que os eventos que ali ocorrem possam ser vistos por todos os ângulos. Conforme o tipo da apresentação a ser encenada no local pode-se instalar um cenário ou escolher uma visada do *campus* como pano de fundo, como a Pedra da Babilônia, o Pavilhão ou até mesmo o muro. Para ampliar o público pode-se utilizar bancos auxiliares para aumentar o público ou até mesmo assistir de pé de qualquer ponto.

Para oferecer sombreamento a área de eventos é proposta a instalação de lonas tensionadas em formato triangular. Nove panos de 4,70m² no entorno do palco e uma maior com 9,70m², de modo que os suportes estejam sempre na periferia do palco. Estas lonas ficam em alturas distintas entre 2,60 e 3,20m dando uma forma interessante ao conjunto.

Um espelho d’água revestido internamente em pastilha cerâmica azul foi proposto em frente a fachada principal do Pavilhão. Ele é elevado em algumas de suas bordas criando muretas sentáveis e permite a passagem com pedras sobre ele conectando o espaço de eventos aos Pavilhão.

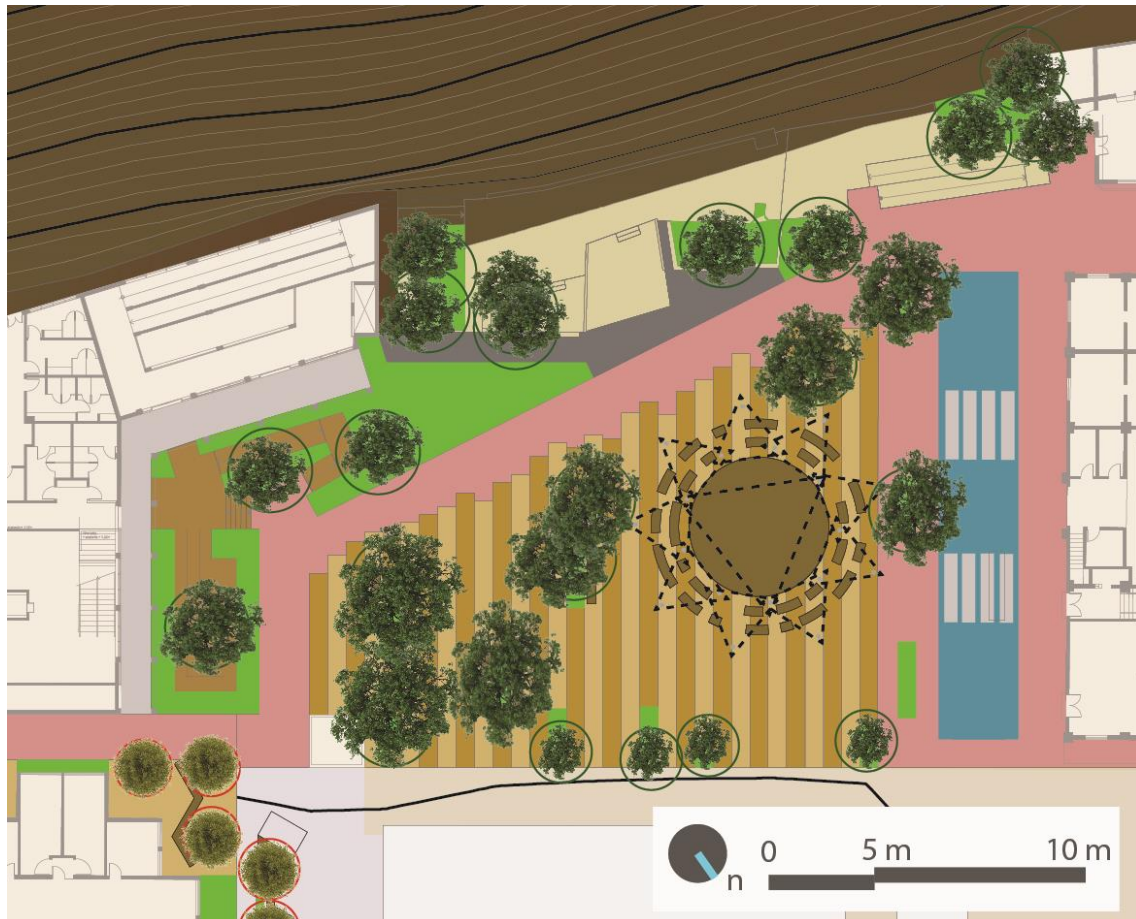
O espelho d’água possui duas funções principais: especialmente ele tem como principal função delimitar a área de eventos e proporcionar um distanciamento para a contemplação da fachada do pavilhão e tecnicamente, esta estrutura pode ser utilizada como um elemento adicional para a contenção e drenagem das águas pluviais oriundas da Pedra da Babilônia.

Na região da área de eventos, próximo a entrada do *campus* foi criado um piso diferenciado, com grandes faixas de cores distintas alternando-se com o piso de pedra retirado da entrada. Neste local foram criados canteiros para abrigar as árvores de grande porte existentes e próximo a esses canteiros foram instalados bancos criando assim novas áreas de convivência.

Para a parte dos decks a opção foi por manter os diversos desníveis alternando áreas livres com os jardins na forma como eles são incorporando somente rampas em dois pontos de forma a garantir a acessibilidade no local.

O jardim do restaurante escola foi ampliado até a frente dos decks e um novo canteiro foi proposto em outro trecho dos decks próximo à rota principal. A implantação destes jardins enfatiza os decks demarcando a sua entrada sem bloqueá-lo visualmente e direcionam o pedestre ao seu acesso.

Figura 85 – Espaço Mário de Andrade – Planta geral



Fonte: elaborado pela autora, 2020

4.3.3 Pátio CLA

Para este que é o menor dos setores a proposta é criar um ambiente propício para pequenos eventos musicais e ensaios. Para isso foi criado duas plataformas de madeira próximo dos edifícios que conformam o espaço.

No bloco I é criado um deck de formato irregular com 10 cm de altura que funciona como palco e no bloco V a plataforma é mais alta com 45cm de altura, também de formato irregular e que engloba uma rampa e degraus para acessar o prédio e se sentar para assistir as apresentações.

Visando o bem do edifício histórico é recomendada a eliminação dos dois exemplares de flamboyants colados ao prédio pois eles causam danos ao telhado e às calhas devido ao excesso de folhas caídas e pelas suas raízes altas e volumosas que ocasionam umidade, infiltrações e pequenas rachaduras na fachada. No mais as espécies estão tomadas por ervas daninhas e parasitas. A

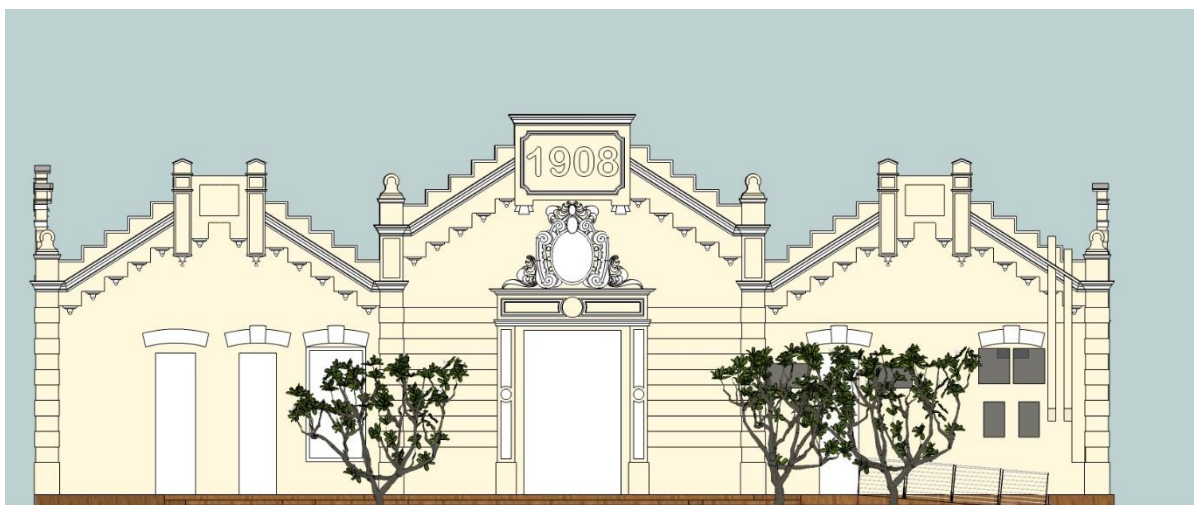
substituição dos canteiros e degraus de concreto pela plataforma de madeira também ajuda a liberar a fachada de umidade. (Figura 86)

Figura 86 – Flamboyants próximo à fachada



Como uma forma de compensação pela eliminação dos flamboyants são plantadas três novas árvores da espécie pitangueira no lado oposto, próximo ao bloco I. Esta espécie é de pequeno porte e proporciona uma sombra agradável no espaço, sem estragar o piso.

Figura 87 – Praça CLA - Vista



Fonte: elaborado pela autora, 2020

Figura 88 – Praça CLA - Vista



Fonte: elaborado pela autora, 2020

Figura 89 – Praça CLA - Vista



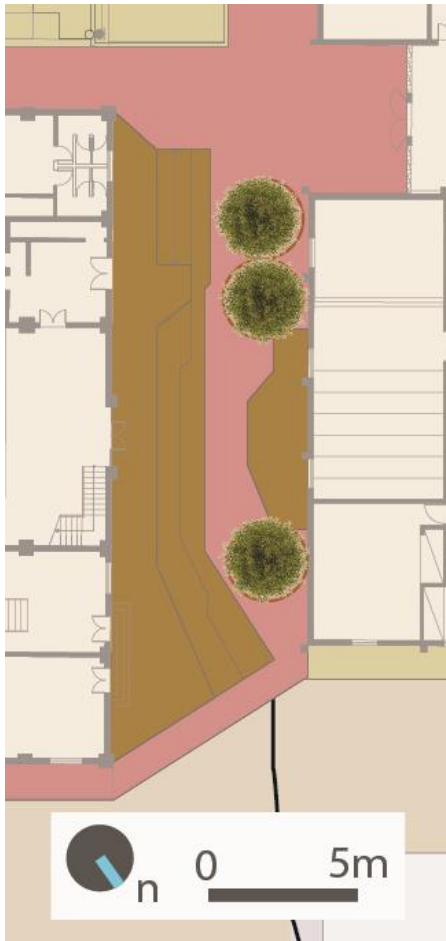
Fonte: elaborado pela autora, 2020

Figura 90 – Praça CLA - Vista



Fonte: elaborado pela autora, 2020

Figura 91 – Praça CLA – Planta geral



Fonte: elaborado pela autora, 2020

4.3.4 Praça de boas-vindas

No local onde atualmente funciona o acesso de serviço foi proposta a criação de uma nova praça com pequenos ambientes diversificados. Esta praça recebe o público externo que entra no *campus* por uma alameda de quatro Manacás-da-Serra a esquerda e jardins a direita, que conduzem a visão para uma logo escultural da UNIRIO em destaque mais a frente.

A primeira ação necessária para a criação deste novo ambiente é liberar o espaço com a retirada dos entulhos, veículos avariados e contêineres-depósito de bens descartados que estão armazenados no local.

Outra medida importante é a abertura de uma das portas laterais da biblioteca para que ela possa ser acessada também pela praça melhorando desta forma a conexão entre os edifícios do *campus*. Ainda na biblioteca, há uma outra porta que deve ser aberta para acessar uma área reservada onde se propõe a criação de um jardim de leitura. Estas duas aberturas estão previstas no projeto da futura reforma da biblioteca.

Esta praça está localizada num local de importância estratégica no *campus* por fazer a conexão entre a ala mais antiga e a ala nova, portanto é um local que deve ser tratado de modo diferenciado e, para tanto, a estratégia foi a criação de pequenos ambientes de estar separados fisicamente ou apenas sugeridos através de canteiros, mobiliário ou diferenciação no piso. Assim foram formados ambientes diferenciados em torno de árvores, canteiros, com bancos individuais, bancos compridos com encosto, sem encosto, conjunto de mesas e bancos, mesas grandes e pequenas.

Esta área não contava com nenhuma espécie arbórea possuindo somente discretos jardins arbustivos próximos a fachada da biblioteca. Foi proposto então a plantação de sete Ipês-roxos demarcando os ambientes novos criados. O objetivo da implantação destas espécies é tornar o local mais aprazível através do sombreamento e das cores da sua floração.

No centro do ambiente há um grande bloco que serve como assento e suporta a logo oficial da UNIRIO em formato tridimensional. Um aspecto interessante da implantação desta forma neste local é que pela logo se tratar de uma letra U, ela pode ser vista da mesma maneira pela frente e por trás, ou seja, por quem chega ou sai do ambiente.

Na lateral esquerda da praça há um grande canteiro linear que separa os ambientes de uma rota secundária de serviço para acesso ao Restaurante Escola.

Figura 92 – Praça de Boas-Vindas– Planta geral



Fonte: elaborado pela autora, 2020

4.3.5 Praça do CCH

Neste ambiente o principal desafio foi conjugar os acessos dos três edifícios com diferentes cotas de soleira em relação com a própria praça que, por sua vez, se encontra em duas cotas distintas.

Estes edifícios - CCH, CCET/IBIO e Padre Anchieta - são os que concentram o maior número de alunos, gerando o maior fluxo de pessoas em circulação, o que se torna uma complexidade adicional na resolução espacial desta praça.

Este ambiente acontece em dois níveis diferentes, com um corredor na parte mais baixa nivelado com o Padre Anchieta e a praça 0,90m acima. A esquerda, o CCET/IBIO está 1,40m acima do corredor e 0,50m abaixo da praça e a frente, o CCH está 1,25m acima da praça e 2,17 acima do corredor. O corredor está 0,25cm acima do estacionamento e possui um sutil caimento terminando nivelado com a praça de boas-vindas.

No centro da praça foi criado um anfiteatro a partir de um rebaixamento semicircular com 5m de raio configurando uma arquibancada que converge para um palco sobre canteiro central de formato circular.

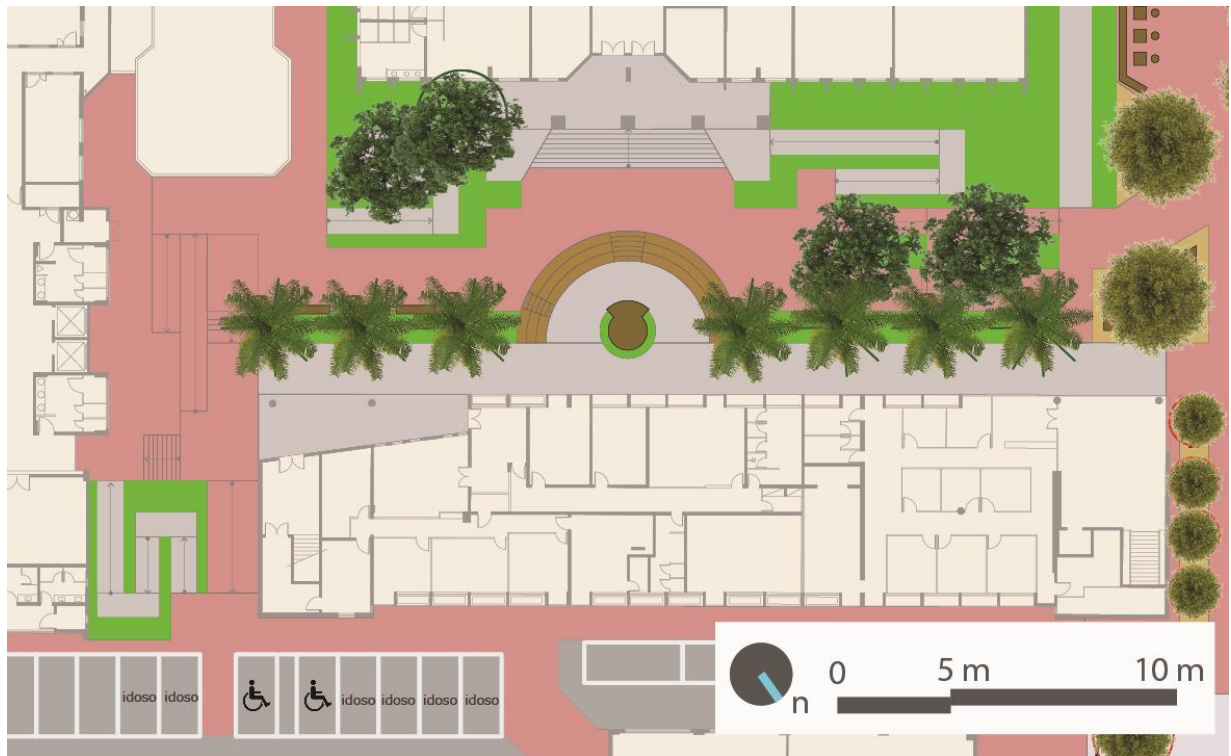
Os acessos aos edifícios foram reformulados com o objetivo de ficarem mais amplos, confortáveis e ajustados à norma de acessibilidade. O CCET/IBIO ganhou uma nova rampa e escada, o CCH teve suas rampas reformuladas em estrutura metálica independente, porém manteve a sua escadaria de formato marcante e o corredor de acesso ao Padre Anchieta ganhou uma nova rampa.

Para transformar o acesso ao CCET/IBIO num local mais seguro e confortável é prevista a instalação de uma escada a frente do acesso principal e uma rampa lateral, no local da atual rampa de acesso do subsolo. A proposta é que esta rampa seja um feita em estrutura metálica e instalada sobre uma área ajardinada. O subsolo passa a ser acessado diretamente pela rampa do estacionamento.

No CCH a proposta é manter a escadaria principal e substituir as rampas para liberar o espaço da praça. As novas rampas, paralelas ao edifício, também serão em estrutura metálica independentes e serão instaladas sobre um jardim se conectando ao hall pelas laterais. Para manter a composição do conjunto da escada, a área que correspondia à chegada das rampas deve ser transformada em duas grandes sacadas.

As árvores de grande porte foram mantidas neste local e na lateral do corredor inferior foi criada uma aleia de palmeiras imperiais conferindo magnitude ao espaço.

Figura 93 – Praça do CCH – Planta geral



Fonte: elaborado pela autora, 2020

4.3.6 Estacionamento

O setor de maior área de espaços livres do *campus* ficou reservado para a vaga de veículos. Além do estacionamento esta área também abriga o jardim e o hall de entrada do Novo CCH.

Foi feito um esforço projetual para alocar as 116 vagas de estacionamento de veículos e privilegiar um percurso confortável e acessível para os pedestres. Para tanto, as vias de circulação de veículos foram reduzidas ao mínimo de forma que o passeio ficasse com a maior largura possível. Esta largura ficou variável entre 2,20m e 6,60m.

As vagas obrigatórias para deficientes físicos são determinadas em 3% do total resultando em 4 vagas no mínimo. Para esta cota foram reservadas duas vagas próximas da entrada do edifício e duas próximas à saída do estacionamento para a praça do CCH, por onde será feita a entrada do *campus* para quem vem do estacionamento.

Adjacente ao muro divisor esquerdo, junto à calçada da Avenida Pasteur ficou reservada uma área técnica, onde devem ser alocados a subestação que necessita de um acesso externo independente e o depósito de lixo. Caso haja a necessidade futura de mais espaço para áreas técnicas, estas podem ser alocadas em continuidade a estes compartimentos.

A cisterna que abastecerá o prédio novo deverá ser implantada próximo a portaria do acesso B. No projeto original esta cisterna estava alocada no estacionamento, próximo a entrada de trás do

edifício, porém, na sua execução percebeu-se que neste local ainda existem resquícios da fundação do demolido prédio da Faculdade de Medicina, tornando o escavamento muito custoso.

A entrada principal do Novo CCH está localizada a 1,20m acima do piso externo, porém o estacionamento possui um leve caimento fazendo com que a entrada de trás esteja nivelada com o piso. Esta entrada está localizada na “quina” do edifício voltada à praça, no lado oposto das entradas do *campus*.

Por ser um edifício com planta em “L” com a entrada pela quina equidistante às entradas A e B, foram criados 2 conjuntos de rampa e escada para alcançar o nível térreo do prédio. São rampas paralelas ao edifício, com um afastamento de 1,00m do mesmo, instaladas sobre um canteiro ajardinado.

Para chegar a estas rampas foi criado um passeio arborizado equipado com bancos criando áreas de espera e convivência. A arborização proposta para este local é composta por Ipês-amarelos, árvore de grande porte e vasta floração, proporcionando uma bela visada externa do *campus*.

O muro de concreto foi substituído por um gradil de ferro, em todo o limite da *campus* com a via pública. A instalação do gradil é uma solução traz permeabilidade visual ao espaço e é um desejo antigo dos gestores do *campus*.

A forma como o edifício do Novo CCH foi concebido, com suas entradas principais voltadas para a esquina da Avenida Pasteur com a Praça Guilherme de Figueiredo induz à criação de um acesso que o conecte diretamente à rua. Portanto é proposta a criação de um novo acesso ao *campus* nesta esquina.

Esta nova entrada pode ser feita através de um portão no muro pelo lado da praça, que fique aberto nos horários de maior funcionamento do edifício, podendo ser fechado nos horários de menor movimento para que os acessos sejam feitos pelas entradas com guaritas por uma questão de segurança tanto patrimonial quanto dos usuários do *campus*.

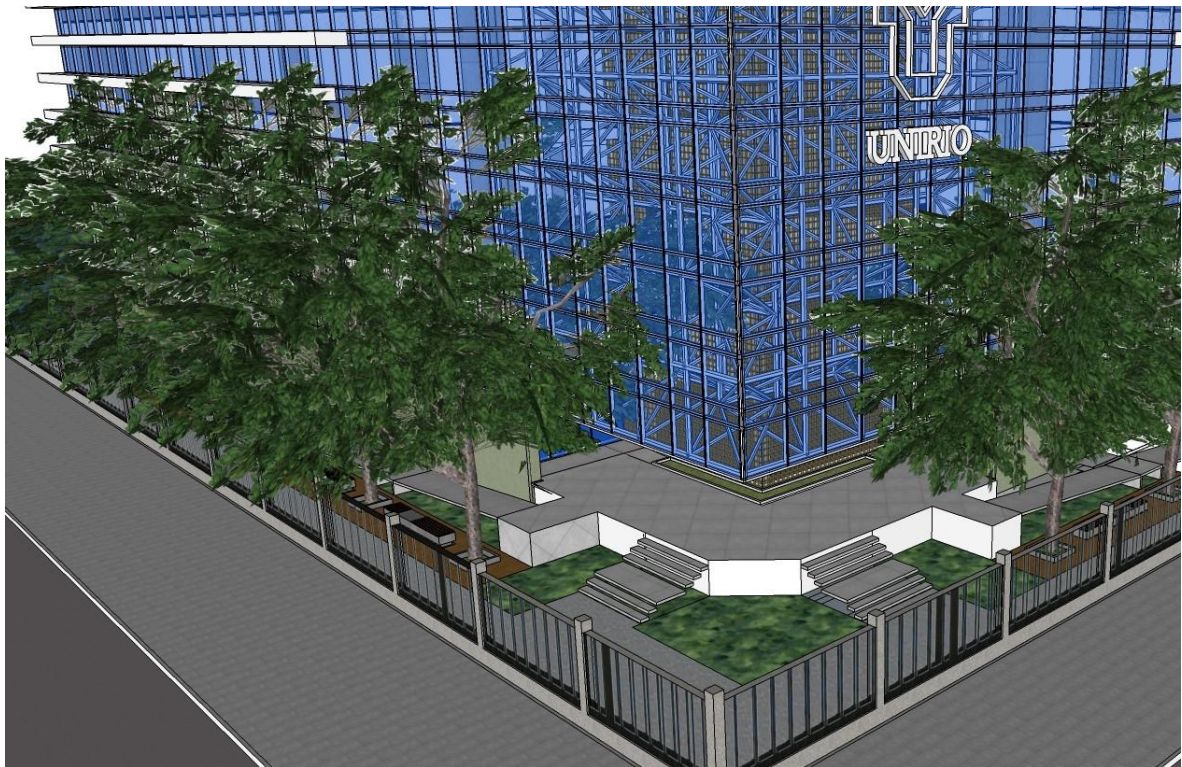
No estacionamento foi proposto a eliminação de três algodoeiros-da-praia árvores de grande porte com problemas fitossanitários. Como compensação, foi especificado o plantio de Patas-de-Vaca em todos os canteiros centrais, tornando o local sombreado e agradável. Esta árvore é mais indicada para ambientes urbanos pois suas raízes não são agressivas ao piso e por proporcionar uma floração intensa em algumas épocas do ano ocasionando uma paisagem marcante e agradável.

Figura 94 – Vista da entrada da Pasteur



Fonte: elaborado pela autora, 2020

Figura 95 – Acesso Novo CCH



Fonte: elaborado pela autora, 2020

Figura 96 – Fachada Pasteur – Vista Geral



Fonte: elaborado pela autora, 2020

Figura 97 – Estacionamento – Planta Geral



Fonte: elaborado pela autora, 2020

4.4 FASEAMENTO E CONSULTA À COMUNIDADE

Um projeto com este porte e complexidade não é passível de ser implementado em sua totalidade sem um prévio detalhamento de todas as suas etapas, portanto, é necessário se aprofundar em cada uma das disciplinas que o compõem e definir prioridades para a sua execução.

Uma abordagem possível é a segmentação do projeto por disciplinas técnicas, fazendo editais por grandes áreas de interesse, para todo o *campus*, como feito no projeto do Observatório Nacional do Museu de Astronomia e Ciências Afins (ON/Mast), onde os projetos executivos de paisagismo, drenagem, iluminação e sinalização, além dos projetos de abastecimento de água e de esgotamento sanitário foram desenvolvidos em etapa posterior, após a confirmação das diretrizes e discussões sistemáticas com as equipes que lá trabalham. (TANGARI e SILVA, 2016, p. 349)

Com esta opção pode haver um ganho de escala nos projetos, pois se contrataria para uma área maior. Desta forma também é possível ter contratos de manutenção mais abrangentes. A maior dificuldade seria a conciliação da contratação obras tão grandes com empresas diversas.

Outra alternativa é a divisão do projeto por áreas, de forma que cada uma das ambiências aqui propostas seja detalhada e executada integralmente, em todos os seus aspectos. Neste cenário, seriam definidas as áreas estratégicas do projeto e um cronograma para a consumação do projeto por trechos.

A principal vantagem desta perspectiva é que cada trecho ficaria pronto por completo em um determinado prazo. Podendo haver mais de uma obra ocorrendo ao mesmo tempo, por empresas diferentes.

Qualquer que seja a opção feita para a implementação deste projeto, é crucial que ele seja debatido dentro da comunidade acadêmica. Esta discussão deve acontecer primeiramente dentro da própria Coordenação de Engenharia, onde o corpo técnico da universidade poderá dar as suas contribuições para o projeto, cada qual dentro da sua especialidade.

Outros projetos que estão sendo desenvolvidos no âmbito da CE e que se relacionam diretamente com este projeto de espaços livres, como por exemplo, a substituição da subestação e a implementação de uma usina de energia solar, deverão ser integrados a este projeto.

Numa etapa posterior, o projeto deve ser apresentado e discutido de modo amplo por toda a comunidade acadêmica, tornando assim este processo mais democrático. Esta consulta à comunidade deve ser estruturada de para que seja uma proposição assertiva e desta forma atender os principais anseios dos seus usuários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os *campi* universitários têm os espaços livres como protagonistas desde a sua origem, como podemos ver nos exemplos citados. Estes espaços são fundamentais para a sua organização espacial e para a criação da ambiência desejada a uma instituição voltada para a construção do conhecimento.

O *Campus Pasteur 436* da UNIRIO se estabeleceu no local, onde historicamente foi pensado o projeto da primeira Universidade do Brasil. Alguns de seus edifícios tem um passado em comum com a história do Rio de Janeiro e da UFRJ. Apesar da relevância dos fatos, este passado memorável não parece repercutir na identidade do *Campus*.

A criação do *Campus* em questão também não levou em consideração a importância do planejamento de seus espaços livres, como potenciais para o convívio e da troca de experiências tão desejadas num ambiente rico de diferentes valores e saberes.

A análise morfológica do entorno do *campus* salientou a sua localização mesclada com a trama urbana da cidade e imersão numa paisagem marcante na imagem do Rio de Janeiro, o que acentua a discrepância da qualidade de seus espaços livres.

Uma das formas de promover a melhoria ambiental do *campus*, é através da melhoria da sua própria imagem e do favorecimento da sua legibilidade, que podem ser conquistados com o projeto dos seus espaços livres.

A análise ambiental do *campus* é uma ferramenta imprescindível para que suas dinâmicas espaciais sejam detalhadas e desta forma embasem um projeto mais assertivo, porém esta análise foi prejudicada devido à suspensão das atividades presenciais no *campus* que se encontra fechado desde a primeira semana de março de 2020, como medida de contenção da pandemia da COVID-19. Esta dificuldade, porém, não impediu que fossem elencadas uma série de potencialidades e fraquezas destes espaços livres, que poderão ser averiguadas em um momento oportuno com o retorno das atividades no *campus*.

O reconhecimento do valor histórico do *Campus* e bem como a identificação dos seus elementos fixos e móveis, constituintes do seu patrimônio material e imaterial, enriquecem a construção do patrimônio cultural universitário da UNIRIO e, portanto, devem ser valorizados.

Sendo assim, o protagonismo do projeto paisagístico para os espaços livres para o *Campus Pasteur 436*, é uma importante estratégia para fortalecer a identidade do *Campus*, por meio da melhoria de sua legibilidade, enriquecimento ambiental e reconhecimento das relações já estabelecidas entre seus usuários.

Acredita-se que como resultado final, o projeto venha destacar novos valores que contribuam para o reconhecimento do *Campus* como patrimônio cultural universitário, não só da UNIRIO, mas também da cidade do Rio de Janeiro.

Longe de conseguir alcançar todos problemas do *campus*, este projeto buscou dar linhas gerais para a criação de novos ambientes, conectar os principais edifícios do *campus* e ordená-lo espacialmente. Buscou dar unidade e orientação com relação aos materiais, mobiliário, etc e pensou a acessibilidade no *campus* como um todo, assunto tão caro a UNIRIO.

Alguns projetos propostos não puderam ser concluídos no espaço de tempo desta pesquisa, dada a sua especificidade, como iluminação, sinalização, design de mobiliário, vegetação arbustiva e forrageira, mas poderão ser desenvolvidos posteriormente dentro do âmbito da Coordenação de Engenharia, conforme a necessidade da universidade.

Com a apresentação deste projeto para a UNIRIO e especificamente na Coordenação de Engenharia lanço a expectativa do surgimento de uma cultura de planejamento, ordenação espacial e um olhar mais cuidadoso da instituição para o seu patrimônio.

Como contribuição pessoal para o meu desenvolvimento acadêmico e intelectual, além de todo arcabouço e amadurecimento que o desenvolvimento de um projeto deste porte pode despertar, destaco o desafio que foi apresentar estas ideias de projeto através de uma linguagem gráfica mais leve, menos técnica. Com limitações como a utilização de software o qual eu não tinha pleno domínio, foi instigante desenvolver as imagens que compõem este projeto.

Por fim este trabalho colabora na defesa da universidade pública, gratuita e de qualidade, direito garantido pela constituição brasileira. As universidades públicas que passam por um momento delicado de ataques constantes e deliberados são os pilares da nossa democracia, lugar de resistência e berço dos conhecimentos que podem levar ao desenvolvimento de uma sociedade mais justa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AFONSO, J. C.; PARAENSE, N. **Instituto de Química da UFRJ - 50 anos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Instituto de Química/UFRJ, 2009.
- AFONSO, J. C.; SILVA, P. D.; PARAENSE, N. A criação do curso de engenharia química na escola nacional de química da universidade do Brasil. **Química Nova**, São Paulo, 29, Julho 2006.
- AGACHE, A. **Cidade do Rio de Janeiro: remodelação - extensão e embelezamento**. Paris: Foyer Brésilien , 1930.
- BENTLEY, I. et al. **Responsive environments: a manual for designers**. Oxford: Elsevier, 1985.
- BORGES, M. R. **A história da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro : Revinter, 2008.
- BOTALLO, M.; PIFFER, M.; POSER, P. V. **Patrimônio da Humanidade no Brasil: suas riquezas culturais e naturais**. Santos: Editora brasileira de arte e cultura, 2014.
- CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. Tradução de Luciano Vieira Machado. 6. ed. São Paulo: UNESP, 2017. 288 p.
- CULLEN, G. **Paisagem Urbana**. Lisboa : Edições 70, 1983.
- CUNHA, L. A. **A universidade reformanda: o golpe de 64 e a modernização do ensino superior**. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2007.
- CUNHA, L. A. **A universidade temporã: o ensino superior, da colônia à Era Vargas**. 3. ed. São Paulo: UNESP, 2007.
- DEL RIO, V. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento**. São Paulo: Pini, 1990.
- DUARTE, C. R. **Ambiência: por uma ciência do olhar sensível no espaço**. In: THIBAUD, J. P.; DUARTE, C. R. **Ambiances urbaines en partage**. Tradução de Cristiane Rose Duarte. Genebra: [s.n.], 2013. p. 21-30.
- FÁVERO, M. D. L. D. A. A Universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. **Educar**, Curitiba, n. 28, 2006. 17-36.
- JACOBS, J. **Morte e vida das grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes , 2011.
- LIRA, J. T. C. D. Patrimônio edificado como patrimônio universitário: o CPC e a USP. In: USP, C. D. P. C. **D. Patrimônio Construído da USP: preservação, gestão e memória**. São Paulo: EDUSP, 2015. p. 16-39.

LORENZI, Harri. *Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil*. Nova Odessa. S. Paulo: Editora Plantarum, 1992

LOUREIRO, C.; RIGATTI, D.; AMORIM, L. Forma e Uso Social no Espaço Urbano: Porto Alegre e Recife. **Pós. Revista do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU USP**, São Paulo, n. 5, p. 17-31, abril 1995.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. Lisboa : Edições 70, 1960.

MACEDO, S. S. et al. **Os sistemas de espaços livres e a constituição da esfera pública contemporânea no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2018.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** , São Paulo , v. 17, p. 11-29, junho 2002. ISSN 1806-9053.

MAHLER, C. R. **Territórios Universitários: tempos, espaços, formas**. Brasília: Universidade de Brasília, 2015.

MAHLER, C. R. Nas asas das ciências: o ICC no *campus* da UNB. **THESIS - Revista da Anparq**, v. 5, p. 145-163, 2018. ISSN 24478679.

MAIA, G. D. **Biografia de uma faculdade: histórias e estórias da Faculdade de Medicina da Praia Vermelha**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995.

MONTANER, J. M. **Sistemas arquitetônicos contemporâneos**. Tradução de Alicia Duarte Penna. 1. ed. Barcelona: Gustavo Gili, 2015. 224 p.

NORBERG-SCHULZ, C. O fenômeno do lugar. In: NESBBIT, K. **Uma nova agenda para a arquitetura. Antologia teórica 1965-1995**. São Paulo: Cosac Naify, 2006. Cap. 9, p. 444-461.

PEREIRA, M. D. S. **1908, um Brasil em exposição**. Rio de Janeiro: Casa Doze, 2010.

PINTO, G. D. A.; BUFFA,. O território da universidade brasileira: o modelo de *campus*. **Revista Brasileira de Educação**, v. 21, p. 809-831, out/dez 2016. ISSN 1413-2478. Acesso em: outubro 2019.

PINTO, G. D. A.; BUFFA, E. **Arquitetura e educação: *campus* universitários brasileiros**. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

RIO DE JANEIRO: SECRETÁRIA MUNICIPAL DE CULTURA. **Urca: construção e permanência de um bairro**. 2. ed. Rio de Janeiro: [s.n.], v. 1, 1988.

ROCHA, G. W. D. F. A Faculdade de Medicina da UFRJ: da Praia Vermelha à Ilha do Fundão - o(s) sentido(s) da mudança. **Seminário Memória, documentação e pesquisa - Universidade e os múltiplos olhares de si mesma**, Rio de Janeiro, 2007.

ROSSI, A. **A arquitetura da Cidade**. São Paulo : Martins Fontes , 2001.

SAMPAIO, H. Evolução do ensino superior brasileiro, 1808-1990. **Documento de trabalho** , São Paulo , agosto 1991. 32.

TANGARI, V. R.; SILVA, J. M. P. D. Projeto Paisagístico para o *campus* do Observatório Nacional e do Museu de Astronomia e Ciências Afins em São Cristóvão no Rio de Janeiro/RJ. In: RIBEIRO, R. T. M.; NÓBREGA , C. **Projeto e Patrimônio**: Reflexões e Aplicações. Rio de Janeiro: Rio Books, 2016. p. 366.

TOSATTO, P. **Um palácio na história geológica brasileira**. 2. ed. Brasília: Departamento Nacional da Produção Mineral, 1997.

UNESCO. **Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial**. Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial. Paris: [s.n.]. 2003. p. 17.

UNIRIO, C. **Relatório sobre as condições físicas dos prédios recebidos pela UNIRIO**. UNIRIO. Rio de Janeiro. 1979.

VILLANOVA, J. **Universidade do Brasil**. Rio de Janeiro : Serviço dos Países S. A., 1948.

LEI FEDERAL 5.540 DE 28 DE NOVEMBRO DE 1968

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5540.htm

http://www.unirio.br/proplan/dainf/AAI_2018.pdf UNIRIO Autoavaliação Institucional 2019: ano base 2018

UNIRIO em números <http://www.unirio.br/proplan/dainf/unirio-em-numeros/UNIRIOEMNMEROSversoparaweb.pdf>

Estatuto da UNIRIO <http://www.unirio.br/arquivos/arquivos-internos-do-site/estatuto>

Relatório de avaliação institucional do MEC 2018

<http://www.unirio.br/proplan/dainf/RelatriodeAvaliaoInstitucional2018.pdf>

<https://www.archdaily.com.br/br/01-156629/parque-red-ribbon-slash-turenscape>

<https://www.archdaily.com.br/br/914465/unibra-ibgm-hanazaki-paisagismo>

<https://www.archdaily.com.br/br/01-89818/proposta-para-o-mercado-e-praca-zdunski-slash-mado-architekci>

<http://landezine.com/index.php/2019/07/the-heart-of-the-campus-by-re-form-landscape-architecture/>

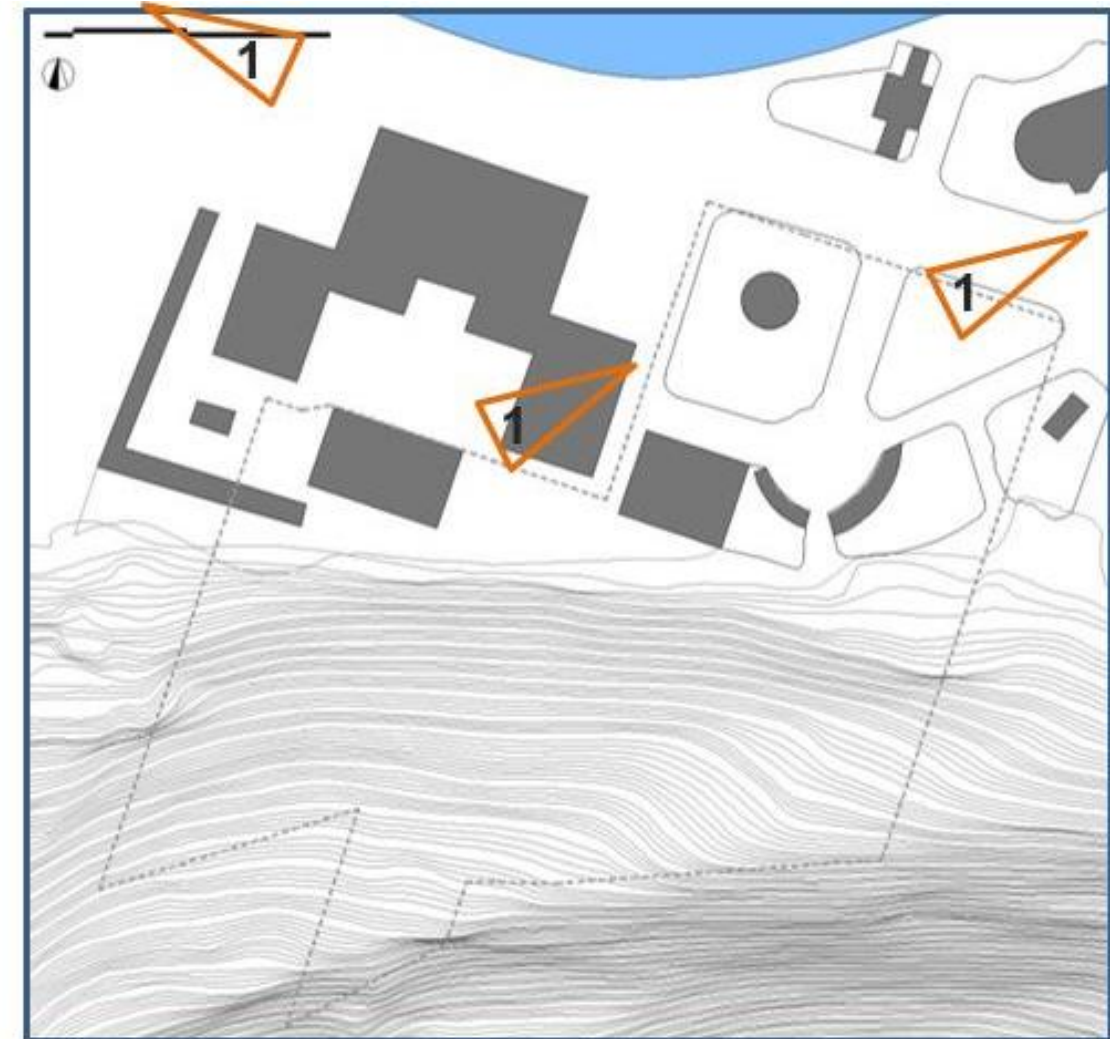
<http://landezine.com/index.php/2019/05/therry-courtyard-st-ignatius-riverview-by-arcadia-landscape-architecture/>

APÊNDICE 1: QUADRO METODOLÓGICO SÍNTESE

TÍTULO	O projeto paisagístico do <i>Campus Pasteur 436</i> como contribuição para o reconhecimento do patrimônio cultural da UNIRIO, RJ
PALAVRA-CHAVE	projeto paisagístico, sistema de espaços livres, patrimônio cultural universitário, UNIRIO, universidade
OBJETO DE ESTUDO	Espaços livres do <i>Campus Pasteur 436</i> (UNIRIO/RJ)
QUESTÃO	Este lugar se configura como um <i>campus</i> universitário?
	Qual é o seu patrimônio (material e imaterial)?
	Como o projeto de espaços livres pode contribuir para valorizar o seu patrimônio, reforçar sua identidade e ativar a memória do <i>campus Pasteur 436</i> ?
TEMA	estudos culturais do paisagismo e dos <i>campi</i> universitários
JUSTIFICATIVA	O patrimônio cultural universitário ainda tem pouca expressão dentro dos estudos sobre o patrimônio cultural como um todo, portanto esta pesquisa colabora com o debate do patrimônio e sua preservação, ao incluir as especificidades deste tipo de bem cultural, sendo a universidade o lugar por excelência dos debates dos saberes, produção de conhecimento, afirmação de valores, etc.
	Reconhecendo o patrimônio cultural da universidade em questão, explora-se como a requalificação dos espaços livres do <i>campus</i> podem contribuir para a sua preservação e valorização.
OBJETIVO GERAL	Projeto paisagístico de espaços livres do <i>Campus Pasteur 436</i> enquanto elemento estruturador e agregador capaz de contribuir para a formação da ideia de <i>campus</i> universitário com a identificação de seus valores materiais e imateriais
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	1. Documentar cronologicamente a formação do <i>Campus Pasteur 436</i>
	2. Inventariar e analisar as espacialidades dos sistemas de espaços livres do <i>Campus Pasteur 436</i>
	3. Estudar as diferentes formas de apropriação do sistema de espaços livres do <i>Campus Pasteur 436</i>
	4. Propor um projeto paisagístico para o sistema de espaços livres do <i>Campus Pasteur 436</i>
MÉTODOS	1. pesquisa historiográfica que envolve o levantamento e análise de documentos iconográficos, cartográficos, cartoriais (sobre a propriedade e aquisição dos terrenos que compõem o <i>Campus Pasteur 436</i>) e bibliográficos do <i>Campus Pasteur 436</i> e seu entorno urbano imediato.
	2. pesquisa de campo qualitativa que envolve o levantamento morfológico e análise dos principais elementos estruturadores do <i>Campus Pasteur 436</i> , com o uso de fotos, textos descritivos, e representação gráfica (plantas e cortes).
	3. pesquisa de campo qualitativa etnográfica baseada na observação e notação sistematizada da pesquisadora, sobre a dinâmica funcional do sistema de espaços livres do <i>Campus Pasteur 436</i> , com o uso de fotos, textos descritivos, e representação gráfica (plantas e cortes).
	4. análise sistematizada de projetos paisagísticos de <i>campi</i> universitários e construção de diferentes cenários projetuais.
PRODUTO	1. Documentação descritiva e contextualizada dos diferentes períodos de ocupação do <i>Campus Pasteur 436</i> , de modo textual e gráfico através de imagens, plantas e modelos tridimensionais.
	2. Documentação descritiva e gráfica compreendendo a topografia, os elementos arquitetônicos, a vegetação e o mobiliário, contemplando, também, o estado de conservação desses elementos.
	3. Documentação descritiva e gráfica compreendendo os fluxos, as permanências e a caracterização dos diferentes atores e formas de compartilhamento dos espaços, nos diferentes dias da semana e horários.
	4. projeto paisagístico constituído por (1) programa e zoneamento; (2) plano de massa e cortes/perspectivas; (3) plano de plantio; (4) plano de cotas; (5) detalhes dos ambientes; (6) mobiliário.

APÊNDICE 2: VISADAS 1908

1908



Fonte: desenho da autora



- 1 – Pavilhão das Máquinas
- 2 – Portão Monumental
- 3 – Pavilhão de Minas Gerais e Pavilhão da Bahia

Imagens 1, 2 e 3 - fonte: acervo da Biblioteca Nacional Digital.
http://acervo.bn.digital.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=42258,
acessado em jun/2019

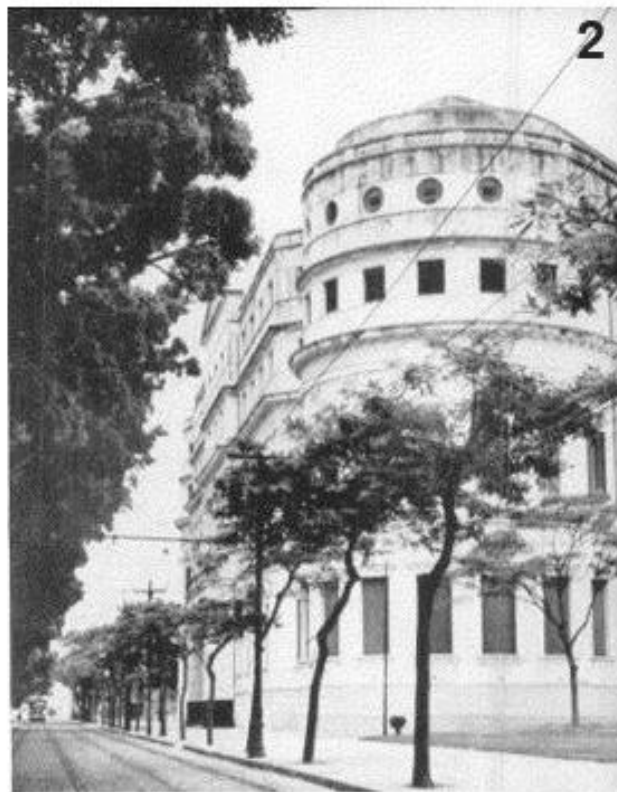
Exposição
Nacional de 1908

APÊNDICE 3: VISADAS 1918

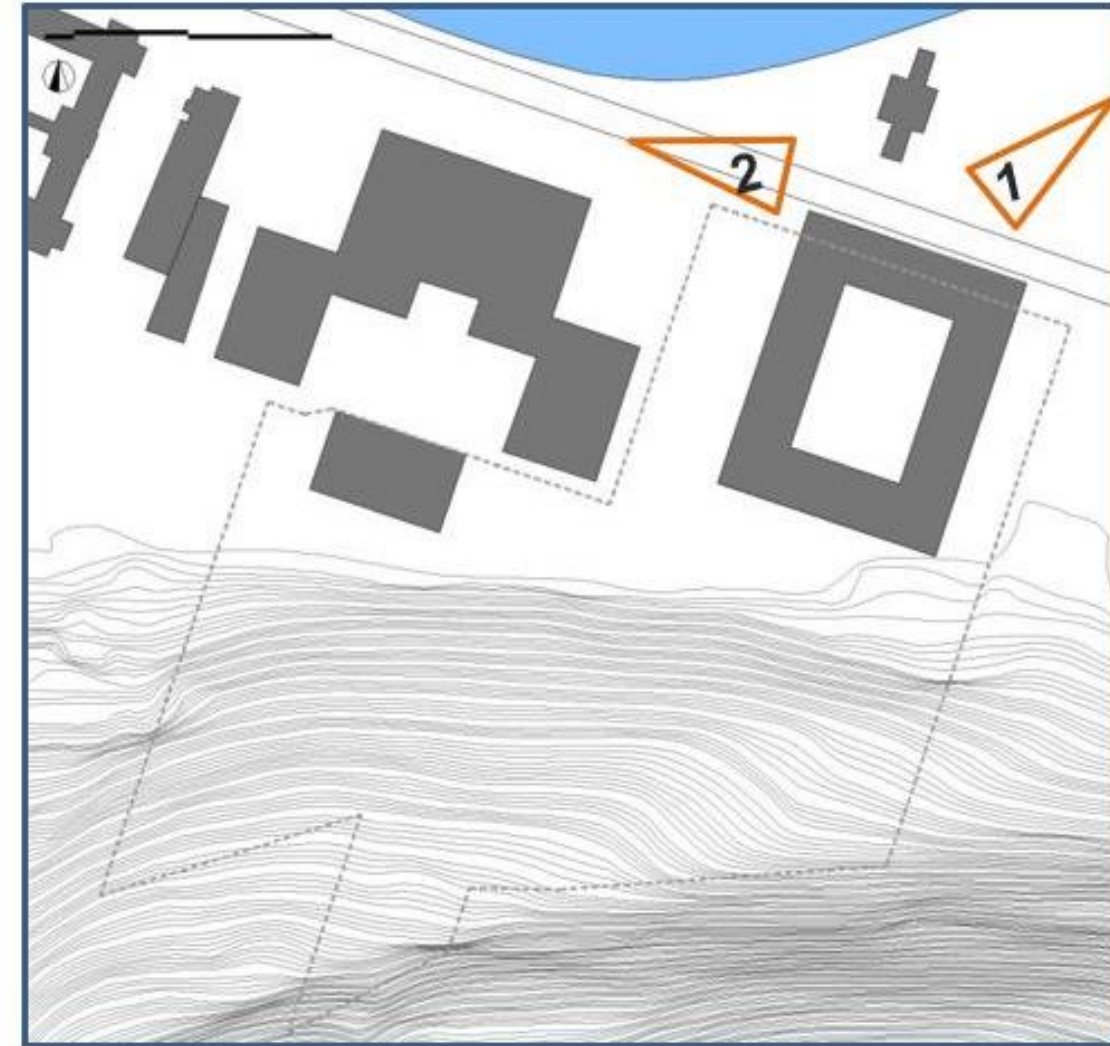
1918



Fonte: MAIA, George Doyle. Biografia de uma Faculdade: Histórias e Estórias da Faculdade de Medicina da Praia Vermelha. 1995



fonte: VILLANOVA, José. Universidade do Brasil 1948



Fonte: desenho da autora

- 1 – Fachada da Faculdade Nacional de Medicina
- 2 – Fachada da Faculdade Nacional de Medicina

Exposição
Nacional de 1908

Faculdade Nacional
de Medicina

APÊNDICE 4: VISADAS 1930

década de 1930



Fonte: NPD/ETU UFRJ.
http://www.imagem.ufri.br/index.php?acao=detalhar_imagem&id_img=1125
acessado em out.19



fonte: VILLANOVA, José. Universidade do Brasil 1948



Fonte: desenho da autora

- 1 – Fachada da Faculdade Nacional de Odontologia
- 2 – Fachada da Faculdade Nacional de Odontologia

Exposição
Nacional de 1908

Faculdade Nacional
de Medicina

**Faculdade Nacional
de Odontologia**

APÊNDICE 5: VISADAS 1950

década de 1950



Fonte: NPD/ETU UFRJ.
http://www.imagem.ufri.br/index.php?acao=detalhar_imagem&id_img=1125
5. acessado em out.19



Fonte: NPD/ETU UFRJ.
http://www.imagem.ufri.br/index.php?acao=detalhar_imagem&id_img=1125
acessado em out.19



Fonte: desenho da autora

- 1 – Fachada da Escola Nacional de Química
- 2 – Fachada do Instituto de Química

Exposição
Nacional de 1908

Faculdade Nacional
de Medicina

Faculdade Nacional
de Odontologia

**Escola Nacional de Química
e Instituto de Química**

APÊNDICE 6: VISADAS 1973

1973



Fonte: imagens de fotograma em <https://saudadesdorioluizd.blogspot.com/search?q=medicin>
a. Acessado em out.19



Fonte: imagens de fotograma em <https://saudadesdorioluizd.blogspot.com/search?q=medicina>
Acessado em out.19



Fonte: desenho da autora

- 1 – Escombros da Faculdade Nacional de Medicina
- 2 – Escombros da Faculdade Nacional de Medicina

Exposição
Nacional de 1908

Faculdade Nacional
de Medicina

Faculdade Nacional
de Odontologia

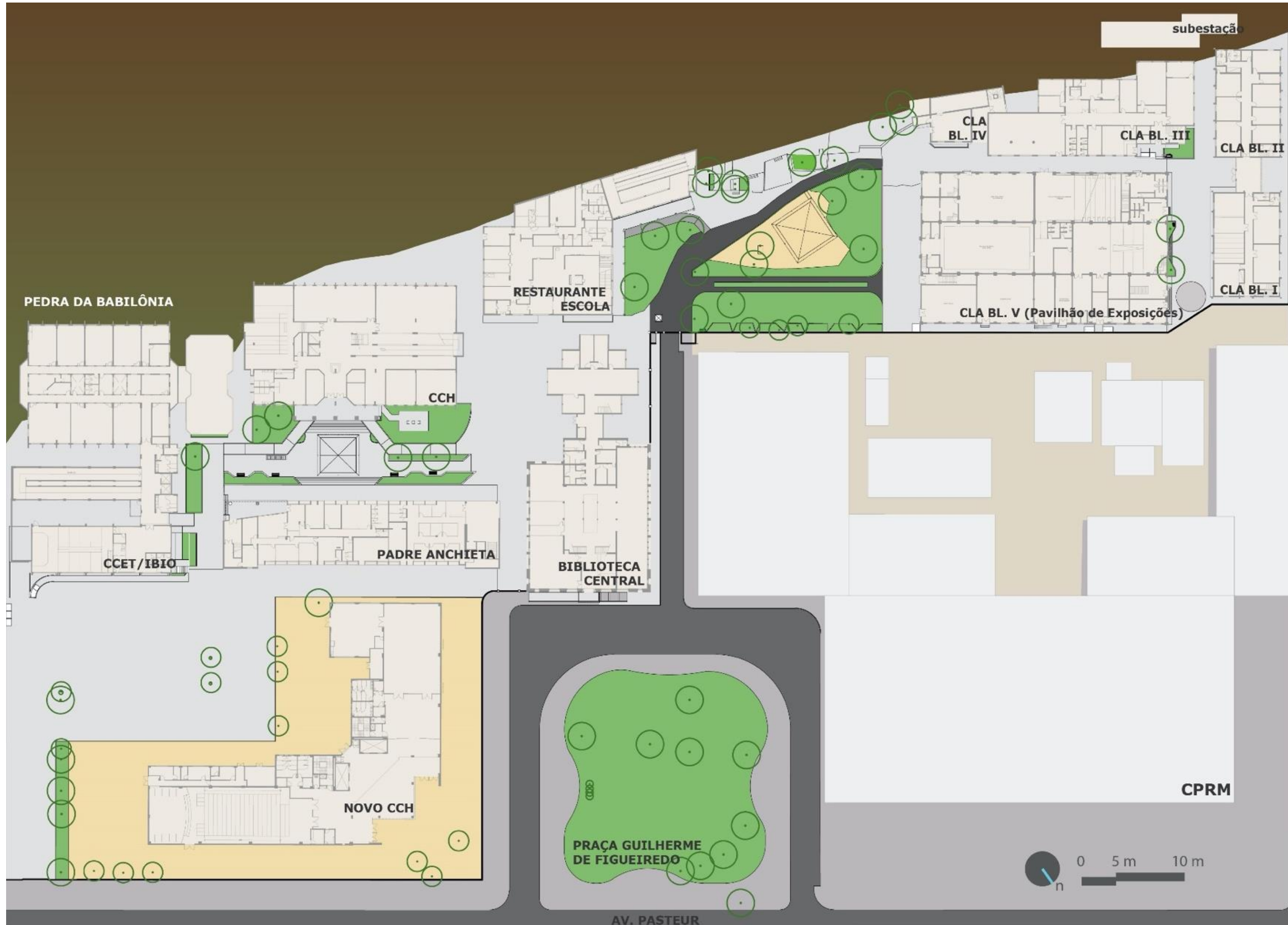
Escola Nacional de Química e
Instituto de Química

**Demolição da Faculdade
Nacional de Medicina**

APÊNDICE 7: QUADRO ANALÍTICO DOS ESPAÇOS LIVRES DO CAMPUS 436

nº	nome	Área (m²)	limites	função	atividades	usuários	vegetação	piso	elementos fixos	Autoria do Projeto
1	Praça Guilherme Figueiredo	4.000	CPRM, Biblioteca, Novo CCH, Av. Pasteur	acesso, estacionamento	moradores de rua, parada de ônibus, feira (eventual)	moradores de rua, alunos, moradores do bairro	árvores de grande e médio porte, gramado, arbustos	gramado, placas de granito	banca de flores, postes de iluminação, estátuas, árvores e arbustos	desconhecido
2	Espaço Mário de Andrade	2.300	muro, Bloco V CLA, Pedra da Babilônia, Restaurante Escola	acesso, circulação, permanência, convivência	apresentações musicais, apresentações teatrais, ensaios, reuniões, fila de espera Restaurante Universitário, comércio de quitutes	alunos, professores e funcionários	árvores de grande e médio porte, gramado	placas de granito, cimentado, gramado	guarita, orelhão, postes de iluminação, tenda de lona, canteiros ajardinados, superfícies sentáveis	-
3	Pátio do CLA	300	muro, Bloco I, II, III e V do CLA	circulação, convivência, permanência	apresentações musicais e ensaios, descanso dos funcionários	alunos, professores e funcionários	árvores de médio porte, gramado, arbustos	cimentado, cimento pintado	jardins, pedra fundamental	CE/UNIRIO – executado em parte
4	Acesso de Serviço	580	muro, Biblioteca Central, Restaurante Escola, Padre Anchieta	acesso, circulação	acesso de serviço para o restaurante universitário, circulação entre os prédios	alunos, professores e funcionários	não há	cimento, saibro	contêineres de depósito	-
5	Praça do CCH	1000	CCH, CCET/IBIO, Padre Anchieta	acesso, circulação, permanência, convivência, reuniões	convivência, reuniões, assembleias estudantis, apresentações musicais	alunos, professores e funcionários	árvores de grande e médio porte, gramado, arbustos	cimento, saibro, gramado	bancos de madeira, bicicletário, mastro de bandeiras	CE/UNIRIO
6	Estacionamento Novo CCH	2.900	muro, Novo CCH, Padre Anchieta, CCET/IBIO	acesso, estacionamento	acesso de veículos, estacionamento, canteiro de obras	alunos, professores e funcionários	árvores de médio porte	cimento, asfalto	postes de iluminação	CE/UNIRO

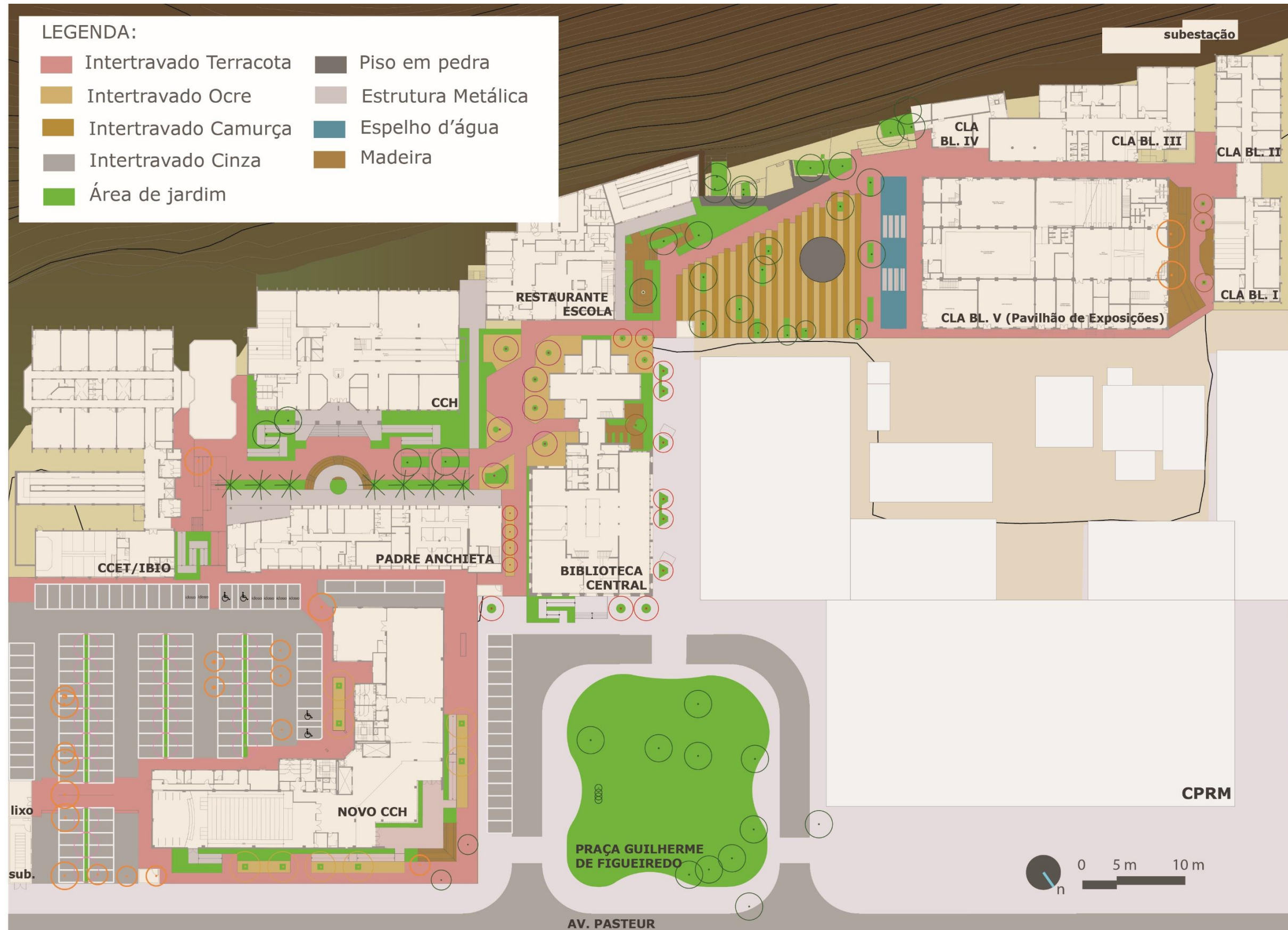
APÊNDICE 8: PLANTA DE SITUAÇÃO



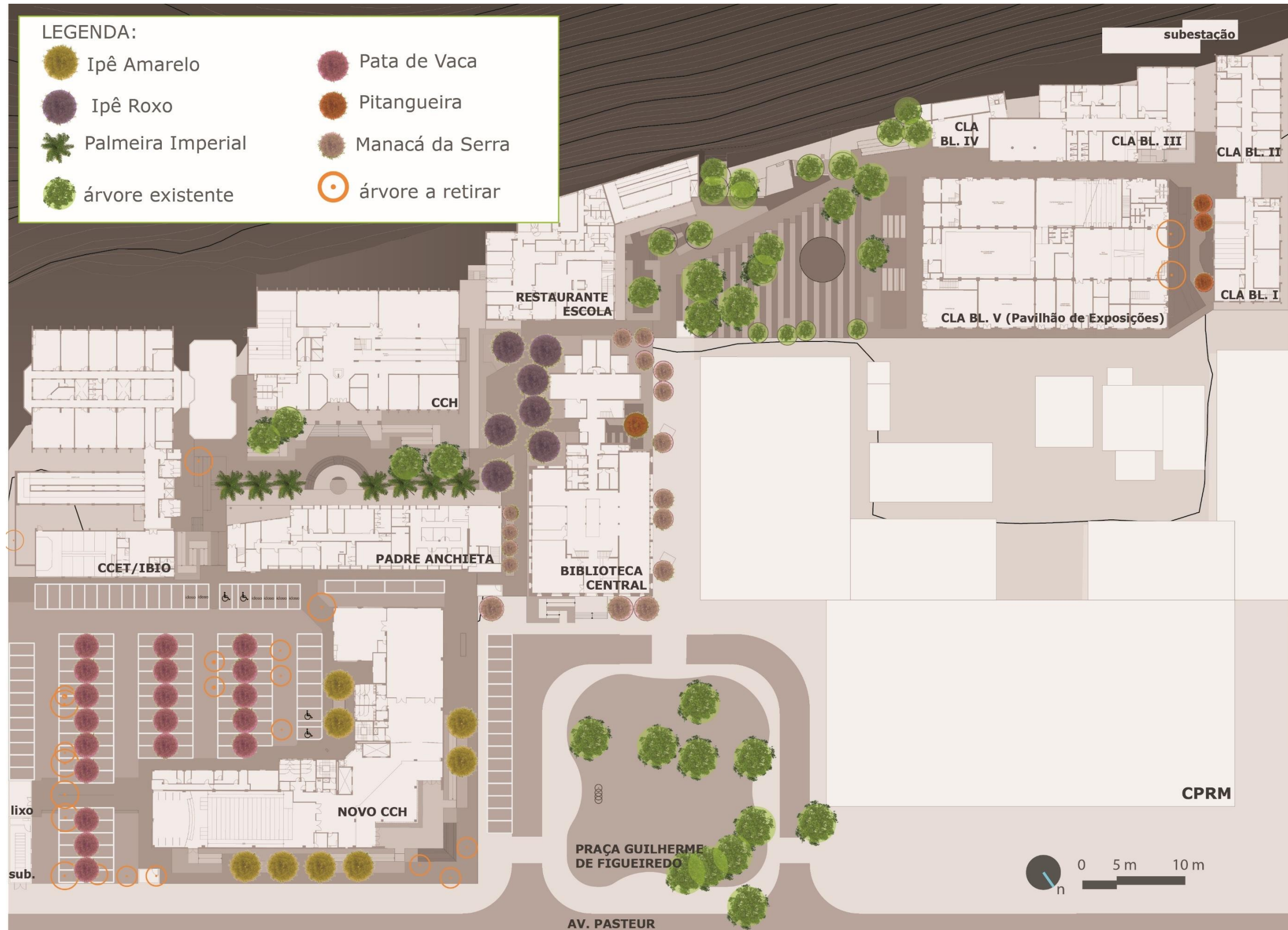
APÊNDICE 9: PLANO DE MASSAS









APÊNDICE 10: PLANTA DE PISO



APÊNDICE 11: PLANTA DE ARBORIZAÇÃO



APÊNDICE 12: TABELA DE ARBORIZAÇÃO

nome científico	nome popular	local	qtd	porte	altura	diâmetro do caule	tipo de copa	folhas	flores	época de floração	imagem
<i>Bauhinia variegata</i> ²⁷	Pata de vaca	Estacionamento	19	médio	7-10m	20-40cm	globosa	semidecídua	rosadas	jun-set	
<i>Tabebuia alba</i> ²⁸	Ypê Amarelo	Entrada do Novo CCH	8	grande	20-30m	40-60 cm	cônica	decídua	amarela	jul-set	
<i>Tabebuia avellanedae</i> ²⁹	Ipê-roxo	Praça de Boas-Vindas	7	grande	8-20m	60-90cm	globosa	decídua	roxas e abundantes	jul-agosto	
<i>Tibouchina Mutabilis</i> ³⁰	Manacá da Serra	Acessos	16	médio	7-12m	20-30cm	piramidal	perenifólia	saem lilases, mudando para róseas e depois branco	nov-fev	
<i>Roystonea oleracea</i> ³¹	Palmeira Imperial	Praça CCH	7		18-40m	45-60 cm				nov-jan	
<i>Eugenia Uniflora</i> ³²	Pitangueira	Praça CLA e Área de Leitura da Biblioteca	4	pequeno	6-8m	30-50 cm	globosa	semi-decídua		out-jan	

²⁷ Manual Técnico de Arborização Urbana com imagem de <https://www.vivadecora.com.br/pro/paisagismo/arvores-nativas/amp/>

²⁸(LORENZO, 1992), com imagem de <https://www.vivadecora.com.br/pro/paisagismo/arvores-nativas/amp/>

²⁹ (LORENZO, 1992), com imagem de <https://appverde.wordpress.com/2015/09/30/ipe-roxo-handroanthus-impetiginosus-2/>

³⁰ Manual Técnico de Arborização Urbana com imagem de <https://revistagloborural.globo.com/Cidades-Verdes/noticia/2015/09/7-arvores-para-plantar-em-um-ambiente-urbano.html>

³¹ Manual Técnico de Arborização Urbana com imagem de <https://www.vivadecora.com.br/revista/tipos-de-palmeiras/>

³² Manual Técnico de Arborização Urbana com imagem de <https://arbocenter.wordpress.com/tag/arvore-para-jardins/>

APÊNDICE 13: TABELA DE FLORAÇÃO

